

AGOSTINHO NETO

A MORTE DO 'HERÓICO LUTADOR PELA LIBERTAÇÃO DOS POVOS'



NOS JORNAIS
PORTUGUESES



sombra pela cintura

Agostinho Neto

**A morte do ‘heroico lutador
pela libertação dos povos’
nos jornais portugueses**

Introdução, recolha e edição por Francisco Topa



sombra pela cintura

Porto

Design gráfico da capa: Bruno Bento

Depósito legal

ISBN
978-989-53548-2-5

Entrei com a sombra pela cintura como algo conquistado
Com o sangue a escorrer-me para os pés. Mas mesmo
Que não sangrasse eu entrava em triunfo
Inteiramente vencido.

Daniel Faria

Porto • 2022

Índice

Uma lente-espelho com quase meio século	9
I. A notícia da morte	17
Morreu Agostinho Neto (<i>Diário de Lisboa</i> , 11 de setembro)	19
Eanes irá a Luanda (<i>Diário de Lisboa</i> , 11 de setembro)	22
Uíge e Malange: a última visita do presidente (<i>Diário de Lisboa</i> , 11 de setembro)	23
Duas provocações: Chipenda e a RDP (<i>Diário de Lisboa</i> , 11 de setembro)	24
Angola de luto pela morte de Agostinho Neto (<i>Diário de Notícias</i> , 12 de setembro)	25
A doença que o vitimou (<i>Diário de Lisboa</i> , 12 de setembro)	28
Agostinho Neto morreu em Moscovo (<i>O Dia de Amanhã</i> , 12 de setembro)	29
Impõe quem pode... (<i>O Dia de Amanhã</i> , 13 de setembro)	31
Angola de luto pela morte do dr. Agostinho Neto (<i>Expresso</i> , 15 de setembro)	32
Sucessor de Neto não será conhecido antes de 60 a 90 dias – Augusto de Carvalho (<i>Expresso</i> , 15 de setembro)	34
II. O funeral	39
Corpo de Neto espera mausoléu (<i>Diário de Lisboa</i> , 17 de setembro)	41
Corpo de Neto vai ser embalsamado (<i>Diário de Lisboa</i> , 17 de setembro)	43

III. Reações	51
Pesar em todo o mundo pela morte de Neto (<i>Diário de Lisboa</i> , 12 de setembro)	53
Profunda e generalizada emoção em Portugal (<i>Diário de Lisboa</i> , 12 de setembro)	55
Consternação mundial (<i>Diário de Lisboa</i> , 12 de setembro)	60
“Uma profunda angústia” (<i>Diário de Lisboa</i> , 12 de setembro)	64
Condolências portuguesas para Angola (<i>Diário de Lisboa</i> , 13 de setembro)	66
Profundas manifestações de pesar dos trabalhadores portugueses pela morte do presidente angolano (<i>Diário de Lisboa</i> , 14 de setembro)	69
Mensagem ao Povo Português (<i>Diário de Lisboa</i> , 14 de setembro)	72
Governo de Pequim exprime pesar pela morte do presidente de Angola (<i>Diário de Notícias</i> , 15 de setembro)	75
Neto merece a nossa admiração de portugueses e de europeus (<i>Diário de Lisboa</i> , 19 de setembro)	77
Soares e Cunhal impressionados com exéquias de Neto (<i>Diário de Lisboa</i> , 19 de setembro)	79
Espanha na expectativa do sucessor de Neto – G. Portocarrero de Almada (<i>Tempo</i> , 20 de setembro)	81
IV. Editoriais, comentários e análises	83
Um amigo do povo português (<i>Diário de Lisboa</i> , 11 de setembro)	85
Agostinho Neto – uma recordação – Mário Ventura (<i>Diário de Notícias</i> , 11 de setembro)	86
Uma vida dedicada ao povo angolano (<i>Diário de Lisboa</i> , 11 de setembro)	88
Saudades de Agostinho Neto – Fernando Piteira Santos (<i>Diário de Lisboa</i> , 12 de setembro)	91
Reforço da implantação popular do MPLA e do “não-alinhamento” comprometido (<i>Diário de Lisboa</i> , 12 de setembro)	94

A poesia ao serviço do combate (<i>Diário de Lisboa</i> , 12 de setembro)	99
Uma morte que pesa muito – Santos Ribeiro (<i>Jornal de Notícias</i> , 12 de setembro)	102
O melhor interlocutor com Angola – Fernando Lima (<i>Jornal de Notícias</i> , 12 de setembro)	105
Na morte de Neto – José Rui Cunha (<i>O Comércio do Porto</i> , 12 de setembro)	108
“Ele era um grande amigo do povo português” (<i>O Comércio do Porto</i> , 12 de setembro)	110
Agostinho Neto e as relações luso-angolanas – M. M. (<i>Diário de Notícias</i> , 13 de setembro)	112
A morte de Agostinho Neto – Silva Ramalho (<i>Tempo</i> , 13 de setembro)	115
À memória de Agostinho Neto – Raul Rêgo (<i>Diário de Notícias</i> , 14 de setembro)	118
Um herói eterno (<i>O Diário</i> , 15 de setembro)	123
A figura da semana: Agostinho Neto – Marcelo Rebelo de Sousa (<i>Expresso</i> , 15 de setembro)	124
A sagrada esperança de um homem – Óscar Lopes (<i>O Diário</i> , 15 de setembro)	127
Agostinho Neto (<i>O Dia de Amanhã</i> , 18 de setembro)	133
<i>Cartoon</i> – Augusto Cid (<i>O Diabo</i> , 18 de setembro)	134
Uma semana em revista: Terça-feira (11/9) (<i>O Diabo</i> , 18 de setembro)	135
A luta pelo poder já começou em Angola (<i>O Diabo</i> , 18 de setembro)	136
A herança de Neto – António de Figueiredo (<i>Diário de Notícias</i> , 19 de setembro)	142
A morte de um homem – Manuel de Portugal (<i>Tempo</i> , 20 de setembro)	149
Ódio em vez de amor – Händel de Oliveira (<i>Tempo</i> , 20 de setembro)	153

Agostinho Neto – Vítor Pereira (<i>Tempo</i> , 20 de setembro)	155
O espírito de Bissau após a morte de Agostinho Neto – Diogo Pires Aurélio (<i>Diário de Notícias</i> , 21 de setembro)	157
A URSS em vias de perder parte da sua influência (<i>O Dia de Amanhã</i> , 22 de setembro)	160
Angola sem Agostinho Neto – Orlando Romano (<i>O Comércio do Porto</i> , 23 de setembro)	163
A memória de Alvor – Adriano Moreira (<i>O Primeiro de Janeiro</i> , 28 de setembro)	165
Alvor em Luanda – Adriano Moreira (<i>O Dia de Amanhã</i> , 29 de setembro)	168
As lágrimas do Presidente (<i>O Diabo</i> , 2 de outubro)	172
V. Homenagens	175
E pedi-lhe perdão – José Gomes Ferreira (<i>Diário de Lisboa</i> , 14 de setembro)	177
Agostinho Neto: no dia seguinte ao da tua morte – Alexandre Píneiro Torres (<i>África</i> , jan.-mar. 1980)	179
Último olhar sobre Agostinho Neto – Egito Gonçalves (<i>África</i> , jan.-mar. 1980)	182
Na morte de Agostinho Neto – Manuel Alberto Valente (<i>África</i> , jan.-mar. 1980)	184
Fala em voz baixa com Agostinho Neto – Orlando da Costa (<i>África</i> , jan.-mar. 1980)	186
VI. Reportagens	191
Angola: quatro anos independente – 1: O choro não pára o futuro – Rogério Vidigal (<i>Diário de Lisboa</i> , 24 de setembro)	193
Angola: quatro anos independente – 2: “Já há mandioqueiras à volta de Luanda” – Rogério Vidigal (<i>Diário de Lisboa</i> , 25 de setembro)	197

Angola: quatro anos independente – 3: “Nós somos as sementes lançada na floresta...” – Rogério Vidigal (<i>Diário de Lisboa</i> , 26 de setembro)	201
Angola quatro anos independente – (conclusão): “Não devemos deixar limitar ou depor o nosso combate” – Rogério Vidigal (<i>Diário de Lisboa</i> , 27 de setembro)	205
VII. Apêndice: três documentos da solidariedade internacional pré-1975	209
1. Apelo de intelectuais estrangeiros ao Presidente Craveiro Lopes datado de 10 de novembro de 1955	211
2. Apelo de intelectuais franceses ao Presidente Craveiro Lopes datado de 22 de novembro de 1955	216
3. Apelo de escritores ingleses e irlandeses a favor da libertação de Agostinho Neto em 2 de outubro de 1961	219

Uma lente-espelho com quase meio século

O Demónio de Maxwell

Esquecer liberta energia sob a forma
de calor.

Recordar faz frio.

Rui Lage, *Firmamento*

Poderá parecer estranho abordar a morte de Agostinho Neto no momento em que se assinalam cem anos do seu nascimento. Acontece que o objetivo deste volume não é tanto discutir a morte do primeiro presidente de Angola, mas antes avaliar o modo como ela foi representada nos jornais portugueses, admitindo como hipótese de partida que tal exercício, para além de ajudar a compreender a figura do autor de *Sagrada Esperança*, poderá também fornecer elementos para a compreensão do Portugal da época e do estado das suas relações com Angola.

Para isso, consultei as edições de uma série de periódicos portugueses vindas a lume nos dias e semanas consecutivos à morte de Neto, ocorrida a 10 de setembro de 1979. Embora sem a preocupação da exaustividade, procurei que o *corpus* fosse representativo, incluindo assim os periódicos de maior circulação, conjugando diários e semanários, publicações de Lisboa e do Porto e – sobretudo – órgãos noticiosos de diversas orientações políticas, da esquerda (*O Diário*, *Diário de Lisboa*, de alguma forma *Diário de Notícias*), da direita (*O Dia* – que na altura se intitulava *O Dia de Amanhã* –, os semanários *Tempo* e *O Diabo*) e outros de inclinação menos vincada (como o semanário *Expresso* e os diários do Porto). O material coletado atingiu um volume considerável, embora parte dele não justificasse a sua reprodução, dado que se tratava da transcrição mais ou menos direta de informação difundida pelas agências noticiosas. Mesmo assim, a dimensão e a diversidade do conjunto justificaram a

sua repartição por seis grupos, seguidos de um apêndice: respeitando a ordem cronológica, o volume começa com a notícia da morte, avançada logo no dia 11 – ainda sem confirmação oficial – pelo *Diário de Lisboa*, seguindo-se as peças que cobrem o funeral e as reações, nacionais e internacionais. A parte porventura mais interessante é a que inclui os editoriais, análises, comentários e depoimentos. Vêm depois as homenagens (parte das quais publicada, não em jornal, mas numa revista saída no primeiro trimestre do ano seguinte) e as reportagens (na verdade, uma só reportagem, dividida em quatro capítulos, assinada pelo enviado especial do *Diário de Lisboa*).

Olhando para o material no seu todo, é possível fazer de imediato várias observações. Em primeiro lugar, espanta talvez que, quatro anos depois da independência de Angola, o tema tenha assumido tão grande repercussão: muitos dos jornais fazem da notícia tema de capa durante vários dias; é grande o espaço dispensado às reações de personalidades, partidos, organizações sindicais e de outro tipo; são muitos os editoriais e as colunas de opinião que se pronunciam sobre o acontecimento; e são significativos – pelo conteúdo e pelos seus autores – os textos que homenageiam o defunto presidente. À distância de mais de quarenta anos, percebemos que vários motivos explicavam o comportamento da imprensa escrita: Angola tinha sido a mais importante – do ponto de vista económico, mas também afetivo – das antigas colónias africanas e aí tinham começado as lutas de libertação; de lá tinha vindo a maior parte do enorme contingente dos impropriamente chamados *retornados*; Agostinho Neto tinha criado laços fortes com Portugal e com muitos dos seus dirigentes ou ex-dirigentes, representando para alguma esquerda a sobrevivência daquilo que era designado como *espírito de Abril*.

Em segundo lugar, surpreende um certo equilíbrio na avaliação da figura de Neto. Obviamente que há posições extremadas de ambos os lados: se, de uma parte, há uma organização sindical que o proclama como “a grande figura do heróico lutador pela libertação dos povos” (p. 70), há também quem o dê como “um peão num xadrez em que há abundantes pedras na gaveta” (p. 117) e quem exprima o desejo de “Que a terra lhe seja mais leve do que o monte de cadáveres que a sua política originou.” (p. 135). Apesar disso, o tom dominante é de moderação: mesmo o jornal *O Dia da Amanhã*, numa peça não assinada inserida na 1.ª página de 12 de setembro, escreve a certa altura: “Campeão da independência e da liberdade, Neto deve ter morrido inconformado.

No mais profundo do seu ser, o presidente devia lamentar não ter podido ser eleito por todos os seus concidadãos.” (p. 30).

Por outro lado, nota-se a preocupação com o futuro, considerado numa tripla dimensão: ao nível de Angola, no espaço da África setentrional e nas relações com Portugal. São vários os comentadores que exprimem o receio (nalguns casos até a certeza) de que a sucessão de Neto pudesse desencadear lutas no interior do MPLA, agravando assim a situação do país. Por outro lado, vários outros entendem que o desaparecimento do primeiro presidente de Angola iria enfraquecer os movimentos de libertação de países como a Namíbia e o Zimbábwe. Além disso, os analistas são quase unânimes na ideia de que este acontecimento iria dificultar a aproximação entre Portugal e Angola, retomada com o empenho de Neto depois da cimeira de Bissau realizada no ano anterior.

Há também no material reunido no volume uma dimensão de história, que já está razoavelmente fixada, embora alguns dos seus pormenores tenham caído no esquecimento. Do lado de Portugal, refira-se a ida do Presidente da República, Ramalho Eanes, a Luanda para assistir às cerimónias fúnebres – o que representava a primeira viagem a Angola de um chefe de estado nacional depois da independência. Recorde-se também que a deslocação ocorreu num momento difícil da vida política lusa: Eanes dissolvera a Assembleia da República, o governo Pintassilgo chegara ao fim e o país iria novamente a eleições, marcadas para 2 de dezembro. De resto, Portugal esteve fortemente representado no funeral de Neto: o Conselho da Revolução enviou Melo Antunes, Ribeiro Cardoso e Marques Júnior, ao passo que o governo se fez representar pelos secretários de Estado Paulo Enes (Negócios Estrangeiros) e Helder Macedo (Cultura). Também os dois principais partidos políticos de esquerda, PS e PCP, enviaram delegações de peso: Mário Soares, Manuel Alegre e Manuel Tito de Morais, pelo primeiro; e Álvaro Cunhal e Álvaro Veiga de Oliveira, pelos comunistas.

Quanto ao funeral em si, as particularidades estão registadas na historiografia angolana, mas vale a pena prestar atenção aos aspetos sublinhados pela imprensa portuguesa, através dos seus enviados especiais ou da mera reprodução dos despachos das agências noticiosas. Por um lado, nota-se a dimensão da multidão que assiste à chegada do corpo e participa depois nas cerimónias fúnebres. Há também quem sublinhe a relação quase pessoal que muitas pessoas revelam sentir com o defunto presidente, a quem se referem como

“Netinho”. Destaque particular é dado ao número e à composição das delegações estrangeiras, havendo contudo alguma divergência quanto à sua avaliação: para alguns articulistas, tratou-se de uma prova da dimensão internacional de Agostinho Neto, ao passo que para outros a proveniência africana da maioria dos dignitários confirmaria uma dimensão apenas regional do autor de *A Renúncia Impossível*.

Como disse atrás, a parte mais interessante para o leitor de hoje é certamente a dos editoriais, análises, comentários e depoimentos, na medida em que é aí que se faz a avaliação da figura de Neto e das consequências da sua morte, acrescentando o facto de os textos serem quase sempre assinados e por figuras que pontificavam no domínio do jornalismo, da atividade política, da academia, quase todas já falecidas (Piteira Santos, Mário Ventura, Cal Brandão, Raul Rêgo, Óscar Lopes, Augusto Cid), mas algumas ainda vivas (Fernando Lima e Diogo Pires Aurélio) e em plena atividade (como Marcelo Rebelo de Sousa e Adriano Moreira). Ainda que alguns textos sejam um tanto *redondos*, pelo facto de os seus autores evitarem tomar uma posição clara perante o acontecimento e perante a figura, e de outros serem prejudicados pela nota pessoal que deriva para uma espécie de autoelogio, há vários outros que se destacam pela finura da análise política (independentemente de se concordar ou não com ela) ou pelo que revelam do Portugal da época. Numa outra categoria, isolada, ressalta o texto de Óscar Lopes, saído logo a 15 de setembro em *O Diário*, e que aliás voltaria a ser publicado mais duas vezes, uma em plaquete e outra em livro coletivo. No registo de férrea humildade que o caracterizava (e que, curiosamente, o autor reconhece no próprio Neto), Óscar Lopes apresenta um conjunto daquilo a que chama *flashes* e que, no seu entender, revelariam a personalidade do Presidente angolano, em algumas das suas facetas: a de resistente ao fascismo, a de líder e a de comunicador, capaz de transmitir “tudo o que só um revolucionário em perfeita e longa sintonização com o seu povo sabe ser necessário dizer-se, numa hospitaleira camaradagem que se sentia decorrer em casa sua.” (p. 129). Além disso, em breve parágrafo, identifica o que considera ser o ponto essencial da poesia de Neto: o facto de ela não dizer “um «eu» que se não entenda imediatamente como «nós»” (p. 131). E termina o texto com uma certeza e uma proclamação quase lírica: a certeza, contrária à de outros analistas, de que “Neto, como todos os grandes políticos, como todos os grandes mestres, soube dentro do

humanamente possível, criar as condições necessárias para se não tornar insubstituível.” (p. 131); a proclamação de que “A sagrada esperança somos carnalmente nós, a vanguarda unida e inumerável de todos aqueles que se educaram na mesma escola internacionalista onde se educou Agostinho Neto.” (p. 132). Como se percebe facilmente, neste como noutros casos, temos uma lente que se transforma em espelho, um retrato que se converte em autorretrato.

Os textos daquilo a que chamei homenagem ocupam a quinta parte do volume e combinam a poesia com a prosa, sendo assinados por nomes importantes da literatura portuguesa, quase todos comprometidos com a resistência antifascista. Oscilando entre um registo mais pessoal e memorialista e um estilo mais metafórico, sublinham a dimensão múltipla de Agostinho Neto (“Veste despe veste a bata/ médico que é poeta/ tem divisas de enfermeiro/ e farda de guerrilheiro”, escreve Orlando da Costa, p. 179) e denotam, de modo mais ou menos direto, a sintonia com o projeto e os valores que animavam o homenagemado.

O volume encerra com uma interessante reportagem do já falecido jornalista Rogério Vidigal, que tenta perceber e avaliar as transformações por que o país passara desde a independência. Apesar de hoje estranharmos uma certa falta de precisão e de objetividade, o trabalho destaca-se por ser o único que tenta ver além do momento e por contrariar a imagem um tanto catastrofista que dominava à época em Portugal.

Em apêndice, decidi editar três documentos referentes a episódios da solidariedade internacional de que Agostinho Neto foi objeto antes de se tornar Presidente de Angola. Tais factos são frequentemente referidos nas biografias do autor de *Fogo e ritmo*, mas quase sempre de um modo impreciso que se repete e se amplia.

Os dois primeiros dizem respeito a um apelo de intelectuais estrangeiros – sobretudo franceses –, dirigido ao Presidente da época, o General Craveiro Lopes, em novembro de 1955. Mas os documentos que agora reproduzo, edito e anoto não esclarecem definitivamente a questão. Trata-se da transcrição (com muitas falhas que poderão ser do original) de telegramas dirigidos a Craveiro Lopes. Os documentos fazem parte do Espólio Pinto Quartin – intelectual português e ativista do anarquismo que viveu entre 1887 e 1970 –, guardado no Arquivo de História Social do Instituto de Ciências Sociais da

Universidade de Lisboa. Não são conhecidas, porém, as condições em que os papéis foram produzidos e incorporados no conjunto. Por outro lado, também não consegui localizar os originais. Além disso, não é certo que seja esta a base para a frequente afirmação de que numerosos e importantes intelectuais vieram a público pedindo a libertação de Neto. De facto, o que a transcrição dos dois telegramas revela é um pouco diferente: é verdade que se trata de um apelo à libertação de presos, mas não apenas de Neto: são referidos vários outros nomes – uns mais conhecidos (como Ângelo Veloso e Pedro Ramos de Almeida), outros menos –, todos membros do MUD Juvenil e alguns deles militantes do PCP. Por outro lado, a ênfase é colocada num detido em particular, Hermínio Marvão, que estaria a necessitar de assistência médica. O conteúdo dos dois telegramas é semelhante, embora o segundo seja mais curto. Além disso, há diferença nos subscritores: o primeiro apresenta um total de 42 nomes de intelectuais, maioritariamente escritores e franceses, mas há também pintores, músicos, filósofos, alguns de outras nacionalidades; o segundo é assinado por dez intelectuais franceses, quase todos escritores. Muitas destas figuras eram militantes ou simpatizantes do Partido Comunista Francês.

O terceiro documento não oferece dúvidas: trata-se de um apelo publicado no *The Times*, dirigido ao governo português através do diretor do jornal, pedindo a libertação de Neto. O texto é subscrito por oito escritores ingleses e irlandeses – entre eles a futura Prémio Nobel Doris Lessing –, provavelmente mobilizados por Basil Davidson, um jornalista e historiador, especializado em temas africanos e que dedicou uma atenção especial à África de língua portuguesa.

Uma nota final sobre os textos do livro. O leitor notará que o maior número de peças provém do *Diário de Lisboa*, o que não decorre de nenhuma preferência pessoal. Acontece que este diário acompanhou de forma mais próxima a morte de Neto e foi dos poucos que enviaram um jornalista a Luanda. Por outro lado, alguns das peças dele provenientes são, na verdade, mais ou menos comuns a outros periódicos, uma vez que se baseiam em despachos das agências noticiosas.

O material reproduzido é quase todos escrito, mas há também várias fotografias – que não são meras ilustrações, antes constituem importantes documentos. Uma delas, que dá conta da emoção do Presidente português Ramalho

Eanes (p. 41), converter-se-ia ela mesma em objeto de análise, sendo comentada em registos diversos. Além disso, reproduzo um *cartoon* de Augusto Cid, vindo a lume em *O Diabo*.

Quanto à edição propriamente dita, faço notar que respeitei os originais, não corrigindo nem assinalando erros factuais e mantendo a ortografia da época. Emendei apenas gralhas evidentes, resultantes de erros mecânicos, assinalando com [*sic*] dois ou três casos em que a correção não podia ser feita sem dúvida. Por fim, importa dizer que, por razões de estética gráfica, substituí por itálico o negrito usado no chamado *lead*.

Resta esperar que o leitor veja alguma utilidade nesta tentativa de recuperação de um episódio importante da história luso-angolana (ou angolano-lusitana) e da relação entre os dois países.

I. A notícia da morte

Confirmado pelo Bureau Político do MPLA

MORREU AGOSTINHO NETO

O Presidente da República Popular de Angola, dr. Agostinho Neto, faleceu na noite de ontem para hoje em Moscovo – informou às 10,56 desta manhã a agência AFP, citando “fontes diplomáticas africanas fidedignas” de Moscovo e acrescentando que a notícia da morte do prestigioso dirigente angolano foi comunicada aos diplomatas africanos em Moscovo por fonte oficial soviética. Por sua vez a ANOP, citando fontes africanas na capital soviética, informou ao fim da manhã de hoje que a comunicação sobre a morte do Presidente Agostinho Neto só seria dada depois de reuniões das autoridades angolanas. Mais nenhum pormenor era referido. Segundo a AFP, às 10h30 desta manhã reinava a calma em Luanda onde se desconhecia ainda a notícia da morte de Agostinho Neto. Nem a rádio nem a agência oficial ANGOP tinham divulgado qualquer notícia sobre a morte de Agostinho Neto. Apenas a notícia do “estado preocupante” da saúde do Presidente fora divulgada pelos meios de comunicação angolanos.

A mesma agência informava que Lúcio Lara, secretário do CC do MPLA e próximo colaborador do Presidente Neto partira para Moscovo logo que foi conhecido o agravamento do estado de saúde do Presidente.

Às 9,25 da manhã de hoje, a agência Reuters difundia a notícia do falecimento de Agostinho Neto, citando “círculos diplomáticos africanos autorizados” na capital soviética e especificando que o Presidente falecera na sequência de uma operação a um cancro.

Menos de uma hora antes, a mesma agência transmitia uma comunicação de Rádio Luanda captada em Londres, segundo a qual o Presidente Agostinho Neto tinha sido submetido a uma operação cirúrgica na URSS e o Governo angolano se mostrava preocupado acerca do seu estado. A Rádio acrescentou que o CC do MPLA-Partido dos Trabalhadores [*sic*], decidira enviar à URSS uma delegação constituída por Lúcio Lara e Pascoal Luvualu “para seguir de

perto a evolução do estado de saúde do Presidente Neto”. A rádio não revelou a natureza do mal do Presidente.

Diário de Lisboa Setembro 1979 Terça-feira 11

Fundador Joaquim Manso Director A. Buelto Ramos Director-adjunto Fernando Piteira Santos

CONFIRMADO PELO BUREAU POLITICO DO MPLA

Morreu Agostinho Neto

Um amigo do povo português

A notícia da morte do dr. Agostinho Neto, Presidente da República Popular de Angola, chegou rapidamente ao conhecimento do MPLA, não representando uma grande surpresa para Angola. O MPLA, além disso, também, uma grande perda para Portugal. Porém, como Dr. Agostinho Neto, Portugal perde um verdadeiro amigo, conhecido e estimado em Portugal, que com o seu espírito de liberdade e de justiça, que participou na luta pela libertação dos povos africanos e europeus, deixou um legado de honra e de exemplo para a humanidade.

O Presidente da República Popular de Angola, dr. Agostinho Neto, faleceu na noite de ontem para hoje em Moscovo – informou às 10,56 desta manhã a agência AFP, citando «fontes diplomáticas africanas fiáveis» em Moscovo e acrescentando que a notícia da morte do prestigioso dirigente angolano foi comunicada aos diplomatas africanos em Moscovo por fonte oficial soviética. Por sua vez a ANOP, citando fontes africanas na capital soviética, informou ao fim do manhã de hoje, que a comunicação sobre a morte do Presidente Agostinho Neto só seria dada depois de reuniões das autoridades angolanas. Mais nenhum pormenor era referido. Segundo a AFP, às 10,20 desta manhã reinava a calma em Luanda onde se desconfia ainda a notícia da morte de Agostinho Neto. Nem a rádio nem a agência oficial ANOP tinham divulgado qualquer notícia sobre a morte de Agostinho Neto. Apenas a notícia do «estado preocupante» de saúde do Presidente fora divulgada pelos meios de comunicação angolanos.

A mesma agência informava que Lúcio Lara, secretário do CC do MPLA e próximo colaborador do Presidente Neto partiria para Moscovo, logo que foi conhecido o agravamento do estado de saúde do Presidente.

As 10,16 desta manhã, o Bureau Politico do MPLA anunciou em comunicado a morte do Presidente Agostinho Neto.

Redores, decidiu enviar a URSS uma delegação constituída por Lúcio Lara e Piteira Santos para seguir de perto o estado de saúde do Presidente Neto. A delegação chegou a Moscovo às 10,16 desta manhã, a ANOP referia a morte do Presidente.

Um repórter da Reuters, que em Moscovo se deslocou à embaixada da República Popular de Angola para obter a confirmação oficial do falecimento do presidente Agostinho Neto, recebeu a resposta de que a morte “não era oficialmente verdadeira” e de que ainda hoje seria feita uma comunicação oficial sobre o assunto.

Diário de Lisboa, 11 de setembro de 1979, p. 1

Às 10,16 desta manhã, a ANOP referia a morte de Agostinho Neto, citando fontes africanas bem informadas de Moscovo, e transmitindo uma notícia da agência norte-americana UPI.

Indicações não confirmadas referem que o Presidente Neto sofria de leucemia e de perturbações cardíacas e hepáticas.

Um repórter da Reuters, que em Moscovo se deslocou à embaixada da República Popular de Angola para obter a confirmação oficial do falecimento do presidente Agostinho Neto, recebeu a resposta de que a morte “não era oficialmente verdadeira” e de que ainda hoje seria feita uma comunicação oficial sobre o assunto.

Contudo o teor da comunicação não foi revelado.

Esta manhã, em Lisboa, não foi possível obter qualquer confirmação oficial da embaixada da República Popular de Angola, que disse ao DL não ter conhecimento do falecimento do Presidente Agostinho Neto. Contactadas por nós, a embaixada da URSS em Lisboa e a delegação da agência “Novosti”, também não nos foi possível obter a confirmação da notícia.

Idênticas diligências realizou a ANOP, com as mesmas respostas. Entrevistado, um dos médicos portugueses do dr. Agostinho Neto declarou à agência noticiosa que tinha conhecimento de que “a situação clínica do Presidente angolano era grave e inquietante” e de que “Agostinho Neto se deslocou à União Soviética com a finalidade de ser tratado”. Em contacto com a agência oficial angolana ANGOP, a ANOP recebeu a resposta de “não haver confirmação em Luanda da notícia da morte de Agostinho Neto”.

Interrogada pela ANOP sobre se não haveria desmentido, a ANGOP respondeu: “A única informação que temos é somente [*sic*] essa. Essa notícia não tem qualquer confirmação aqui em Angola”.

Sabe-se de fonte oficial angolana (um comunicado conjunto da Comissão Política e do secretariado do CC do MPLA, divulgado às primeiras horas de hoje pela ANGOP) que partiu para Moscovo uma delegação da Comissão Política, composta por Lúcio Lara e Pascoal Luvualu, “para mais de perto seguir a evolução do estado de saúde do Presidente Neto”.

No mesmo comunicado afirmava-se que o Presidente Neto, que se “encontra de visita privada e de amizade à URSS, foi operado e o seu estado de saúde às 15 horas de segunda-feira era preocupante”.

O Presidente Neto partiu em visita particular para a URSS na passada quinta-feira. Não foi na altura revelado o motivo desta visita, tendo os observadores salientado o facto de Agostinho Neto não se deslocar à capital cubana, onde decorria na altura a VI Cimeira dos Não-Alinhados.

Desde que Agostinho Neto chegou à URSS que não foi dada qualquer notícia sobre o lugar onde ele se encontrava naquele país, facto que suscitou rumores.

As autoridades angolanas desmentiram anteriormente notícias segundo as quais Agostinho Neto sofria de leucemia e estava a ser tratado por destacados especialistas soviéticos.

Fontes diplomáticas africanas em Moscovo revelaram ao fim da manhã de hoje à Reuters que havia chegado à capital soviética uma delegação da República Popular de Angola, na qual se incluíam altos funcionários do MPLA e do governo. Funcionários do Kremlin aguardavam no aeroporto os visitantes. Ao que parece a delegação terá vindo de Havana. Não se soube se era a mesma delegação atrás referida, mas segundo a Reuters, é provável que se trate exactamente dessa delegação.

Diário de Lisboa, 11 de setembro de 1979, p. 1

EANES IRÁ A LUANDA

Ao fim da manhã de hoje na Presidência da República, em Belém, não havia qualquer tomada de posição oficial sobre a morte do presidente Agostinho Neto.

“Estamos apenas a tentar confirmar oficialmente” – disseram-nos.

O *Diário de Lisboa*, contudo, soube de fontes próximas de Belém que se encontra muito provável, desde já, a deslocação do Presidente Eanes a Luanda, a fim de assistir aos funerais do presidente Agostinho Neto.

Entretanto, numa ronda que efectuámos junto das principais forças políticas portuguesas, nenhuma delas se quis pronunciar, uma vez que – disseram – não havia qualquer confirmação oficial.

Diário de Lisboa, 11 de setembro de 1979, p. 20

ÚÍGE E MALANGE: A ÚLTIMA VISITA DO PRESIDENTE

O estado de saúde do presidente angolano, Agostinho Neto, era já motivo de preocupação antes da sua partida para a capital soviética em 6 de Setembro.

O Chefe de Estado tinha sido convidado oficialmente por Fidel Castro para a cimeira dos Países Não-Alinhados em Havana. Ora, enquanto a cimeira dos chefes de Estado prosseguia na capital cubana, o presidente Neto partia para Moscovo em “visita particular e de amizade”.

A sua partida ocorria apenas alguns dias depois do final de uma viagem, que efectuou durante uma semana no interior de Angola, às províncias de Uíje e Malanje. O presidente Agostinho Neto tinha regressado visivelmente cansado e chegara mesmo a hesitar em pronunciar um dos discursos previstos perante uma multidão de vários milhares de pessoas entusiasmadas. No entanto, fez uso da palavra, pedindo desculpa pela sua voz “artificial”.

Nada porém deixava adivinhar a gravidade do seu estado, embora em 1978 o presidente Agostinho Neto já tivesse ido a Moscovo, onde esteve várias semanas em visita de trabalho durante as quais provavelmente seguiu um regime de tratamento médico.

Parece que o chefe de Estado angolano tinha esgotado as suas últimas forças nesta viagem à província em Angola em que pôde ter contacto com aquele povo angolano por que tinha tanta admiração. Aliás este correspondia-lhe bem.

Literalmente prostrada com a notícia da morte, a secretária da delegação da Agência France Press em Luanda teve uma crise de lágrimas, recusando-se a acreditar.

Diário de Lisboa, 11 de setembro de 1979, p. 20

DUAS PROVOCAÇÕES: CHIPENDA E A RDP

Provocadores profissionais ao serviço da RDP/Comercial foram ouvir, a propósito da morte do presidente Agostinho Neto, o “dissidente” angolano Daniel Chipenda.

Como se da coisa mais natural e “pluralista” se tratasse, aqueles profissionais da desinformação puxaram do número de telefone de Chipenda – certamente sempre à mão para qualquer eventualidade – e, vai daí, deram-lhe voz no noticiário do meio-dia, perguntando com toda a deferência:

“Está? É o sr. Chipenda? Desculpe incomodá-lo, mas queríamos saber a sua opinião sobre a morte de Agostinho Neto e o futuro de Angola”.

Claro que Chipenda, aproveitando a oferta dos seus amigos ainda na RDP, “lamentou” a “morte do Agostinho”, “um quadro que desapareceu” e, logo de seguida, lançou um “apelo”, perorando sobre a “nação angolana” e o “regresso de todos a Angola”.

Simplesmente inacreditável que isto possa acontecer na rádio do Portugal depois de Abril. Até quando?

Diário de Notícias, 12 de setembro de 1979, p. 4

ANGOLA DE LUTO PELA MORTE DE AGOSTINHO NETO

A notícia da morte de Agostinho Neto paralisou Angola, onde, por toda a parte, homens e mulheres de todas as idades e de todas as condições sociais choram a morte do presidente. Nas ruas das cidades o movimento é muito inferior ao normal e, em Luanda, vive-se num ambiente de luto. Grande parte do comércio e dos estabelecimentos comerciais encerraram logo que foi conhecida a notícia, embora os serviços públicos se mantenham em funcionamento.

Esta consternação geral justifica-se tanto mais quanto o desaparecimento do presidente angolano, falecido segunda-feira em Moscovo, cria um vazio que será difícil de preencher não apenas em Angola como, ainda, em toda a África Central.

Para todos os observadores, sem excepção, Agostinho Neto simbolizava a unidade nacional num país que foi dilacerado por duas guerras sucessivas que duraram, na totalidade, mais de 15 anos.

A primeira guerra de libertação, contra Portugal, durou 14 anos, de 1961 a 1975, ano em que foi proclamada a independência. O nascimento, em 11 de Novembro desse ano, da República Popular de Angola não resolveu, contudo, todos os problemas com que o país se debatia, pois o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), dirigido pelo presidente Neto, tinha de se confrontar com os dois movimentos rivais, a UNITA, de Jonas Savimbi, activo no sul; e a FNLA, de Holden Roberto.

A segunda "guerra de libertação", contra aqueles movimentos, conduziu à vitória do MPLA, que, no decurso dos anos que transcorreram desde então, não mais deixou de se afirmar como o único representante do Estado angolano.

Reconhecida praticamente por todos os países, Angola, sob a presidência de Agostinho Neto, soube estabelecer sólidos laços com os restantes Estados africanos e com a maioria dos países das Américas, da Europa e da Ásia,

embora a maior parte da assistência económica e técnica que recebia fosse proveniente da URSS e dos seus aliados.

Tendo adoptado uma linha marxista-leninista científica, Angola abriu-se ao Mundo e afirmou a sua posição internacional. No entanto, as dissensões internas quanto à linha política não estavam ausentes do Comité Central do MPLA, e uma grave crise veio à superfície durante uma sessão do órgão central, de onde acabaram por ser excluídos, por fraccionismo, vários membros, entre os quais Nito Alves, ministro do Interior. Em 2 de Maio de 1979, foi dominada uma tentativa de golpe levada a cabo pelos fraccionistas.

Todavia, esta tendência parece não ter desaparecido logo a seguir ao esmagamento da intentona. Os órgãos da Imprensa denunciaram várias vezes esta situação desde o começo deste ano e o presidente Neto, num recente discurso proferido em Benguela, anunciou profundas alterações no seu governo. Ao mesmo tempo, o presidente denunciava a pequena burguesia, que acusava de provocar o fraccionismo.

No dia 6 do mês passado, uma comissão de controlo do partido reuniu pela primeira vez para “criticar o Bureau Político, o Comité Central ou o seu Secretariado, se por qualquer motivo detectar erros”. E o presidente Neto não se excluía a si mesmo de eventuais críticas, colocando publicamente a questão: “As medidas que tomo são justas ou não?”.

Agostinho Neto esteve três vezes na União Soviética depois de se tornar presidente. Durante, pelo menos, uma dessas visitas, em Setembro de 1977, pensa-se que consultou médicos soviéticos.

Foi o Bureau Político do MPLA-Partido do Trabalho que anunciou, oficialmente, a morte do presidente, através de um comunicado difundido pela rádio nacional, que anunciou igualmente ter sido decretado luto nacional durante 45 dias.

O comunicado, transmitido às 14 horas locais (13 de Lisboa), foi seguido por dois minutos de silêncio na rádio oficial.

Em Moscovo, a morte do presidente Neto, devido a um cancro, foi rodeada da mesma confusão que se verificou quando da doença e falecimento do antigo presidente argelino Boumedienne, no ano passado.

Ontem de manhã sabia-se, nos meios diplomáticos da capital soviética, que o presidente angolano falecera na noite anterior, mas era impossível obter uma confirmação oficial quer da parte dos soviéticos, quer da parte dos angolanos.

Alguns diplomatas actualmente em Moscovo não acreditavam na notícia e estavam, mesmo, dispostos a desmenti-la quando a confirmação de Luanda era já anunciada pelos “telexes” das agências noticiosas internacionais.

Na noite de ontem, a agência Tass publicou um relatório médico muito completo sobre as causas da morte, ocorrida após uma intervenção cirúrgica, no sábado, para realizar uma anastomose entre a vesícula biliar e o intestino delgado. Mas o facto de a morte ter ocorrido em Moscovo não figura em nenhuma das numerosas mensagens oficiais de condolências enviadas de Moscovo para Luanda, e passou em silêncio quando a notícia foi revelada pela televisão soviética.

Diário de Lisboa, 12 de setembro de 1979, p. 11

A DOENÇA QUE O VITIMOU

O presidente Agostinho Neto tinha sido admitido em 6 de Setembro na Clínica Central de Moscovo, onde fora submetido no passado sábado a uma intervenção cirúrgica destinada a praticar uma anastomose entre a vesícula biliar e o intestino delgado, indica um relatório médico difundido pela agência Tass.

Este documento precisa que o presidente tinha chegado a Moscovo num “estado grave” e que a operação foi praticada “com o seu acordo”. Esta intervenção confirmou que o fígado estava gravemente lesado e o canal de escoamento da bÍlis obstruído na sequência de um tumor maligno (cancro) no pâncreas.

Segundo o relatório assinado nomeadamente pelos professores Evgueni Tchazov e Nikolai Malinovky, assim como pelo médico que tratava do presidente Neto, o dr. dos Santos, o chefe do Estado angolano sofreu durante bastante tempo, antes da sua hospitalização, em Moscovo, de uma hepatite crónica que se transformou gradualmente em cirrose do fígado, implicando a perturbação do canal biliar com o desenvolvimento de icterícia colostática, tendo-se agravado o estado do paciente, pela intoxicação dos rins.

Depois da operação, os médicos conseguiram restabelecer a saída da bÍlis do fígado, nota o relatório. Todavia as perturbações das funções do fígado e dos rins tiveram por consequência uma intoxicação progressiva que provocou graves perturbações no sistema nervoso central, o coração e os vasos.

O Dia de Amanhã, 12 de setembro de 1979, p. 1

AGOSTINHO NETO MORREU EM MOSCOVO

**Assumi as funções de presidente da R.P.A. o ministro do Plano,
José Eduardo dos Santos**

Luto nacional durante três dias decretado pelo Governo português

Agostinho Neto morreu em Moscovo, onde já antes procurara alívio para o mal que o afligia – ao que parece, um cancro no sangue – e que o privara nos últimos tempos de contactar, como ele gostava, com as populações angolanas e até com visitantes que ele estimava e com quem mantinha velhas e sólidas amizades. Jorge Amado, recém-chegado de Luanda onde foi a convite formal de Agostinho Neto, nem sequer teve a possibilidade de o ver. Recebido com todas as honras, tendo à sua disposição um dos automóveis presidenciais, recebeu de Neto uma mensagem dizendo que teria de se ausentar de Angola durante alguns dias mas que esperava ter ainda oportunidade de o receber. O mal, porém, que o atingia era fatal. A medicina soviética, a que o presidente angolano se confiara, revelou-se impotente para prolongar-lhe a vida.

Apesar da gravidade do seu estado, que explica a sua quase solitária vida em Angola e a sua ausência da “cimeira” de Havana, nada fazia prever um desfecho tão rápido. A notícia da morte de Neto surpreendeu todo o povo angolano e todos os meios diplomáticos.

Em Portugal, os primeiros telexes causaram grande perplexidade. A morte interrompia a carreira política do primeiro presidente de Angola independente, precisamente num momento em que os observadores mais qualificados previam correcções decisivas nos caminhos do grande país africano. De todas as figuras emergentes da independência de Angola, Agostinho Neto era das mais carismáticas e das mais estruturalmente portuguesas também. Por educação e cultura, Neto tinha a consciência dos marcos indelévels deixados na sua terra pela administração portuguesa e sabia ajuizar como ninguém das cúpulas do MPLA, os sentimentos profundos do povo português que ele sabia não ter os

horrorosos pecados coloniais que alguns, desgraçadamente portugueses, lhe atribuíam. Ainda se conservam na memória de muitos as homenagens proferidas de viva voz, no Alvor, ao génio civilizador português.

Foi com algum espanto, mas também com certa compreensão (Neto não estava só à frente do MPLA) que assistimos, depois, a perseguições e espoliações de tantos que tudo deram pela grandeza de Angola. No espírito de Neto, apesar de todas as convulsões do processo, permanecia viva uma gratidão infinita, filha directa da sua inteligência: Angola recebera unido um grande país que o génio e o esforço português construía em África. Campeão da independência e da liberdade, Neto deve ter morrido inconformado. No mais profundo do seu ser, o presidente devia lamentar não ter podido ser eleito por todos os seus concidadãos.

É esta uma hora grave para os destinos de Angola. Como portugueses, desejamos sinceramente que a sucessão ocorra sem tumultos e lutas intestinas, e que se torne em breve numa realidade o sonho de Neto e de qualquer antifascista que se preze. Que seja dada a palavra ao povo angolano, para, através do voto, ditar a sua vontade e ser, finalmente, concretizada a promessa de autodeterminação tanta vez formulada pelo antigo colonizador como pelos movimentos de libertação. Se tal acontecer, a figura de Agostinho Neto ganhará invulgar e justo fulgor na história do grande e jovem país africano.

O Dia de Amanhã, 13 de setembro de 1979, p. 13

IMPÕE QUEM PODE...

A nível dos órgãos de comunicação portugueses a morte de Agostinho Neto constituiu, naturalmente, o centro das atenções nestes dias que se seguiram ao falecimento, e quando se anunciam as cerimónias fúnebres para amanhã, com a presença do Presidente da República de Portugal.

Órgãos estatizados, de maiores e menores responsabilidades na cobertura dos acontecimentos, logo destacaram as suas equipas para a “viagem de serviço” à República Popular de Angola. No caso vertente, a RDP e a RTP.

Pedidos os vistos à embaixada daquele país em Lisboa, duas surpresas esperavam, no entanto, a rádio e a televisão estatizada. Quanto à primeira, tratar-se-ia da recusa de visto ao jornalista Eduardo Fidalgo. Até aqui, apesar do insólito da situação, ainda se pode admitir a legitimidade do comportamento adoptado. Mas em nítida ingerência em vários domínios da exclusiva responsabilidade de um Estado soberano, a embaixada permitiu-se também propor quatro nomes que deixaria “passar”: Jorge Moreira, Armando Pires, Adelino Gomes e Pedro Cid.

A surpresa, agora, está reservada aos que acompanharam o caso e aos que, agora, terão conhecimento dele: não só se aceitou esta “sugestão”, como foi o próprio ministro da Comunicação Social a concordar com o nome escolhido – Pedro Cid. Aliás, registre-se que também o próprio jornalista parece indiferente, ao aceitar, tanto os critérios utilizados, como o facto de um colega seu ter sido impedido de cumprir a sua missão de informação.

No que diz respeito à RTP já o processo teria decorrido de forma mais aceitável, pois que apesar de ter sido igualmente recusado o visto ao jornalista Pedro Luís de Castro, foi a própria Televisão que indicou um segundo nome. Assim, pela RTP1 será Seruca Salgado a deslocar-se a Luanda, dado que não se verificou oposição a este outro nome apresentado. Seja como for, tendo Portugal um primeiro-ministro tão preocupado com a independência dos órgãos de comunicação social e as suas obrigações e deveres na missão de informar, mal se compreende como Maria de Lurdes Pintassilgo, e o seu Executivo, não reagem a tais imposições. Impõe quem pode, aceita quem quer...

Expresso, 15 de setembro de 1979, p. 7

ANGOLA DE LUTO PELA MORTE DO DR. AGOSTINHO NETO

Causou verdadeira surpresa a notícia, divulgada no dia 11, da morte do Presidente da República Popular de Angola, dr. Agostinho Neto, ocorrida na véspera, em Moscovo. Embora fosse conhecido o facto de o dirigente angolano sofrer de leucemia, agravada por complicações hepáticas, nada fazia prever o súbito desenlace, tanto mais que se ignorava a verdadeira gravidade do seu estado de saúde. A própria deslocação de Agostinho Neto à URSS, no dia 6, havia sido descrita como uma mera visita de amizade, não oficial, e só posteriormente veio a saber-se que o Presidente da RPA fora então submetido a uma operação, na sequência da qual faleceu.

Com a morte do dr. Agostinho Neto, a África perde um dos seus mais ilustres e respeitados estadistas, que pela modéstia pessoal e pela firmeza das suas atitudes se impôs na actual cena política internacional. Os movimentos de libertação de todo o mundo, e em especial os do Zimbabwe e da Namíbia, vêem desaparecer um aliado indefectível, capaz de se bater pela sua causa até às últimas consequências. Por outro lado, o falecimento de Agostinho Neto, aos 56 anos de idade, e numa altura em que a República Popular de Angola se encontra ainda numa fase de estabilização e de arranque económico-social, não podia deixar de causar preocupação entre todos os que são sensíveis ao futuro daquele grande país africano. As públicas manifestações de pesar provenientes de todo o mundo, e particularmente de África, acentuam, de resto, a amplitude da perda que representa para Angola a morte do seu Presidente. No entanto, a população angolana, embora enlutada, reagiu calmamente ao inesperado acontecimento. José Eduardo dos Santos, como Presidente da República interino, e Lúcio Lara, como presidente do MPLA-Partido do Trabalho (nomeados pelo dr. Agostinho Neto antes da sua partida para Moscovo) asseguraram a direcção do país, juntamente com o Bureau Político do Partido que, entretanto, decretou luto nacional por 45 dias.

O corpo do primeiro Presidente da RPA chegou ontem a Luanda, em cujo Comissariado Municipal se encontra depositado em câmara ardente, devendo os funerais efectuar-se na segunda-feira, dia em que o dr. Agostinho Neto completaria 57 anos.

Expresso, 15 de setembro de 1979, p. 1 e 16

SUCCESSOR DE NETO NÃO SERÁ CONHECIDO ANTES DE 60 A 90 DIAS

Augusto de Carvalho

Agostinho Neto, Presidente fundador da República Popular de Angola, repousa desde ontem no Comissariado Municipal de Luanda, onde autoridades e população lhe estão a prestar as últimas homenagens. O funeral já se encontra oficialmente marcado para a próxima segunda-feira, 17 (pelas 09 horas), dia do aniversário natalício do Presidente falecido.

As cerimónias consistirão na transladação dos restos mortais para o Palácio do Povo onde se espera que lhe seja construído um mausoléu condigno.

Entretanto, chegam a Luanda condolências de todo o mundo, desde a União Soviética à Suíça, desde os diversos movimentos de libertação que ainda lutam pela independência dos respectivos países até ao Brasil. Brasil com quem Angola vem intensificando relações de cooperação e aqui enviará, ao que julgamos saber, o seu vice-Presidente da República.

Todas as mensagens exaltam a personalidade nacionalista e patriótica do líder da revolução angolana. Algumas sublinham o seu espírito de não-alinhamento nas difíceis circunstâncias internas e externas em que conduziu o mandato.

Precisamente o nacionalismo de Agostinho Neto e a sua determinação em caminhar pela via socialista é a tónica da Imprensa escrita e falada de Angola que transmite de contínuo os passos mais significativos da vida e obra de Neto.

Quem lhe vai suceder ainda é uma incógnita, mas, se analisarmos o discurso da rádio e dos jornais, que se fazem eco das estruturas políticas, o novo Presidente deve seguir a linha de Agostinho Neto materializada pela frase em evidência aqui mesmo na sala da Imprensa onde estou a escrever: “O socialismo científico é o grande objectivo estratégico da Revolução Angolana”. Socialismo segundo a via nacionalista, nos esforços para aprofundar o não-alinhamento.

Lara, Santos, Ludy, Nascimento, etc.

O sucessor de Agostinho Neto só será conhecido com certeza dentro de sessenta a noventa dias. Passado o período de luto oficial de quarenta e cinco dias, o "Bureau" Político do Comité Central do MPLA designará o Presidente interino. Depois, será a eleição por um Congresso extraordinário ou então pelo Comité Central do partido.

Agostinho Neto era ao mesmo tempo Presidente da República e presidente do partido, e o mesmo parece que vai acontecer com o seu sucessor, a menos que se opte, temporariamente, por uma solução colegial. Os homens mais em evidência, embora nenhum deles com o carisma de Neto, são todos eles históricos do MPLA, em geral com largo passado de guerrilheiros. Guerrilheiros da ala político-militar que assumirão relevância determinante em todo o processo que vai seguir-se e que conviveram intimamente com Agostinho Neto.

Salientamos, entre eles, Lúcio Lara, que era o segundo homem do partido logo a seguir ao presidente; José Eduardo dos Santos, que Agostinho Neto deixou como Presidente da República, quando partiu para Moscovo. Tanto Lara como Santos são homens bem preparados, sendo o último casado com uma senhora soviética e gozando de prestígio entre os seus compatriotas e nas estruturas políticas. Depois, e sem sentido hierárquico nem de categoria, temos homens como Ludy, figura da DISA, recentemente criticado, mas com grande peso, Pedalé, que se distinguiu na província do Huambo, Lopo do Nascimento que já foi presidente do Governo e actualmente representa Angola na Comissão Económica da OUA em Addis Abeba, etc.

Mas tudo o que agora se diga entra nos domínios da especulação e das conjecturas que se vão fazendo nos mais diversos meios. Ao dirigir a pergunta a uma alta personalidade da vida pública angolana, obtive como resposta que "não era esse agora o problema". "Importante é que a linha do partido se encontra aprofundada e no essencial todos convergem, apesar de algumas diferenças que a morte de Neto veio atenuar, acentuando a convergência". "E o essencial, continuou, vai ser seguido. É esse o desejo do nosso povo que nem de outra maneira nos perdoaria. Não podemos distorcer a linha do MPLA marcada pelo Presidente Neto e pela trajectória do partido".

É difícil, quanto a este ponto, ir mais além na informação objectiva. Quando nos aproximámos de alguém do Comité Central, como ontem pela

manhã nos aconteceu, para fazer algumas perguntas, obtivemos como resposta a expressão da sua dor profunda e as lágrimas a correrem pela face.

Manifestações, ao nível da de 4 de Fevereiro de 75

Precisamente às 9 horas de ontem, como já é do domínio público, aterrou no aeroporto 4 de Fevereiro, nesta cidade, o “Boeing” das linhas aéreas de Angola, com os restos mortais do Presidente António Agostinho Neto. Acompanhavam Neto desde Moscovo a sua mulher, Eugénia Neto, o secretário do MPLA-Partido do Trabalho para a Organização e para a Educação político-ideológica, Propaganda e Informação, Lúcio Lara, e Pascoal Luvualu, membro do Comité Central e secretário-geral da União Nacional dos Trabalhadores Angolanos (UNTA), dois homens com muito prestígio em Angola, e ainda Ruth Neto, coordenadora nacional da OMA (Organização da Mulher Angolana). Da URSS, o vice-Presidente do Praesidium do Soviete Supremo Antanas Barkacuskavs.

O EXPRESSO, que foi o primeiro jornal português a entrevistar Agostinho Neto, logo a seguir ao 25 de Abril, precisamente a 1 de Maio, e que, depois, o encontrou em inúmeras ocasiões, seguindo-lhe as pisadas políticas, que assistiu em Luanda, no dia 4 de Fevereiro de 1975, à extraordinária manifestação da sua chegada, depois de uma luta de décadas, que muito antes do eclodir do chamado movimento fraccionista chefiado por Nito Alves, Van Dunem e Sita Valles havia descrito este movimento com abundância de pormenores, está hoje em condições de valorar, enquadrando-a nos últimos anos, a manifestação popular de mais uma chegada de Agostinho Neto, desta vez, porém, sem vida.

Se a RTP, que aqui tem os dois canais, captou na sua amplidão o movimento da massa humana à espera dos restos mortais de Neto, multidão que, dando mostras de uma dor incontida, encheu de gritos lancinantes o aeroporto, o leitor poderá avaliar, pelos seus olhos, do sentimento deste povo em relação a Agostinho Neto. Podemos dizer que vimos e ouvimos que a manifestação de ontem está ao nível da chegada de Neto a Luanda em 4 de Fevereiro de 1975. Só que, desta vez, os vivas e os cânticos eram substituídos pelo choro e grito da enorme multidão. Gritos que se intensificaram através do percurso que seguiu o féretro até ao Comissariado Municipal. O povo foi mar imenso, correndo atrás do carro que continha a urna coberta com as cores de Angola, escoltada por oficiais das Forças Armadas, tendo à frente o ministro da Defesa,

Iko Carreira, que regressou há dias de Lisboa, logo que soube da morte do Presidente, em Lisboa, onde estava a fazer um curso de aperfeiçoamento.

Mas o povo eram homens e mulheres que se apinhavam de um e de outro lado do passeio, que saltavam muros e corriam ruas, para apanharem o percurso mais à frente. Mas imenso que as diversas organizações militares e políticas e policiais tentavam conter, para o cortejo poder seguir a sua marcha. Mas que também exerciam esta tarefa a chorar, procurando conter as lágrimas e que, de vez em quando, escondiam com o braço que segurava a metralhadora. Tudo correu com a maior tranquilidade. Luanda era ontem uma cidade silenciosa, aparentando o sofrimento que demonstrou ao acompanhar Agostinho Neto, num percurso de cerca de 7 quilómetros.

Entre as diversas representações diplomáticas e algumas representações estrangeiras que já se encontram em Luanda, vimos o embaixador português, Sá Coutinho, e ainda o almirante Rosa Coutinho que abraçou demoradamente os principais elementos do Comité Central do MPLA-PT.

II. O funeral

Emoção e vigilância em Luanda

CORPO DE NETO ESPERA MAUSOLÉU

LUANDA, 17 (do nosso enviado especial Rogério Vidigal) – Uma multidão avaliada em cerca de um milhão de pessoas, na qual se diluem delegações da maioria dos países africanos e do bloco socialista, acompanhou esta manhã o funeral do “guia imortal do povo angolano” até ao Palácio do Povo, onde o corpo ficará depositado até que seja construído o mausoléu que o vai receber quando embalsamado. No salão nobre do Palácio do Povo, um representante do ex-CONCP e o presidente da OUA William Tolbert fizeram os principais discursos fúnebres; muitos milhares de pessoas, acatando as indicações do MPLA, concentraram-se diante das sedes do partido em Luanda, ouvindo pela rádio a transmissão das cerimónias solenes.



Diário de Lisboa,
17/09/1079, p. 1 –
[Mário Jorge Neto,
Maria Eugénia
Neto e Ramalho
Eanes]

O funeral

Ontem, a delegação oficial portuguesa, chefiada por Eanes, demorou-se cerca de vinte minutos junto da urna de vidro onde jaz o corpo de Neto. O presidente português, visivelmente emocionado, apresentou pêsames à viúva e aos filhos do dirigente nacionalista e inscreveu no livro de condolências uma curta mensagem em nome do Povo Português.

Diário de Lisboa, 17 de setembro de 1979, p. 16

A maior manifestação de sempre na capital angolana

CORPO DE NETO VAI SER EMBALSAMADO

O MPLA pediu às massas militantes e ao povo em geral que se mantivessem recolhidos diante das sedes do Partido, e que seguissem pela rádio as cerimónias centrais do funeral, esta manhã. As cerimónias – foi acrescentado – deviam ser precedidas de desfiles silenciosos.

Desde que o corpo chegou a Luanda, na sexta-feira, até à manhã de hoje, multidões compactas de angolanos fizeram bicha ininterruptamente para poderem ver pela última vez o presidente Neto no Comissariado Municipal, na principal praça da capital – a praça de Mutamba –, onde reinava um silêncio impressionante e de onde esta manhã o funeral seguiu para o Palácio do Povo, que domina a pequena aldeia de pescadores da “Ilha de Luanda”. Neto ficará ali provisoriamente.

O Bureau Político do MPLA anunciou a sua decisão de, “interpretando a vontade de todo o povo”, conservar perpetuamente o corpo do presidente.

Um comunicado divulgado, ontem, em Luanda, afirma que o corpo do guia do povo angolano será depositado num mausoléu condigno, para que todo o povo possa continuar a vê-lo, inspirando-se e encorajando-se na sua presença para a continuação da luta por uma nova sociedade, na pátria livre que ele lhe legou.

Será criada uma comissão para escolher o local do mausoléu e elaborar o seu projecto e execução.

Já foi pedida, entretanto, a colaboração da União Soviética para proceder às operações de conservação do corpo, que exigem uma técnica complexa e delicada.

Repousando na sua urna de paredes de vidro, envergando um fato às riscas e tendo, postos nos olhos, os óculos habituais, o corpo do presidente terá tido até ao fim a companhia de membros do Bureau Político do MPLA e do Comité

Central, que se mantiveram constantemente junto dele, enquanto continuava o interminável desfile de populares de todas as idades e estratos sociais.

A população foi convidada desde sexta-feira a ir despedir-se dos restos mortais do seu presidente, e não faltou.

Homenagem de Eanes

As chegadas de delegações sucederam-se no sábado. O “Hercules-C 130” em que Eanes viajou desde Lisboa, com passagem por Bissau para ir buscar a delegação da Guiné, como noticiámos, pousou no aeroporto 4 de Fevereiro, às 12 e 5. Uma importante delegação oficial angolana aguardava-o na pista. Recebido pelo comandante Pedro Maria Tonha, do Bureau Político, e pelo ministro da Educação, Ambrósio Lukuoki, que se encontravam acompanhados dos ministros Ismael Martins, das Finanças, e Paulo Jorge, das Relações Externas, o presidente português dirigiu-se logo após a chegada para a residência que em Luanda foi posta à sua disposição.



Solenes exéquias do Camarada Presidente Dr. Agostinho Neto. Luanda: DIP do MPLA, 1980, s/p – [Ramalho Eanes assinando o livro de condolências, sob o olhar de Maria Eugénia Neto]

A delegação oficial portuguesa é composta, além dele, pelos conselheiros da Revolução Melo Antunes (que finalmente foi agregado), Ribeiro Cardoso e Marques Júnior, e pelos secretários de Estado Paulo Enes e Helder Macedo.

Ontem à tarde, a delegação oficial prestou a Neto a “homenagem fraterna do povo português”, escrevendo Eanes no livro de condolências do

Comissariado Municipal um curto texto “ao estadista, ao poeta, ao homem da cooperação entre os povos de Angola e Portugal”.

Recebido no Comissariado por Mendes de Carvalho, comissário provincial de Luanda, Eanes demorou-se cerca de vinte minutos junto da urna e estava visivelmente comovido quando apresentou os pêsames à viúva de Neto e aos filhos do dirigente nacionalista.

A comitiva oficial portuguesa não forneceu ainda quaisquer informações sobre outros pontos da agenda de Eanes em Luanda, embora se admita que o presidente tenha contactos informais com líderes de outras delegações. Também se ignora ainda quando deixará Luanda.

Como noticiámos noutro lugar, Portugal está ainda representado por representações dos Partidos Comunista e Socialista, chefiadas respectivamente por Álvaro Cunhal e Mário Soares. Silas Cerqueira representa o CPPC. Soares representa também, a título pessoal, o presidente da Internacional Socialista, Willy Brandt. Eanes é o primeiro chefe de Estado português a visitar Angola desde a Independência, em 11 de Novembro de 75. Outra presença portuguesa a notar em Luanda é a de Rosa Coutinho, que foi o último comissário português em Angola até à independência.

Divulgado relatório médico

O Comité Central do MPLA deu, entretanto, a conhecer aos angolanos o relatório médico que explica as causas do falecimento do presidente Neto: tendo-se constatado “uma grave insuficiência hepática e a forte suspeita de obstrução da via biliar principal”, uma equipa médica soviética decidiu uma intervenção cirúrgica “como única alternativa” para salvar a sua vida.

Em 8 de Setembro, prossegue o comunicado, “verificou-se que além das graves lesões do fígado havia também um tumor do pâncreas”.

“O período depois da operação decorreu de forma grave, não tendo sido possível combater a insuficiência do fígado e outras complicações, tais como perturbações renais, alterações graves no sistema nervoso central, coração e vasos”.

O comunicado do Comité Central, baseado no relatório de médicos soviéticos, conclui que “apesar do concurso e da assistência dos mais eminentes

especialistas da URSS” não foi possível melhorar o estado de Neto, que acabou por falecer na passada segunda-feira.

“O momento é de luta”, diz Ministério do Interior

O Ministério do Interior da República Popular de Angola, num comunicado ontem tornado público em Luanda, exorta “todos os camaradas e combatentes a cerrarem fileiras em torno do Comité Central do MPLA-Partido do Trabalho”.



Solenes exéquias do Camarada Presidente Dr. Agostinho Neto. Luanda: DIP do MPLA, 1980, s/p – [Saída da urna do Comissariado Municipal, sendo visível à esquerda Agostinho Mendes de Carvalho, Comissário Municipal de Luanda e escritor, com o nome de Uanhenga Xitu]

O comunicado destaca que, “apesar de estarmos a suportar uma profunda mágoa e a maior tristeza de todos os tempos da nossa história, torna-se imprescindível neste momento tão difícil revelarmos a nossa valentia, determinação, firmeza e consequência incessantes na defesa dos ideais sempre demonstrados pelo nosso guia e educador incontestável, defensor intransigente de todos os povos oprimidos do mundo, fundador da revolução angolana e do nosso Partido”.

Depois de assinalar a eventualidade de os inimigos internos e externos, apoiados pelo imperialismo, actuarem com mais intensidade face à desmoralização e desespero que se possam vir a verificar em certos elementos, o Ministério do Interior apela para a vigilância permanente, rechaçando energicamente todas as manifestações de carácter tribal, racial ou regional, porquanto isso poderia lesar profundamente a unidade nacional.

A morte do ‘heroico lutador pela libertação dos povos’ nos jornais portugueses

“O momento é de luta e longa, por isso requer da parte de cada um de nós uma forte disciplina, compreensão e abnegação perante os sacrifícios que nos esperam diariamente” – refere o comunicado.

Representações estrangeiras ao funeral

Presidentes de todas as antigas colónias portuguesas da África prestaram esta manhã, na capital angolana, a última homenagem ao seu camarada de armas durante as guerras de independência.

Samora Machel, de Moçambique (acompanhado de Marcelino dos Santos e Joaquim Chissano), Luís Cabral, da Guiné-Bissau, Aristides Pereira, de Cabo Verde, Pinto da Costa, de São Tomé e Príncipe, e também uma delegação do Movimento de Libertação de Timor Leste, antiga colónia portuguesa do Sueste asiático, agora incorporada na Indonésia, representavam os seus povos nas exéquias do grande líder angolano.

O Brasil era representado por Eduardo Portella, ministro da Educação de um país que tem multiplicado as iniciativas de aproximação e cooperação com Angola e foi o primeiro a reconhecer o novo estado angolano.

A derradeira homenagem da África foi prestada a Neto na gigantesca manifestação que desde esta amanhã está a decorrer em Luanda, por Keneth Kaunda, chefe de Estado zambiano, acompanhado por Wilson Chekulka, ministro dos Negócios estrangeiros desse país, Sam Nujoma, presidente da Organização Popular do Sudoeste Africano (SWAPO), e Oliver Tambo, líder do Congresso Nacional Africano (ANC) da África do Sul, Josiah Chinamano, vice-presidente da ZAPU do Zimbabwe, e Simon Muzenda, seu homólogo da ZANU (vindos de Londres para representar os respectivos presidentes, Joshua Nkomo e Robert Mugabe, que estão a participar na Conferência constitucional rodesiana), Denis Sassou Nguesso, presidente da República Popular do Congo, William Tolbert, presidente da República da Libéria e presidente em exercício da Organização de Unidade Africana (que se faz acompanhar de uma delegação de 36 membros do seu Gabinete), Cammille Alliali, ministro da Justiça da Costa do Marfim, Jean Heutcha, ministro dos Negócios Estrangeiros dos Camarões, Jack Marie Hadoul, representante das Seychelles, e, entre outras, delegações do Zaire, da Tanzânia, do Uganda, do Império Central Africano, da Argélia e da Etiópia.

O bloco socialista era representado por Anantas Barkauskas, um dos 16 vice-presidentes da URSS, e Mikhail Solomentsev, do Politburo do Partido Comunista da União Soviética, Willi Stoph, primeiro-ministro da RDA, de cuja delegação faz ainda parte Klaus Willerding, vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, e ainda por delegações, ao mais nível, de Cuba, da Hungria, da Polónia e da Jugoslávia.

A CGTP/Intersindical Nacional, representada por Álvaro Rana, da comissão executiva do seu Secretariado, e todo o corpo diplomático acreditado em Angola, incorporaram-se também no funeral do presidente Agostinho Neto.

Mensagens

Mensagens de condolências continuavam a afluir esta manhã à capital angolana, juntando-se às já enviadas pelos governos da Guiné-Bissau, República Popular do Congo, Tanzânia, Moçambique (“O camarada Agostinho Neto era e continuará a ser para nós símbolo da África combatente”), Robert Mugabe, da Frente Patriótica do Zimbabwe (“Não foi só Angola que perdeu o seu guia, mas também toda a África que perdeu um verdadeiro revolucionário e combatente da liberdade”) e por muitos outros governos e movimentos de libertação.

O ministro cubano das Forças Armadas, Raul Castro, enviou ao seu homólogo angolano, coronel Henrique Teles Carreira, uma mensagem de condolências pela morte do “infatigável combatente pela construção de uma nova sociedade”. O presidente Tito, em nome dos povos e do Governo da República Federativa da Jugoslávia, endereçou também uma mensagem de condolências ao comité central do MPLA-Partido do Trabalho: “Ficámos profundamente tocados com a morte repentina e prematura do grande filho do povo angolano, do lutador pela independência e pela liberdade de Angola não alinhada e não socialista, do destacado estadista de África, doutor Agostinho Neto”.

17 de Setembro – dia nacional da RPA

O dia 17 de Setembro, data marcada do funeral de Agostinho Neto (e do seu aniversário: completaria hoje 57 anos de idade), será doravante considerado Dia da Nacionalidade Angolana, decidiu o Bureau Político do comité central do MPLA-Partido do Trabalho.

Entretanto, a chegada sexta-feira dos restos mortais do presidente Agostinho Neto foi tema de destaque para o matutino *Jornal de Angola*, sob o título “Veneramos a Memória do Nosso Guia”, no editorial da sua edição de sábado.

“Ao longo de quase 57 anos – que deveria completar no próximo dia 17 – sentiu o calor deste povo heróico que não resiste agora à dor e ao sofrimento por tê-lo perdido”, escreve o editorialista, que recorda a emoção da população de Luanda, ao passar o cortejo fúnebre.

“Durante 20 anos consecutivos, a história da resistência anticolonial e anti-imperialista do heróico povo angolano esteve indissolivelmente ligada à sua vida exemplar (...) que é doravante património de toda a humanidade progressista”.

Reiterando o compromisso de cumprir com a História a pesada responsabilidade de continuar a obra do presidente Neto, o editorialista conclui: “A nação angolana será fiel ao seu pensamento e a melhor homenagem que pode prestar-lhe é lutar resolutamente pela eliminação das sequelas da velha sociedade e edificar o socialismo numa pátria renovada”.

III. Reações

Eduardo dos Santos e Lúcio Lara “herdeiros provisórios”

PESAR EM TODO O MUNDO PELA MORTE DE NETO

O corpo de Agostinho Neto será transportado hoje ou amanhã de avião de Moscovo para Luanda, ignorando-se ainda quando decorrerão os funerais do “pai” da República Popular de Angola. Ambiente de luto pesado e de profunda dor envolve todo o território angolano, onde foi decretado luto oficial de quarenta e cinco dias.

Diário de Lisboa

Fundador Joaquim Manso Director A. Ruella Ramos Director-adjunto Fernando Piteira Santos

EDUARDO DOS SANTOS E LUCIO LARA “HERDEIROS PROVISÓRIOS”

Pesar em todo o mundo pela morte de Neto

O corpo de Agostinho Neto será transportado hoje ou amanhã de avião de Moscovo para Luanda, ignorando-se ainda quando decorrerão os funerais do “pai” da República Popular de Angola. Ambiente de luto pesado e profunda dor envolve todo o território angolano, onde foi decretado luto oficial de quarenta e cinco dias.

Durante um período transitório, Lúcio Lara substituirá Agostinho Neto na chefia do MPLA - Partido do Trabalho, enquanto José Eduardo dos Santos ocupará as funções de chefe de Estado.

Hoje, em Lisboa, as bandeiras portuguesas encontram-se a meia haste em todos os edifícios públicos, no primeiro dos três dias de luto oficial decretado pelo Governo. Um número enorme de países de todos os continentes decretou luto oficial cuja duração vai de um a quinze dias. Na ONU a bandeira da Organização das Nações Unidas encontra-se hoje avorçada a meia haste no Palácio de Viena em Nova Iorque.

Mensagens de condolências tocam a Luanda, idas de todo o mundo do globo, num movimento de pesar unânime pela morte de um dos

grandes estadistas do nosso tempo e dum dos mais destacados políticos do continente africano.

Dois questões de magna importância para o futuro do continente africano - a da Rodésia-Zimbabue e a da Namíbia - poderão vir a sofrer dificuldades de solução em face do desaparecimento de Agostinho Neto. Esse recio foi já expressamente confiado aos jornalistas por meios diplomáticos da ONU. De facto, Agostinho Neto foi um dos intervenientes mais importantes do plano de paz da ONU para a Namíbia, e desenvolveu ainda este ano intensos esforços de conciliação para encontrar uma solução para o problema. Quanto à questão da Rodésia, Agostinho Neto, dirigente de um dos países de Linha de Frente, vinha exercendo uma enorme influência nas negociações que se têm processado para pôr termo à arcaica situação de quase guerra que ameaça toda a África Austral. Hoje em Londres, onde decorre, sob perspetivas desanimadoras, a conferência constitucional, reza-se-se que a morte de Agostinho Neto viesse ensonbrar ainda mais o clima pesado das conversações.



José Eduardo dos Santos



Lúcio Lara



A bandeira nacional em Belém a meia-haste esta manhã

Págs. 10, 11 e 12.

Diário de Lisboa, 12 de setembro de 1979, p. 1

Durante um período transitório, Lúcio Lara substituirá Agostinho Neto na chefia do MPLA-Partido do Trabalho, enquanto José Eduardo dos Santos ocupará as funções de chefe de Estado.

Hoje, em Lisboa, as bandeiras portuguesas encontravam-se a meia haste em todos os edifícios públicos, no primeiro dos três dias de luto oficial decretado pelo Governo. Um número enorme de países de todos os continentes decretou luto oficial cuja duração vai de um a quinze dias. Na ONU a bandeira da Organização das Nações Unidas encontra-se hoje arvorada a meia haste no Palácio de Vidro em Nova Iorque.

Mensagens de condolências chegam a Luanda, idas de todos os pontos do globo, num movimento de pesar unânime pela morte de um dos grandes estadistas do nosso tempo e dum dos mais destacados políticos do continente africano.

Duas questões de magna importância para o futuro do continente africano – a da Rodésia-Zimbabwe e a da Namíbia – poderão vir a sofrer dificuldades em face do desaparecimento de Agostinho Neto. Esse receio foi já expressamente confiado aos jornalistas por meios diplomáticos da ONU. De facto, Agostinho Neto foi um dos intervenientes mais importantes do plano de paz da ONU para a Namíbia, e desenvolveu ainda este ano intensos esforços de conciliação para encontrar uma solução para o problema. Quanto à questão da Rodésia, Agostinho Neto, dirigente de um dos países da Linha da Frente, vinha exercendo uma enorme influência nas negociações que se têm processado para pôr termo à arriscada situação de quase guerra que ameaça toda a África Austral. Hoje em Londres, onde decorre, sob perspectivas desanimadoras, a conferência constitucional, receava-se que a morte de Agostinho Neto viesse ensobrar ainda mais o clima pesado das conversações.

A morte do ‘heroico lutador pela libertação dos povos’ nos jornais portugueses

Diário de Lisboa, 12 de setembro de 1979, pp. 10 e 12

Governo decretou três dias de luto

PROFUNDA E GENERALIZADA EMOÇÃO EM PORTUGAL

Ao ser conhecida, a morte do presidente Agostinho Neto causou uma profunda e generalizada emoção no nosso país. O Governo decretou luto nacional de três dias – que termina sexta-feira às 19 horas – e o Presidente da República, bem como forças políticas e sociais, tomou desde logo posição pública, manifestando o seu pesar pelo desaparecimento daquele grande dirigente do povo angolano e destacado lutador da liberdade e da paz.

Ontem à noite numerosas pessoas, particulares e personalidades da vida política, compareceram na Embaixada de Angola, em Lisboa, apresentando condolências pela morte de Agostinho Neto. Além da Primeiro-Ministro, Lurdes Pintassilgo, notaram-se Álvaro Cunhal, secretário-geral do PCP, Vítor Sá Machado, antigo ministro dos Negócios Estrangeiros, uma delegação da CGTP-IN e várias representações de organizações sociais.

Têm sido recebidos também numerosos telegramas. Na residência do embaixador angolano ficou aberto, a partir das 20 horas de ontem, o livro de condolências pela morte de Agostinho Neto.

PR: “O mundo perde um estadista”

O Presidente da República declarou ontem que Portugal não pode deixar de se contristar pela morte de Agostinho Neto. O seu desaparecimento, afirmou, representa um rude golpe para todos os que, como o Presidente da República Portuguesa, tiveram “o privilégio de manter com ele relações de estima pessoal”.

Em nota dirigida aos órgãos de Comunicação Social, o Presidente português sublinhou que “o mundo perde um estadista cujo contributo para a construção de um Estado angolano forte e soberano e para a harmonização das relações interafricanas assumiu excepcional relevo”.

Enaltecendo a “clarividência e coragem” de Neto, o general Ramalho Eanes salientou que foi graças a elas e à determinação pessoal do dirigente do MPLA que “se caminhou decididamente no sentido da normalização dos laços históricos, culturais e afectivos entre os povos angolano e português”.

Na sua declaração o Presidente português afirma ainda que “Portugal não pode deixar de se contristar igualmente pelo desaparecimento de um grande poeta africano que utilizou a língua portuguesa como veículo de expressão na maioria das suas criações mais significativas”.

Governo: “Grande pesar”

“Foi com grande pesar que o Governo português tomou conhecimento da morte do Presidente Agostinho Neto”, assim começa uma nota do gabinete da Primeiro-Ministro ontem distribuída à Imprensa.

“Desaparece não só o estadista amigo de Portugal, ou o respeitado e prestigioso dirigente africano a que Angola tanto deve, mas sobretudo o homem que – nunca esquecendo a íntima raiz humana da sua personalidade – sempre revelou uma visão que se situava num horizonte para além da transitoriedade do período em que a guerra enlutou os dois povos irmãos”, diz ainda o Governo na nota em questão.

O texto refere a formação cultural e universitária que ligava o líder angolano a Portugal, bem como o longo convívio que lhe permitiu “sentir de perto as verdadeiras qualidades do povo português”, pontos de identificação que o levaram a exprimir a necessidade de superar as divergências que dificultassem “um futuro de amizade e cooperação” entre os dois povos.

Por fim, diz a nota: “Ao evocar neste momento a sua memória, o Governo português – associando-se sentidamente ao luto angolano – está certo de que a história comum saberá registar a lucidez e o valor dos esforços que o presidente Agostinho Neto vinha empreendendo para uma maior aproximação e solidariedade entre as duas nações”.

PCP: “Uma grande perda”

A Comissão Política do CC do Partido Comunista Português, “como expressão de luto e pesar” pela morte do presidente Agostinho Neto decidiu que a bandeira do partido fosse “colocada a meia haste em todos os centros de

A morte do ‘heroico lutador pela libertação dos povos’ nos jornais portugueses

trabalho”. Ontem, e pela primeira vez, a bandeira do PCP foi hasteada na sede nova, à Rua Soeiro Pereira Gomes.

Para além desta tomada de posição, o CC do PCP enviou um telegrama ao CC do MPLA-PT no qual afirma que “o falecimento do camarada Presidente Agostinho Neto, cuja vida esteve inteiramente dedicada à luta pela liberdade, pela independência nacional, pela paz e pelo socialismo, representa uma grande perda para o povo angolano, para todo o movimento de libertação em África e no mundo, para a causa da emancipação nacional e social dos povos”.

Nessa mensagem o CC do PCP assevera ainda que “os comunistas portugueses jamais esquecerão a sua grande figura de revolucionário, de patriota internacionalista e a sua grande contribuição para a causa da amizade e da solidariedade entre o PCP e o MPLA-PT, entre o povo português e o povo angolano”.

O telegrama termina manifestando “confiança no futuro independente e socialista da República Popular de Angola”.

Também o secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, remeteu um telegrama de condolências ao CC do MPLA. Álvaro Cunhal afirma que Agostinho Neto foi um “eminente lutador do Movimento de libertação dos Povos” e termina formulando votos para que Angola prossiga “pelo caminho radioso da independência nacional, do progresso e do socialismo”.

PS: “Perda terrível”

“A morte do Presidente Agostinho Neto é uma perda terrível para Angola e para toda a África. É também uma perda muito dolorosa para todos os portugueses anticolonialistas que sempre se habituaram a ver em Agostinho Neto um amigo, um companheiro, um irmão de luta” – diz, em comunicado ontem emitido e assinado por Mário Soares e Manuel Alegre, o Secretariado Nacional do Partido Socialista.

“O vosso luto” – diz o comunicado do PS dirigindo-se aos membros do Bureau Político do MPLA – “é também o nosso, é o luto de todos os portugueses que sempre se bateram contra o fascismo e o colonialismo, pelo direito dos povos à independência, pelo estabelecimento de relações justas, baseadas na igualdade e no respeito mútuo entre o povo de Angola e o povo de Portugal”.

O PS, que “inclina a sua bandeira perante a memória imperecível de Agostinho Neto, nosso querido amigo e camarada”, diz ainda no comunicado:

“Recordamos a grande figura moral de Agostinho Neto, recordamos o grande angolano que soube incarnar as aspirações do seu povo e conduzi-lo à criação de uma Pátria independente e livre”.

Recordamos o grande africano e humanista que, à frente da RPA, se empenhou pessoalmente no estabelecimento de uma política de paz, amizade e cooperação com o povo português”.

Por fim, o Secretariado Nacional do PS afirma que o exemplo de Agostinho Neto “permanecerá vivo, inspirando a nossa acção em favor da amizade e cooperação entre os nossos povos”.

CPPC: “O doloroso desaparecimento”

O Conselho Português para a Paz e Cooperação (CPPC) enviou uma mensagem aos órgãos de cúpula do MPLA-PT e ao Governo angolano, manifestando pesar e solidariedade pelo falecimento do presidente Agostinho Neto.

O texto elogia a figura política e humana do dirigente angolano, salientando o papel que desempenhou na luta pela liberdade do povo angolano e dos outros povos, “Na luta antifascista, anticolonialista, anti-imperialista” e pela paz mundial.

Por outro lado, recorda o seu papel como “companheiro de luta e amigo dos democratas e do povo português”.

“O doloroso desaparecimento do presidente Agostinho Neto” – refere a mensagem – “é uma irreparável perda para todo o povo angolano, para os povos africanos e do mundo, incluindo o povo português, em luta pela liberdade, pelo progresso e pela paz”.

O CIDAC (Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral), em documento tornado ontem público, afirma também que a morte de Agostinho Neto constitui a perda do “maior dirigente” da História de Angola.

O documento diz ainda que Neto foi “africano eminente, guerrilheiro e poeta, intelectual e diplomata, chefe partidário e homem de Estado”.

O MES e a OUT tomaram igualmente posição pública face à morte do presidente Neto. A primeira daquelas organizações afirma que os seus militantes

A morte do ‘heroico lutador pela libertação dos povos’ nos jornais portugueses

“sentiram profundamente a morte do presidente Agostinho Neto, grande amigo do povo português e dirigente incontestado da revolução angolana”.

Por sua vez a OUT considera a morte “um rude golpe” para “a luta do povo angolano pela sua emancipação”.

CGTP: “Profunda tristeza”

A CGTP-IN enviou ao Secretário-Geral da UNTA um telegrama no qual, depois de expressar a sua “profunda emoção e tristeza” pela morte de Agostinho Neto, diz nomeadamente:

“O desaparecimento de tão destacado dirigente, filho querido do povo irmão de Angola, é uma perda irreparável para o vosso país, para África e para toda a humanidade.

Os trabalhadores portugueses saúdam comovidamente a memória daquele que durante toda a sua vida foi um conseqüente e intrépido combatente pela liberdade do seu povo e pela independência de Angola, e um dos líderes mais destacados de toda a humanidade progressista e das forças amantes da Paz”.

Diário de Lisboa, 12 de setembro de 1979, pp. 10 e 12

CONSTERNAÇÃO MUNDIAL

Em Angola

Ainda na tarde de ontem, logo que foi conhecida a notícia do falecimento, a vida paralisou completamente em Luanda, enquanto grupos de pessoas de todas as idades e profissões se formavam por toda a cidade chorando a morte daquele que era o seu Presidente e amigo. Antes de ser anunciado o luto oficial de 45 dias, já a maioria dos estabelecimentos comerciais e industriais dos arredores da capital angolana haviam fechado as suas portas em sinal de luto. As agências noticiosas informam também que por todo o país se vive em ambiente de luto pesado, sendo o movimento nas cidades muito inferior ao normal.

Entretanto o “Bureau” Político do Comité Central do MPLA, num novo comunicado divulgado ontem à noite em Luanda, dirigido a todo o povo angolano em geral e em particular às populações das zonas urbanas de Luanda e capitais de província, informa que “oportunamente será decretado feriado ou tolerância de ponto apenas nos dias que forem programados para as derradeiras homenagens de todo o povo angolano àquele que foi o guia da revolução, militante número um e mais conseqüente de todos nós, o camarada dr. Agostinho Neto”.

A senhora Maria Neto, viúva do chefe do Estado angolano, chegou na terça-feira à noite à capital soviética, anunciou a agência “Tass”.

A senhora Neto acompanhava a delegação angolana chefiada por Lúcio Lara e Pascoal Luvualu, membros do “Bureau” Político do MPLA.

Por seu turno, o comandante Xyetu (João Luís Neto), membro do “Bureau” Político do MPLA, partiu ao princípio da tarde para Luanda, no avião da carreira da TAAG.

Vice-ministro da Defesa e chefe do Estado-Maior das FAPLA, o comandante Xyetu encontrava-se em Portugal por motivos pessoais.

Reacções internacionais

Os numerosos dados biográficos e políticos do falecido presidente, assim como as reacções de consternação e de pesar que imediatamente começaram a

chegar de todo o mundo, dão conta do prestígio e da envergadura política e humana do presidente Agostinho Neto. Todas as agências salientam o papel preponderante por ele assumido nas lutas pela total libertação da África inteira, bem como o seu perfil humanista (sempre sorridente) e de poeta profundamente amado pelo seu povo e desde sempre sensibilizado pelo seu sofrimento e empenhado na sua libertação.

Na Guiné-Bissau foram ontem decretados sete dias de luto oficial.

Entretanto, aguarda-se a indicação da delegação que estará presente nas cerimónias fúnebres.

Pensa-se que o próprio presidente Luís Cabral dirigirá a representação do PAIGC.

Em Cabo Verde, o Conselho Nacional do PAIGC e o Conselho de Ministros de Cabo Verde decretaram também luto nacional por quinze dias.

Também decidiram suspender todas as manifestações e cerimónias públicas e encerrar todas as salas de espectáculos até ao funeral do presidente angolano.

Em Moçambique, o matutino *Notícias* dedica hoje toda a sua primeira página ao acontecimento.

O Comité Central do PC, o “Presidium” do Soviete Supremo e o Conselho de Ministros da URSS anunciaram “com uma profunda dor” o falecimento de Agostinho Neto.

O comunicado das mais altas instâncias soviéticas qualifica o defunto como “um dos mais eminentes dirigentes do movimento revolucionário mundial, excepcional homem de Estado e político de África e grande amigo da União Soviética”.

O presidente soviético, Leonid Brejnev, e o chefe de Governo, Alexei Kosyguine, enviaram um telegrama à viúva de Agostinho Neto, Maria Eugénia, e ao povo angolano.

De Cuba ainda não chegaram reacções oficiais (se bem que toda a Imprensa tenha dado largo destaque ao acontecimento).

O poeta cubano e presidente da União de Escritores e Artistas de Cuba Nicolás Guillén enviou uma mensagem de condolências à União de Escritores de Angola.

Também na República Democrática Alemã, o presidente Erich Honecker enviou as suas condolências ao povo angolano.

Na China, a agência noticiosa “Nova China” anunciou a morte do presidente angolano sem qualquer comentário.

Mundo ocidental

Diferentes países e organizações políticas progressistas do “mundo ocidental” começaram ontem a reagir ao desaparecimento de Agostinho Neto. Por nos ser impossível registar todas essas manifestações de solidariedade com o povo angolano, limitamo-nos a citar algumas delas.

Na Suécia o governo expressou a sua consternação num telegrama em que classifica a morte de Neto de “grande perda não só para Angola, mas para toda a África Austral”.

O primeiro-ministro dinamarquês, Anker Joergensen, declarou pela sua parte que Neto foi “uma das grandes personalidades que contribuíram para a obtenção da independência da maior parte dos países africanos”.

Na Holanda, um porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros afirmou que “o importante papel do presidente na independência de Angola e os seus esforços ao lado de outros chefes de Estado africanos, na procura de soluções para os problemas da África Austral, lhe tinha dado uma proeminência internacional”.

O secretário norte-americano de Estado, Cyrus Vance, expressou hoje o seu “profundo pesar” pela morte de Agostinho Neto, e elogiou a sua “contribuição para a paz e estabilidade” no Mundo.

Nas Nações Unidas, o embaixador dos Estados Unidos rendeu também homenagem ao dr. Neto. Ao mesmo tempo, nos meios políticos e principais partidos espanhóis, foi também sentida a morte de Agostinho Neto, e todos eles de alguma maneira expressaram solidariedade com o povo de Angola.

O secretário-geral do PCE, Santiago Carrillo, assim como George Marchais, do PCF, enviaram mensagens de condolências ao MPLA.

Por seu lado, o Brasil declarou três dias de luto oficial.

Na República Popular do Congo, foram igualmente decretados sete dias de luto nacional.

Finalmente, Chadi Bendjedid, presidente da Argélia, declarou numa mensagem: “É com profunda emoção e grande tristeza que soube do falecimento do nosso irmão de combate, o presidente Agostinho Neto” que “permanecerá no coração de cada patriota africano como o símbolo da dignidade e da liberdade do nosso continente”.

Outros países africanos

Na Zâmbia e na Tanzânia, além das declarações de pesar dos seus presidentes, foi decretado luto oficial respectivamente por um dia e até aos funerais de Agostinho Neto.

Leopold Sedar Senghor, presidente da República do Senegal, também enviou um telegrama de condolências a Lúcio Lara, presidente interino do MPLA.

Por seu lado, a Organização do Povo do Sudoeste Africano (SWAPO) manifestou hoje o seu pesar pela morte do presidente angolano.

Entretanto, na África do Sul, certos peritos diplomáticos consideram que a sua morte poderá prejudicar o futuro das actuais negociações com vista a encontrar uma solução negociada para a questão da Namíbia.

Diário de Lisboa, 12 de setembro de 1979, p. 11

Comunicado do MPLA

“UMA PROFUNDA ANGÚSTIA”

Tal como informámos na nossa edição de ontem, o Bureau Político do MPLA-Partido do Trabalho confirmou às 13 horas de Luanda (mesma hora em Lisboa) a morte do Presidente da República Popular de Angola, dr. Agostinho Neto. A notícia oficial do falecimento precisava que este tinha ocorrido segunda-feira em Moscovo, às 16 e 45 locais (18 e 45 em Lisboa) na sequência de “prolongada doença e apesar de realizada uma intervenção cirúrgica”. O comunicado, que foi seguido de dois minutos de silêncio, acrescentava que foi proclamado luto nacional de 45 dias a partir das 13 horas de ontem. Logo a seguir, o Comité Central do MPLA, depois de ter feito ouvir o hino nacional de Angola, divulgou o seguinte comunicado, que transcrevemos na íntegra:

“O Comité Central do Movimento Popular de Libertação de Angola-Partido do Trabalho tem o doloroso dever de participar o falecimento do nosso líder incontestável, ocorrido no dia 10 às 16 e 45 em Moscovo, na sequência de gravíssima doença e não obstante a intervenção cirúrgica a que foi submetido numa malograda tentativa para o salvar.

Uma profunda angústia e pesar, e a maior comoção, nos abalam nesta hora trágica. Todavia o exemplo inapagável da vida daquele que foi e será sempre nosso guia impõe neste momento o dever solene de sermos cada um de nós o seu reflexo sereno, firme e perseverante. A vida e a luta do camarada Presidente Agostinho Neto têm a dimensão histórica da nossa pátria, porque nele reuniram-se as virtudes superiores do revolucionário sem mancha, militante total, do intelectual e poeta universal, do médico profundamente humano, do chefe amigo, do líder clarividente, do companheiro de todas as horas, do incansável servidor do povo.

“A evocação do seu nome e da sua memória sempre viva será fonte inesgotável e estímulo para nos lançarmos, cada vez mais e mais decididos, na luta

pelo triunfo dos seus ideais e ensinamentos, a causa do socialismo, a implantação do poder popular, o reforço e a pureza do partido, pela unidade nacional do nosso país.

“A memória do camarada presidente dr. Agostinho Neto pertence hoje a todos os povos do mundo empenhados na luta pela liberdade e a afirmação do homem.

“O camarada presidente Agostinho Neto projectou a Revolução Angolana na luta vitoriosa da humanidade inteira.

“Povo angolano, militantes do MPLA-Partido do Trabalho, camaradas e compatriotas:

“Em nome da bandeira gloriosa que nos legou o camarada presidente Agostinho Neto, cerremos fileiras em torno do Comité Central do MPLA-Partido do Trabalho, combatamos todos quantos pretendem opor-se à concretização dos ensinamentos e orientações, e de punho erguido levantemos bem alto a inquebrantável decisão de construir a pátria socialista e a felicidade do povo angolano.

“Glória imortal ao guia da revolução angolana e fundador da nação e do MPLA-Partido do Trabalho. A luta continua.

A vitória é certa.”

Eduardo dos Santos interino

Entretanto a Anop informou de Luanda que o presidente Agostinho Neto, antes de partir para Moscovo no passado dia 6, designou Lúcio Lara para o substituir na Direcção do MPLA e José Eduardo dos Santos, actual ministro do Plano, para assegurar as funções de Presidente da República.

Agostinho Neto acumulava as funções de presidente do MPLA-Partido do Trabalho e Presidente da República.

Em 10 de Dezembro do ano passado, o Comité Central do MPLA suprimiu o cargo de primeiro-ministro, funções que eram exercidas por Lopo do Nascimento, passando o presidente Neto a dirigir directamente a actividade do Governo.

Na mesma reunião do Comité Central do MPLA foi decidido que o presidente Agostinho Neto seria substituído nas suas ausências ou impedimentos por Lúcio Lara na direcção do CC do MPLA.

Diário de Lisboa, 13 de setembro de 1979, p. 11

CONDOLÊNCIAS PORTUGUESAS PARA ANGOLA

O Presidente da República portuguesa, general Ramalho Eanes, endereçou ao presidente interino da República Popular de Angola, José Eduardo dos Santos, uma mensagem de condolências pela morte do Presidente Agostinho Neto – informa a agência noticiosa angolana, ANGOP.

“Ao tomar conhecimento da dolorosa notícia da morte do Presidente Agostinho Neto, associo-me ao pesar que enlutou Angola e África, evocando o notável contributo para o esforço da construção de um Estado angolano coeso e independente e para o progresso do seu povo, apresento a Vossa Excelência as mais sinceras condolências”, diz o telegrama de Ramalho Eanes.

O Presidente da República portuguesa refere ainda que neste momento considera que “a melhor homenagem de Portugal e de Angola à memória de Agostinho Neto será o reforço de laços de amizade” que unem “os nossos dois povos, como era desejo do vosso grande estadista”.

Numa outra mensagem enviada à mãe do falecido Presidente, Eanes sublinha os “laços de sincera amizade” que o ligavam a Agostinho Neto e acrescenta que “na pessoa de Vossa Excelência presto homenagem à sua memória”. Lamenta, por outro lado, a perda de um “amigo e de um obreiro da independência de Angola e do estreitamento dos laços afectivos entre os povos angolano e português”.

Também à esposa do chefe do Estado angolano, Maria Eugénia Neto, o Presidente da República endereçou um telegrama, subscrito por si e por Manuela Eanes, onde afirma que “como portugueses e vossos amigos acompanhamo-la na sua dor”, solicitando que disponha de ambos “como verdadeiros amigos”.

CR: “O mais profundo pesar”

O Conselho da Revolução enviou ontem uma mensagem ao presidente interino angolano, José Eduardo dos Santos, a quem solicita para transmitir “ao povo angolano e seus altos dirigentes a expressão do mais profundo pesar pelo desaparecimento do dirigente nacionalista que sempre procurou encarnar os

A morte do ‘heroico lutador pela libertação dos povos’ nos jornais portugueses

sentimentos e anseios de independência e dignidade e prestígio do povo e Estado angolanos”.

O Conselho da Revolução sublinha “a figura insigne de estadista e homem africano que tão lúcida e empenhadamente vinha contribuindo para o aprofundamento das amistosas e fraternais relações entre a República Popular de Angola e a República Portuguesa”.

Condolências na Embaixada

Continuam a afluir à residência oficial do embaixador da RPA em Lisboa mensagens de condolências, algumas das quais apresentadas pessoalmente por altas individualidades portuguesas e estrangeiras.

O ministro e secretário dos Negócios Estrangeiros, Freitas Cruz e Paulo Enes, respectivamente, o secretário de Estado da Emigração, Mário Neves, os embaixadores de Cuba, Cabo Verde, República Popular de Moçambique, Zâmbia, Coreia do Norte, Brasil, RDA, Roménia, Espanha foram algumas das muitas individualidades que passaram pela residência oficial do embaixador angolano.

Para além de individualidades do panorama político português e de diplomatas estrangeiros em Portugal, têm-se deslocado ali centenas de pessoas, entre as quais muitos portugueses retornados e angolanos residentes em Portugal, para deixar presente a sua solidariedade com o MPLA-PT e o povo angolano.

Também telefonicamente e através de telegramas dos mais diversos pontos do País têm chegado mensagens expressando dor pela morte de Agostinho Neto e a convicção da irreversibilidade da revolução angolana sob o exemplo daquele que foi o seu guia, o Presidente Agostinho Neto.

Por outro lado, segundo fontes da Embaixada, muitas organizações de trabalhadores das mais diversas empresas, bem como direcções sindicais, têm enviado mensagens de pesar.

A Embaixada recebeu ainda um telegrama de condolências do conselheiro da Revolução, ten.-cor. Melo Antunes.

USL: “Profunda mágoa”

Os sindicatos de Lisboa, reunidos na quarta-feira em plenário, aprovaram um telegrama a enviar à União Nacional dos Trabalhadores Angolanos manifestando a sua “profunda mágoa pela morte de Agostinho Neto”.

Reações

A União dos Sindicatos de Lisboa diz ainda: “Agostinho Neto morreu mas continuará para sempre ao nosso lado. Nas lutas que continuaremos a desenvolver, a sua memória, o seu exemplo, a lição que perdura em toda a sua obra, continuarão a iluminar os rumos que trilharemos”.

Por sua vez, a Associação de Amizade Portugal-Angola divulgou ontem um comunicado em que presta homenagem ao “grande humanista e combatente da liberdade” que foi o Presidente Neto.

O comunicado recorda que Agostinho Neto “nunca permitiu a confusão entre o povo português e o colonial-fascismo, nem tão-pouco o racismo e a luta pela independência”.

Também o MDP-CDE enviou um telegrama ao MPLA-PT, manifestando o seu mais profundo pesar pela morte de Agostinho Neto.

A Comissão Nacional daquele partido expressou a “profunda mágoa” pela morte do “grande dirigente do povo angolano e exemplo da luta de libertação dos povos”.

Diário de Lisboa, 14 de setembro de 1979, p. 10

PROFUNDAS MANIFESTAÇÕES DE PESAR DOS TRABALHADORES PORTUGUESES PELA MORTE DO PRESIDENTE ANGOLANO

Não está ainda fixada a partida para Luanda do Presidente da República, que se desloca a Angola para assistir ao funeral do Presidente Agostinho Neto, cujos restos mortais chegaram esta manhã àquela capital.

A notícia da deslocação do general Ramalho Eanes, a Luanda, onde estarão presentes todos os Chefes de Estado dos países de língua portuguesa com exceção do Brasil, foi anunciada oficialmente ontem, num comunicado da Presidência da República. Ramalho Eanes será acompanhado pelo coronel Ribeiro Cardoso e pelo capitão Marques Júnior, que o Conselho da Revolução designou para integrar a delegação presidencial.

Garcia dos Santos presidente interino

Na sua reunião de ontem, o Conselho da Revolução designou o brigadeiro Garcia dos Santos, chefe da Casa Militar do general Ramalho Eanes, para desempenhar interinamente as funções de Presidente da República na ausência deste. Esta decisão deriva do facto de ter sido dissolvida a Assembleia da República, uma vez que em condições de normal funcionamento de todos os órgãos de soberania a substituição do Presidente da República no seu impedimento compete ao Presidente da Assembleia da República. Vasco da Gama Fernandes e Teófilo Carvalho dos Santos foram já presidentes interinos durante as diversas deslocações oficiais do general Ramalho Eanes ao longo do seu mandato.

Garcia dos Santos, de 44 anos, é membro do Conselho da Revolução desde 22 de Setembro de 1976. É engenheiro e dirigiu as transmissões do Movimento das Forças Armadas em 25 de Abril de 1974 e mais tarde nos acontecimentos militares de 25 de Novembro. Foi secretário de Estado das Obras Públicas no segundo, terceiro, quarto e sexto governos provisórios.

Embora o brigadeiro Garcia dos Santos seja tido como um militar politicamente independente, a sua designação causou alguma surpresa, pois é conhecida a oposição que um bloco conservador e saudosista das Forças Armadas tem exercido para impedir a sua promoção a general, cujas condições reúne.

Trabalhadores portugueses manifestam o seu pesar

Os trabalhadores portugueses têm manifestado ao povo e aos dirigentes angolanos de uma forma massiva o seu pesar pela morte de Agostinho Neto. Das numerosas mensagens e telegramas, podemos destacar:

“Jamais esqueceremos a grande figura do heróico lutador pela libertação dos povos” (Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias de Celulose, Papel, Cartonagem e Afins – Zona Sul). “Profunda mágoa pela perda do camarada Agostinho Neto uma perda importante para o movimento progressista mundial que o seu exemplo de activo militante da causa justa dos trabalhadores triunfe em todo o mundo” (Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Químicas do Sul e Ilhas Adjacentes e Moagens do Centro e Sul).

“Nesta hora de luto e de dor, manifestamos-vos as nossas mais sentidas condolências e pedimos-vos que transmitam nosso pesar aos trabalhadores e ao povo angolano” (União dos Sindicatos de Lisboa).

“Combatente lúcido e firme pela liberdade, independência nacional, pela paz e socialismo em Angola, Agostinho Neto, estamos certos, permanecerá vivo no coração dos angolanos e de toda a humanidade progressista” (Sindicato dos Trabalhadores Gráficos do Sul e Ilhas).

Os delegados sindicais dos trabalhadores da hotelaria, turismo, restaurantes e similares do Sul “consideram seu dever manifestar o seu maior desgosto e tristeza pelo desaparecimento dum grande revolucionário, dum grande combatente pela liberdade do seu povo e dum grande amigo dos trabalhadores e do povo português”.

Por sua vez a Federação dos Sindicatos de Metalurgia, Metalomecânica e Minas de Portugal, “em nome de mais de duzentos mil trabalhadores” que representa, dirige ao povo angolano e à UNTA as suas “mais profundas e sentidas condolências” e exprime a sua “solidariedade combativa e a certeza de que os trabalhadores e o povo angolano honrarão a memória de Agostinho Neto, prosseguindo a batalha firme e intransigente pela construção da pátria

A morte do ‘heroico lutador pela libertação dos povos’ nos jornais portugueses

angolana, independente e próspera”. A Comissão de Trabalhadores da Metalúrgica Duarte Ferreira, empresa que tinha grandes relações com a RPA, sublinha na sua mensagem que “Agostinho Neto, pelo que lutou, pelo que criou, e pelo que conseguiu, é, indiscutivelmente, um exemplo que ficará sempre vivo e na memória de quantos lutam pela revolução profunda da sociedade ao serviço do homem e de todos os homens com justiça e total liberdade”.

Álvaro Cunhal chefia a delegação do PCP

O secretário-geral do PCP, Álvaro Cunhal, chefia a delegação do PCP que vai assistir ao funeral do presidente Agostinho Neto. Álvaro Cunhal será acompanhado por Veiga de Oliveira, membro do Comité Central daquele partido.

Um porta-voz do Partido Socialista confirmou ao fim da manhã que este partido enviaria uma delegação a Luanda mas não era ainda conhecida a sua composição.

Também ao fim da manhã o PSD não tinha uma posição oficial sobre o envio ou não de qualquer representação.

Por sua vez o CDS, numa declaração proveniente do seu secretário-geral, afirma que “como partido não tem relações com estados” e também como partido “não quer ter relações com o MPLA”.

Quanto à UDP, pela voz de José Alcobia, da Comissão Permanente, diz que não enviará qualquer representante, “por razões internas”, porque “estamos empenhados em tarefas partidárias importantes”.

Mas além dos partidos, numerosas outras organizações têm dirigido mensagens de pesar às autoridades e ao povo angolano pela morte do seu presidente.

A Associação Portugal-Moçambique, em telegrama enviado ao Comité Central do MPLA em que expressa “as suas condolências e sentimentos da mais profunda e fraterna solidariedade”, afirma em nome de todos os seus associados “que o papel desempenhado pelo presidente Agostinho Neto na luta de libertação da África Austral e para a amizade entre o povo de Angola e o povo português jamais será esquecido”.

MESSAGEM AO POVO PORTUGUÊS EM 11 DE NOVEMBRO DE 1975

Manuscrito de Agostinho Neto

Eis o texto manuscrito da Mensagem ao Povo português, redigida pelo presidente Agostinho Neto no dia 11 de Novembro de 1975, data da Independência da República Popular de Angola:

Mensagem ao Povo Português

Saja-me permitido saudar no seu conjunto, este mesmo Povo, que após um convívio secular e depois de ultrapassadas as barreiras de colonialismo e do fascismo, está destinada a estabelecer as laços fraternos e de amizade com o Povo Angolano

Declarando a independência de todo País e proclamando a constituição da República Popular de Angola, a partir da decisão oficial do governo Português que ainda tenta descobrir a genuidade desta nova República, o Povo Angolano reconhece que este povo não é a do conjunto do Povo Português. Sabe que deste tem o maior apoio e compreensão e que também luta contra a reacção interna e externa.

O povo português virado a norte e a sul por forças estrangeiras e mercenárias, atacado por zairianos, sul-africanos, portugueses, marciais nãos do SLP e pelos ferozes exploradores.

1º
O MPLA mobilizou o povo para organizar a resistência generalizada. E assim, a fúria do imperialismo metropolitano e técnica de caçadores portugueses, o inimigo, a jovem República Popular de Angola resistiu, tendo assegurado a vitória. O apoio maciço da população e o fronto após estremo, são factores estratégicos ~~que~~ consideráveis: -

Tanto ~~contra~~ a resistência portuguesa contra o neo-fascismo, como a resistência angolana contra o neo-colonialismo, impõem-se no mesmo direito de liberdade e de Paz, no mesmo anseio de uma existência em que se eliminasse a exploração do homem pelo homem.

É a luta pela justiça.

Luta longa, mas que em cada etapa oferece ~~vigília~~ e momentos de alegria.

E é porque a reacção interna e porque as forças imperialistas sabem que a vitória é inevitável, e que elas desajustadamente estabelecem de violência em violência procurando ainda sobreviver por algum tempo ^{o regime de} ~~o regime de~~ exploração.

Reforçamos pois a nossa solidariedade na luta comum contra o imperialismo. Lutemos pelo Povo Português.

A luta continua
A vitória é certa

Agostinho Neto
Pres. MPLA da Rep. Pop. de Angola

O texto foi-nos cedido pelo cineasta Luis Filipe Rocha, a quem agradecemos

Mensagem ao Povo Português

Seja-me permitido saudar, no seu conjunto, este mesmo Povo, que após um convívio secular com o Povo angolano e depois de ultrapassadas as barreiras do colonialismo e do fascismo – portanto de relações impostas –, está predeterminado a estabelecer laços fraternos e de amizade com o Povo Angolano.

Declarada a Independência do vosso País e proclamada a constituição da República Popular de Angola, apesar da posição oficial do Governo Português que ainda tenta desconhecer a genuí[ni]dade desta nova República, o Povo Angolano reconhece que esta posição não é a do conjunto do Povo Português. Sabe que deste tem o maior apoio e compreensão e que também luta contra a reacção interna e externa.

O nosso País, invadido a norte e a sul por forças estrangeiras e mercenárias, atacado por zairenses, sul-africanos, portugueses reaccionários do ELP e pelos fantoches angolanos. Por isso o MPLA mobilizou o povo para organizar a resistência generalizada. E assim, apesar da superioridade material e técnica do inimigo e da campanha psicológica infernal, a jovem República Popular de Angola resiste, tendo assegurada a vitória. O apoio maciço da população e o grande apoio externo, são factores estratégicos consideráveis.

Tanto a resistência portuguesa contra o neo-fascismo, como a resistência angolana contra o neo-colonialismo, inspiram-se no mesmo desejo de liberdade e de Paz, no mesmo anseio de uma existência em que se elimine a exploração do homem pelo homem.

É a luta pela justiça.

Luta longa, mas que em certa etapa oferece vitórias e momentos de alegria.

E é porque a reacção interna e porque as forças imperialistas sabem que a vitória é inevitável, é que elas desesperadamente estrebucham de violência em violência procurando ainda salvaguardar por algum tempo o regime de exploração.

Reforcemos pois a nossa solidariedade na luta comum contra o imperialismo. Lutemos pelo Poder Popular.

A luta continua

Reações

A vitória é certa

Agostinho Neto

Pres. MPLA Pres. Rep. Pop. Angola

Diário de Notícias, 15 de setembro de 1979, p. 1

Corpo de Agostinho Neto velado em Luanda

GOVERNO DE PEQUIM EXPRESSA PENA PELA MORTE DO PRESIDENTE DE ANGOLA

Os habitantes de Luanda, muitos dos quais chorando abertamente, encheram ontem as ruas da cidade para prestarem homenagem ao seu falecido presidente, no regresso do seu corpo de Moscovo. Entretanto, entre as numerosas mensagens de condolências que têm sido enviadas ao Governo angolano, destaca-se uma da República Popular da China, que em 1975 apoiou a FNLA, e que ainda não tem relações diplomáticas com Luanda.

Coberta pela bandeira angolana, a urna contendo o corpo de Agostinho Neto surgiu na porta do avião da TAAG que a trouxe de Moscovo. Quase todas as pessoas presentes no aeroporto deram livre curso às lágrimas, enquanto soava o hino nacional e depois o hino do MPLA-Partido do Trabalho.

O cortejo afastou-se do aeroporto enquanto se ouviam as salvas de canhão. Ao longo das ruas, uma enorme multidão comprimia-se para prestar uma última homenagem.

Após mais de duas horas, o corpo de Agostinho Neto dava entrada na câmara-ardente do Comissariado Municipal, de onde sairá o funeral.

As exéquias do presidente Agostinho Neto realizar-se-ão na segunda-feira – segundo um comunicado oficial difundido ontem à noite, em Luanda. As cerimónias fúnebres terão início às 9 horas, a partir da antiga residência presidencial, situada no centro da capital angolana.

Entretanto, julga saber-se que o Presidente da República, general Ramalho Eanes, partirá amanhã para Luanda, a fim de participar nas cerimónias fúnebres.

Também seguem para a capital angolana, em representação do PS, Mário Soares, Manuel Alegre e Manuel Tito de Morais. Mário Soares representa igualmente a Internacional Socialista. O Partido Comunista Português será representado pelo seu secretário-geral, Álvaro Cunhal, e Veiga de Oliveira, do

Reações

Comité Central. Por sua vez, a Associação de Amizade Portugal-Angola far-se-á representar pelo seu presidente, Carlos de Matos.

Antes de saírem de Moscovo, os dirigentes angolanos Lúcio Lara e Pascoal Luvualu, membros do Bureau Político do MPLA, foram recebidos na sede do Comité Central do Partido Comunista da URSS por Mikhail Suslov.

Diário de Lisboa, 19 de setembro de 1979, p. 10

Eanes no regresso

NETO MERECE A NOSSA ADMIRAÇÃO DE PORTUGUESES E DE EUROPEUS

“Fui a Angola para participar na última homenagem a Agostinho Neto, estadista que merece a nossa admiração de portugueses e de europeus”, sublinhou o Presidente Ramalho Eanes na declaração que fez à sua chegada, ontem à tarde, ao aeroporto de Lisboa, vindo de Luanda, onde assistiu às exéquias do fundador e primeiro Presidente da República Popular de Angola.

Aguardado no aeroporto, entre outros, pelo brigadeiro Garcia dos Santos, presidente interino, pela Primeiro-Ministro Lurdes Pintassilgo, por vários membros do Conselho da Revolução e por representantes do PS e do PCP (PSD e CDS não se fizeram representar), o general Ramalho Eanes diria ainda: “como europeus não podemos honestamente deixar de reconhecer o esforço que Agostinho Neto desenvolveu na defesa de uma África independente e em prol do estabelecimento de relações justas entre a Europa e África. Como portugueses ligados a Angola pela História, pela língua e por toda uma gama complexa de outros interesses, não podemos deixar de reconhecer quão importante, lúcida e corajosa foi a acção desenvolvida por Agostinho Neto na consecução das condições de entendimento e cooperação indispensáveis à salvaguarda presente e futura dos interesses reais dos Povos português e angolano”.

O presidente português exaltou ainda “a qualidade e a importância da cooperação conseguida quatro anos após uma descolonização traumática” como prova “evidente” do desejo também dos responsáveis angolanos na intensificação das relações luso-angolanas e referiu os contactos “que as circunstâncias naturalmente permitiram estabelecer, ainda que de índole formal” mas que, concluiu, contribuíram para “prosseguir a normalização desejada nas relações com os Estados que se exprimem na nossa língua”.

Eanes em França

Foi entretanto ontem anunciada a próxima visita a França, a convite de Giscard D'Estaing, do Presidente Eanes, que ali permanecerá de 8 a 11 de Outubro próximo.

A morte do ‘heroico lutador pela libertação dos povos’ nos jornais portugueses

Diário de Lisboa, 19 de setembro de 1979, pp. 10-11

SOARES E CUNHAL IMPRESSIONADOS COM EXÉQUIAS DE NETO

No mesmo voo Luanda-Lisboa, chegaram a meio da manhã de ontem, ao aeroporto da Portela, as delegações do PS e PCP que se deslocaram à capital angolana para assistir às cerimónias fúnebres de Agostinho Neto.

Soares, que viajou em representação do PS (com Manuel Alegre e Tito de Morais) e da Internacional Socialista, afirmou à chegada ter sido “extremamente emocionante a manifestação de pesar do povo angolano e do conjunto das delegações estrangeiras presentes” e considerou a morte de Neto como “perda irreparável para Angola, mas há o desejo de toda a equipa dirigente do MPLA-Partido do Trabalho de, na medida do possível, continuar a sua obra e a sua política”.



Diário de Lisboa,
19 de setembro de
1979, p. 11 – [As-
peto da multidão
que assistiu às ceri-
mónias fúnebres]

A delegação do PCP era constituída por Álvaro Cunhal e por Veiga de Oliveira (o único ministro partidário do VI Governo Provisório) que na noite de 11 de Novembro de 1975 defendia o reconhecimento imediato da independência de Angola sob a direcção de Neto.

Na sua declaração à chegada, Álvaro Cunhal sublinhou que a delegação do PCP “volta profundamente impressionada com as manifestações de dor do povo angolano pela morte do camarada Agostinho Neto – perda irreparável

para Angola, para África e para o mundo. Mas ainda impressionada pela determinação do MPLA e do povo angolano de prosseguirem pelo caminho indicado por Agostinho Neto: a independência nacional, o poder popular, construção de uma sociedade de justiça social – a sociedade socialista”.



Diário de Lisboa, 19 de setembro de 1979, p. 11
– [Manuel Alegre e Tito de Morais, da delegação do PS]

O secretário-geral do PCP considerou ainda que “mesmo depois da morte, Agostinho Neto continuará a servir o seu povo. A sua memória será um factor de importância central para a unidade do partido, para a unidade nacional e para a construção de uma vida livre e feliz para o povo angolano”.

No mesmo avião em que viajaram as delegações do PS e do PCP regressaram também a Lisboa outras personalidades que foram assistir às exéquias, nomeadamente Daniel de Matos, presidente da Associação de Amizade Portugal-Angola, e Silas Cerqueira, do Conselho Português para a Paz e Cooperação.

Tempo, 20 de setembro de 1979, p. 26

ESPANHA NA EXPECTATIVA DO SUCESSOR DE NETO

G. Portocarrero de Almada

MADRID (TEMPO) – Saíram hoje para a rua os jornais madrilenos com a surpreendente notícia do falecimento de Agostinho Neto. Com grandes títulos na primeira página – prova evidente da vocação africana da política externa espanhola – e extensos comentários nas páginas interiores, a Imprensa espanhola recorda a vida do falecido primeiro Presidente da República de Angola, enquanto aguarda com expectativa a chegada ao poder do seu sucessor. Em Madrid, Santiago Carrillo, secretário-geral do Partido Comunista de Espanha, expressou as suas condolências e as do seu partido pela morte de Agostinho Neto, em telegrama dirigido ao Comité Central do MPLA.

Destaca *El País* a vinculação do regime de Luanda a Moscovo, de que faz alarde o comunicado soviético que deu a conhecer o desaparecimento de Agostinho Neto e que promete que o povo soviético continuará a ser um amigo verdadeiro e digno de confiança do povo angolano, de acordo com os interesses da luta de todos os povos pela paz, pela independência nacional e o problema social [*sic*]. Não deixa de ser significativo que o comunicado da URSS venha dirigido ao povo angolano, expressão que não deixa dúvidas sobre o vazio político provocado pela morte de Agostinho Neto.

O diário *ABC*, fazendo história dos primeiros anos da independência de Angola, lembra a intranquilidade política e militar reinante nesta ex-colónia portuguesa que teve também as suas repercussões no seio do MPLA que, só uma vez expulsos Nito Alves e Lopo do Nascimento, encontrou a sua identidade. Moscovo tentou, escreve o *ABC*, um alinhamento entre a “ala negra” do MPLA e os dissidentes da “Unita” para cristalizar um “black power” e encontrar uma fórmula para a sucessão de Agostinho Neto, que sempre se opôs a esta solução. Mas agora, Agostinho Neto já não é problema.

IV. Editoriais, comentários e análises

UM AMIGO DO POVO PORTUGUÊS

A notícia da morte do dr. Agostinho Neto, Presidente da República Popular de Angola, dirigente experiente e respeitado do MPLA, não representa só uma grande perda para Angola, é, também, uma grande perda para Portugal. Porque, com o dr. Agostinho Neto, Portugal perde um interlocutor que conhecia directamente os problemas portugueses, que com o nosso povo os vivera, que com o nosso povo fizera a sua aprendizagem escolar e social, que participara na nossa luta pela Liberdade, que com o povo português sofrera a repressão e o cárcere.

O militante nacionalista fora, em Portugal, um combatente antifascista; o poeta angolano falara ao seu povo, na língua portuguesa, de amor e de liberdade, de revolta e independência. Poeta e revolucionário, homem de pensamento e de acção, Agostinho Neto soube dirigir o MPLA até ao poder e conduzir o povo de Angola à Independência Nacional.

Na História de Angola – e da África – o nome do dr. Agostinho Neto ficará como o do criador da Angola dos angolanos.

Esse foi o seu sonho – uma Angola independente, progressiva e fraterna, acolhendo e abraçando todos os naturais de Angola.

E quis sempre que, na construção de Angola, os Portugueses estivessem presentes como cooperantes, amigos e iguais. A perspectiva de uma nova fase de diálogo e de cooperação estava aberta. É nesta hora importante para Angola e para Portugal, que o Camarada-Presidente parte para uma viagem sem regresso. E com a sua partida ficamos mais pobres: Angola e Portugal.

Diário de Notícias, 11 de setembro de 1979, pp. 4 e 6

AGOSTINHO NETO – UMA RECORDAÇÃO

Mário Ventura

Às dez horas da manhã, ao receber a notícia da morte de Agostinho Neto, a memória transporta-me vinte anos no passado. Recordo em segundos o mesmo ar sereno do presente, o mesmo sorriso doce, contemplativo e modesto, no momento de ser libertado após dois anos de prisão, que o fascismo justificara com a sua actuação junto do MUD juvenil, como representante da juventude das colónias portuguesas. Jovem, mas conhecido já internacionalmente como o poeta mais importante e um dos principais revolucionários de Angola, Agostinho Neto mantém o comportamento do mais humilde dos seus camaradas, como se não tivesse sido o Prisioneiro Político do Ano eleito em 1957 pela Amnistia Internacional, como se não houvessem pedido a sua libertação figuras tão relevantes como Jean-Paul Sarte, André Mauriac, Aragon, Nicolás Guillén e Diego Rivera.

Mais tarde, após o 25 de Abril, reencontro-o na Associação Portuguesa de Escritores, onde os seus camaradas portugueses, e antigos companheiros de luta antifascista, lhe prestam uma singela mas comovida homenagem – não aquela que desejariam e ele merecia, mas a que o momento tornava possível. E foi com o mesmo sorriso de vinte anos antes que a todos abraçou, exprimindo a mesma esperança e desejo de lutar, a mesma firmeza e a mesma generosidade que sempre caracterizara a sua existência de luta e sacrifício.

Preso de novo em 1961, e transferido para a prisão do Aljube em Lisboa, Agostinho Neto aproveita os meses de cárcere – como já o fizera em 1957 e em 1955 – para escrever poemas que lhe granjeiam a admiração de todo o mundo culto, poemas que em Lisboa só podem circular clandestinamente. Considerado já, nesse momento, tão importante na África de expressão portuguesa, como Léopold Senghor na África de expressão francesa, Agostinho Neto tem o conforto de saber que por ele se interessam, publicamente, intelectuais tão destacados como Doris Lessing, Iris Murdoch, Angus Wilson, Allan

Stillitoe, John Wain, John Osborne ou Arnold Wesker. E ele continua, apesar de tudo isso, a ser, na prisão como em liberdade – que recupera em 1962 –, a mesma apagada e serena figura sorridente e generosa, que só se revela inteiramente nos poemas, que constituem a sua mais importante forma de expressão:

Vou pelas ruas
às apalpadelas
encostado aos meus informes sonhos
tropeçando na escravidão
ao meu desejo de ser.

Hoje, dia da sua morte, mais de vinte anos depois do primeiro encontro, quatro anos depois do último abraço, o que recordo, sobretudo, é o grande talento que faz de Agostinho Neto um dos maiores poetas da nossa língua, e a humildade sorridente, tão nítida ainda ante os meus olhos como estes versos em que ela se transmite com toda a força da sua verdade:

A minha glória
é tudo o que padeço
e que sofri
Os meus sorrisos
tudo o que chorei
Nem sorrisos nem glória
Apenas um rosto duro
de quem constrói a estrada
por que há-de caminhar
pedra após pedra
em terreno difícil

Diário de Lisboa, 11 de setembro de 1979, p. 20

UMA VIDA DEDICADA AO POVO ANGOLANO

António Agostinho Neto nasceu a 17 de Setembro de 1922, na aldeia de Kaxikane, região de Icolo e Bengo, a cerca de 60 km de Luanda. O pai era um pastor protestante e, tal como a mãe, professor.

Após ter concluído o curso liceal, em Luanda, Neto trabalhou nos Serviços de Saúde, onde durante vários anos pôs de lado parte dos seus magros proventos para cursar medicina.

Tornou-se rapidamente figura de destaque do movimento cultural nacionalista que, durante os anos 40, conheceu uma fase de expansão.

Embarcou para Portugal em 1947, estudando primeiro em Coimbra e depois em Lisboa.

Empenhado em actividades políticas, experimentou a prisão pela primeira vez em 1951, quando reunia assinaturas para a Conferência Mundial da Paz, em Estocolmo. Os três meses que passou na prisão de Caxias, perto de Lisboa, foram o prelúdio dos anos subsequentes que viria a passar no cárcere, perseguido pela Pide.

Retomando as actividades políticas após a sua libertação, Neto tornou-se representante da juventude das colónias portuguesas junto de um movimento da juventude portuguesa, o MUD juvenil. E foi no decurso de um comício de estudantes, a que assistiam operários e camponeses, que a Pide o prendeu pela segunda vez.

Encarcerado em Fevereiro de 1955, só veio a ser posto em liberdade em Junho de 1957, tendo transcorrido dez meses como prisioneiro antes de ser sentenciado a 18 meses de prisão.

A sua libertação ficou a dever-se à campanha internacional organizada em defesa da vida e da liberdade daquele que já era conhecido como o poeta mais importante de Angola.

Nela intervieram intelectuais de renome como Jean-Paul Sartre, François Mauriac, Aragon, Simone de Beauvoir, Nicolás Guillén e Diego Rivera. Em

1957 foi eleito prisioneiro político do ano pela Amnistia Internacional, com sede em Londres.

Durante o tempo que cumpriu na cadeia, o movimento para a independência africana cresceu. A 10 de Dezembro de 1956 fundiram-se em Angola vários dos movimentos para formar o MPLA, Movimento Popular para a Libertação de Angola.

A par da crescente luta política, desenvolvia-se em Angola um movimento cultural que rejeitava a interpretação colonialista da sua cultura e história, que culminou com o I Congresso de Escritores e Artistas Negros, em Paris, em Setembro de 1956.

Em 1958, Agostinho Neto doutorou-se em medicina e casou no próprio dia em que concluiu o curso. Nesse mesmo ano foi um dos fundadores do clandestino movimento colonial (MAC), reunindo patriotas oriundos das diversas colónias portuguesas.

Neto voltou ao seu país, com a mulher, Maria Eugénia, e o filho de tenra idade, em 30 de Dezembro de 1959, ocupando a chefia do MPLA e exercendo medicina entre os seus compatriotas.

As condições eram extremamente difíceis para quantos trabalhavam dentro do território angolano, onde a Pide fora reforçada em 1957, o ano seguinte à fundação do MPLA. A 29 de Março de 1959 registaram-se prisões maciças de nacionalistas e, depois de Julho, as rusgas policiais tornaram-se rotina quase diária. A 8 de Junho de 1960, o director da Pide prende pessoalmente Neto no seu consultório em Luanda.

Uma manifestação pacífica realizada na aldeia natal de Neto, em protesto contra a sua prisão, teve como balanço 30 mortos e 200 feridos pelas balas da polícia.

Neto é transferido para uma prisão de Lisboa, sendo enviado mais tarde para Cabo Verde, primeiro para Santo Antão e depois para Santiago, tendo sido eleito, durante este período, presidente honorário do MPLA.

Segue-se todo o período de guerra e violência, de Fevereiro de 1961 a 25 de Abril de 1974.

A 17 de Outubro de 1961 Neto é transferido para a prisão do Aljube em Lisboa, recomeçando toda uma campanha internacional em prol da sua

libertação, apoiando o MPLA, pelo que as autoridades fascistas se viram obrigadas a libertar Neto em 1962, fixando-lhe residência em Portugal.

Contudo, pouco tempo depois Neto saiu clandestinamente de Portugal com a mulher e os dois filhos pequenos, chegando a Leopoldville (Kinshasa), onde o MPLA tinha ao tempo a sua sede exterior, em Junho de 1962. Em Dezembro desse ano foi eleito presidente do MPLA durante a conferência nacional do Movimento.

Ascendeu à Presidência da República de Angola no dia da sua independência, em 11 de Novembro de 1975.

Diário de Lisboa, 12 de setembro de 1979, p. 3

SAUDADES DE AGOSTINHO NETO

Fernando Piteira Santos

O poema de Agostinho Neto que tem por título a palavra de esperança, a decisão de combate, “Havemos de voltar”, está datado da Cadeia do Aljube, de Outubro de 1960. Na colectânea de poemas *Sagrada Esperança*, que Marga Holness tão inteligentemente prefaciou, outros poemas levam inscrita a recordação das prisões portuguesas, prisões do “fascismo”, prisões do “colonialismo”. A composição que começa por aquele límpido verso “Apetece-me escrever um poema” foi escrita na Cadeia de Caxias, concluída em 25 de Fevereiro de 1955. De Março desse ano de 1955, o poema “Um *bouquet* de rosas para ti”, no aniversário de Maria Eugénia, tem a marca: “Cadeia da PIDE do Porto”. Da “Cadeia da PIDE de Luanda”, de Julho de 1960, é o poema “Aqui no cárcere”. Do desterro de Cabo Verde, o poema tem, como lhe cabia, o título “Desterro”.

Foi António Agostinho Neto um estudante antifascista perseguido, um militante anticolonialista perseguido, um dirigente nacionalista perseguido.

E hoje, que a doença pertinaz venceu um combatente que, na luta em que se empenhara, vencera, o lugar que o político deixa ao povo de Angola, o gravíssimo problema de preencher, leva-nos a meditar noutro vazio que o desaparecimento de um homem com o quilate intelectual e a tèmpera de Agostinho Neto vai causar. É um vazio cultural sobre ser político.

Com Agostinho Neto desaparece uma memória histórica de luta comum, de fraternal itinerário. Não foi ele o único, mas foi um dos poucos que chegaram, com firmeza e numa total entrega, ao fim da jornada. Não foi só o dirigente reconhecido, o chefe político do movimento de libertação nacional com mais profundas raízes em Angola, foi o fundador de Angola-Nação.

De um espaço colonial talhado pelas armas, pelos trabalhos e ardis portugueses na imensa África, à frente da luta dos seus povos e com os combatentes

do povo, fez Agostinho Neto **uma pátria**. Agora andava, quando a morte o abateu, a ensinar os angolanos a construir um Estado.

A tarefa não era de menor tomo, nem menos difícil, que a da conquista da liberdade, da independência, da autêntica soberania nacional.

Trabalhos de guerra e de paz eram falados em português. Não que **o português** lhe fosse pátria, mas porque na língua portuguesa aprendera as palavras, e os conceitos, em que se gerara homem livre. E em português, na língua de Bernardim e de Camões, aprendera a dizer aquele “humanismo profundo” a que se refere Marga Holness e quantos à sua obra poética se referiram: “Sou um dia em noite escura/ Sou uma expressão de saudade...”

Nos seus poemas, a saudade e a esperança – a “esperança desesperada” do poeta Armindo Rodrigues –, a Mãe, a sua terra africana, o seu povo escravo, a revolta, a confiança na luta. E tem pressa, tarda a hora da libertação do homem, dos homens, do povo angolano. O revolucionário pensa, o poeta canta: “Impaciente-me nesta mornez histórica/ de esperas e de lentidão/ quando apressadamente são assassinados os justos/ quando as cadeias abarrotam de jovens/ espremidos até à morte contra o muro da violência”.

No poema significativamente intitulado “Depressa”, a mensagem do combatente: “Acabemos com esta mornez de palavras e de gestos/ e sorrisos escondidos nas capas dos livros/ e o resignado gosto bíblico/ de oferecer a outra face/ Inicie-se a acção vigorosa máscula inteligente/ que responda dente por dente olho por olho/ homem por homem/ venha a acção vigorosa/ do exército popular pela libertação dos homens/ venham os furacões romper esta passividade”.

Em Portugal, com outros camaradas, um Amílcar Cabral, um Mário Pinto de Andrade, Agostinho Neto procurara “racionalizar os sentimentos de se pertencer a um mundo de opressão e despertar a consciência nacional através de uma análise dos fundamentos culturais do continente”. As palavras entre comas são de Mário Pinto de Andrade e evocam um momento decisivo – o de consciencialização do caso particular da libertação nacional africana. Era “a hora de juntos marcharmos/ corajosamente/ para o mundo de todos/ os homens”, mas, para eles intelectuais da Angola africana, de encetarem a marcha como africanos de Angola. Se a expressão portuguesa lhes servia, e da língua tanto Agostinho Neto como Amílcar Cabral, como Mário Pinto de Andrade, como Eduardo Mondlane, como Samora Machel, como Marcelino dos Santos

(o poeta Kalungano), souberam fazer instrumento de acção revolucionária, não era no quadro do antifascismo português que se deviam realizar, deviam-se aos seus respectivos povos.

Assim fizeram. E naturalmente se ocuparam de árduas e inadiáveis tarefas práticas, as do combate militar e político; mas mantiveram a preocupação dos valores culturais veiculares, e a Língua portuguesa serviu-lhes. Dela se servindo na luta dos seus povos pela Liberdade e pela Independência, prestaram-lhe a mais alta homenagem. Amílcar Cabral elogiou-a perante os quadros do PAIGC; Agostinho Neto em português cantou, em português levou aos angolanos, nos seus discursos políticos de fundador de uma Nação, o próprio conceito de Estado; Samora Machel, que não foi estudante em Lisboa, como Agostinho Neto, Amílcar Cabral ou Eduardo Mondlane, levou a língua em que Camões cantara o descobrimento dos mares e a devassa das terras africanas às assembleias da OUA e da Conferência dos Não-Alinhados. Todos a impuseram, com os brasileiros pioneiros do rompimento com o Portugal-Império colonial, à ONU, criando **um espaço cultural em expansão**: a Língua Portuguesa.

Angola chora um filho, o primeiro Presidente da República Popular de Angola, o fundador da Nação Angolana. Ninguém lhe contestará este título. Como tal ficará na História.

Da “Cadeia da PIDE do Porto”, em Fevereiro de 1957, o poeta Agostinho Neto escrevia: “Saudades, dizes na carta de ontem/ quando nos veremos/ breve ou tarde?/ diz-me amor!/ Nos silêncios, estão as conversas que não tivemos/ os beijos não trocados/ e as palavras que não dissemos/ nas cartas censuradas.” Quantos jovens portugueses sentiram, sem saber escrever em genuína e límpida expressão portuguesa, os sentimentos expressos nestes versos?

Agostinho Neto viveu em Portugal, viveu a luta do Povo Português. Conheceu-nos. Com os Portugueses partilhou sentimentos e esperança e trabalhos e amor. E quando partiu para a sua terra africana, para o seu combate de homem angolano, a criar, “sobre a fortaleza impudica do chicote” uma nova Nação, disse que o faria “com os olhos secos”.

O poeta quis “criar amor com os olhos secos”. Mas uma coisa é o querer dos poetas, outra o vazio que o homem-de-Estado deixou. Em Angola há olhos molhados de lágrimas.

E, em português, fala-se já de saudade.

Diário de Lisboa, 12 de setembro de 1979, p. 10

O testamento político do “pai fundador”

REFORÇO DA IMPLANTAÇÃO POPULAR DO MPLA E DO “NÃO-ALINHAMENTO” COMPROMETIDO

O I Congresso do MPLA, que assinalou a passagem do Movimento a “partido de vanguarda marxista-leninista”, foi pretexto para uma profunda análise dos anos passados e para o delineamento do futuro da República Popular de Angola. Podemos considerar que as reflexões então feitas e as linhas de acção então decididas constituem como que o testamento político do fundador da República Popular de Angola, do revolucionário consequente, que, desde a criação do MPLA até à sua morte, foi a personalidade-chave do jovem Estado africano de língua portuguesa.

Agostinho Neto, “pai fundador” do partido e do Estado angolano, deixa um vácuo difícil de preencher. Por isso mesmo, a sua morte é susceptível de suscitar receosas (ou esperançosas, consoante a perspectiva em que as coloquemos) interrogações sobre o futuro próximo do Estado angolano. Interrogações tanto mais pertinentes quanto é certo ter sido o MPLA um movimento atravessado por múltiplas dissidências, quer no tempo do combate clandestino, quer no tempo do governo efectivo em Angola. Interrogações tanto mais inquietantes quanto é certo estar Angola na mira do imperialismo, e viver grandes problemas económicos, derivados da pesada herança colonial, e sérios problemas de segurança, decorrentes da sua localização geográfica.

Supomos que o melhor contributo à memória desse destacado dirigente da revolução angolana e os esclarecimentos mais úteis para os nossos leitores serão o resumo daquilo que consta do relatório lido no Congresso por Agostinho Neto: nele se apontam os problemas do passado, as conquistas do presente, os projectos do futuro.

A luta anticolonial

As duas décadas da luta do MPLA com vista à derrocada do colonialismo entroncam na tradição de luta do povo angolano, que durante todo o tempo de

colonização conheceu actos de rebelião, esmagados pela potência colonizadora. Foi nos anos 50 que o moderno nacionalismo desabrochou vigorosamente no continente africano. Nas colónias portuguesas, esse movimento teve de travar uma batalha mais difícil para se organizar, uma vez que Lisboa proibia a constituição de partidos e sindicatos africanos, ao contrário do que acontecia com outras metrópoles europeias. As dificuldades não impediram em 1956 a criação do MPLA a partir da fusão de diversos partidos clandestinos constituídos três anos antes. Instalado primeiro em Conacry, o movimento passou para Leopoldville e depois Brazzaville, enquanto no interior desencadeava a luta armada no dia 4 de Fevereiro de 1961. A primeira conferência nacional do MPLA em 1962, e, sobretudo, a Primeira Conferência de Quadros em Janeiro de 1966 definem a linha revolucionária no movimento. A 18 de Maio de 1966, com a abertura da Frente Leste, a luta armada desenvolve-se em todas as frentes do território, enriquecida com as experiências da Frente de Cabinda donde saem os melhores militantes do MPLA. Foi na Frente Leste que o Movimento se tornou um grande movimento de massas. O MPLA, confrontado com o exército colonial, tinha ainda que se defrontar com os bandos de Roberto Hussein que massacraram diversos destacamentos guerrilheiros. Etapas políticas de grande importância foram as duas assembleias regionais realizadas em 1968 das quais saiu a palavra de ordem: **a generalização da luta armada por todo o território nacional**. Desta decisão decorre a abertura das 4.^a e 5.^a regiões. As regiões libertadas estenderam-se então por um terço do país.

A estes êxitos no plano da luta armada seguem-se os triunfos diplomáticos: em 1968 a OUA reconhece o MPLA como único movimento de libertação de Angola.

Desde 1963 que o MPLA se depara com fenómenos de fraccionismo, sendo os principais os encabeçados por Viriato Cruz, Chipenda e Nito Alves.

Entre 72 e 73 a organização teve de se ajustar às novas condições de luta impostas pela grande ofensiva colonialista que pretendeu tirar à guerrilha os meios de subsistência, recorrendo aos desfolhantes e aos bombardeamentos aéreos. Este reajustamento traduziu-se por um vasto movimento de crítica e autocrítica que se estendeu aos combatentes, militantes e a todo o povo das regiões libertadas.

Um ponto decisivo da história do MPLA foi a conferência Inter-Regional de Militantes de Setembro de 1974, quando o MPLA teve de decidir sobre o

cessar-fogo, as conversações com as autoridades coloniais e os movimentos fantoches, e a invasão do país pelo Zaire e África do Sul.

Em Setembro de 1974 é assinado o acordo de tréguas com Portugal: a delegação oficial do MPLA chega a Luanda em Novembro do mesmo ano; em Dezembro são assinados os Acordos do Alvor, e, em Janeiro de 1975, começa a funcionar o “governo de transição”, no qual o MPLA se encontrava em minoria. Em 4 de Fevereiro de 1975, catorze anos depois do início da luta armada, Luanda recebe Agostinho Neto, facto que abre uma nova fase de luta.

Em princípios de Março, Zairenses e FNLA desencadeiam ofensivas militares no Noroeste de Angola, e em Julho as tropas sul-africanas penetram em território angolano, lançando em Outubro uma grande ofensiva destinada a conquistar Luanda. Mas em 11 de Novembro, em Luanda, o MPLA pôde proclamar a independência do Estado. A ajuda internacionalista que Angola recebeu, então, foi uma das maiores registadas na história mundial. A 27 de Março de 1976 as tropas sul-africanas eram finalmente expulsas do território.

A tarefa de reconstrução nacional então empreendida correu de par com o agudizar das contradições internas e com o intensificar das lutas de classes. O fenómeno do fraccionismo assume então dimensões que exigem uma resposta rápida. Foi essa a tarefa da terceira sessão plenária do CC, onde se discutiram importantes questões ideológicas e se reafirmou a linha política antitribalista, anti-regionalista, anti-racista, revolucionária, em suma, do MPLA.

Foi então claramente definida a opção socialista do Povo angolano, tendo sido traçadas directrizes precisas para a criação de Escolas do Partido, precognizando uma ampla divulgação da teoria marxista-leninista e o reforço do MPLA, bem como a convocação do Primeiro Congresso do Movimento.

O partido e o poder popular

O Congresso decidiu da transformação do MPLA em Partido, para que a classe operária fosse dotada de um instrumento capaz de realizar a sua tarefa como classe dirigente do Estado. Sob orientação do Partido, foi criado e consolidado em todos os níveis o Poder popular, sendo também reforçada a unidade ideológica da classe operária e sendo feitas as transformações revolucionárias nas relações de produção. Um vasto movimento de rectificação foi então desencadeado a todos os níveis, de forma a corrigir os erros e a melhorar os métodos de trabalho, a depurar as organizações dos elementos nocivos e a unir

todos os militantes em torno dos objectivos do Partido, fiel aos princípios do internacionalismo proletário e do centralismo democrático.

A cada momento o Partido reforçará a sua ligação com o Povo, tendo nas organizações de massa o veículo principal da transmissão das suas orientações e a garantia da participação das massas populares no estudo, discussão e aplicação da política do Partido.

No ponto de vista da defesa nacional, além das FAPLA, criadas em 1974 na sequência das transformações sofridas pela guerrilha e da sua passagem a exército regular, existem as organizações populares de defesa, inseridas na Defesa Popular Generalizada.

Política externa

Dois capítulos do relatório são consagrados à ajuda internacionalista recebida pelo MPLA desde o momento da sua constituição até à segunda guerra de libertação, continuando pelo momento histórico presente, e nesse capítulo se referem com destaque especial a URSS e Cuba, que logo após a proclamação da independência “deram o mais importante auxílio jamais visto em África para a defesa da nação angolana e das forças progressistas” no continente. Contudo é dado também destaque ao apoio da Jugoslávia e de muitos outros países. No tocante à política externa, o MPLA define Angola como um país não-alinhado mas o relatório deixa claro que o “nosso Partido deve orientar o Estado para que redobre os seus esforços para que o movimento dos Não-Alinhados desenvolva ainda mais o seu carácter anticolonial, anti-racista e anti-imperialista”.

Economia

O relatório aborda depois a situação económica passada e presente de Angola, traçando as linhas de orientação para o período de 1978-1980.

País subdesenvolvido, dependente do imperialismo, Angola à hora da libertação tinha como sectores desenvolvidos os ligados à extracção de matérias-primas minerais e à produção de matérias-primas vegetais, exportadas a preços baixíssimos. As exportações eram dirigidas em 54% do volume total para Portugal e EUA. Mais de 90% da população era analfabeta, e a média de vida era de 35 a 40 anos. A segunda guerra de libertação destruiu 130 pontes,

mais de 80% do parque automóvel e dos equipamentos agrícolas, de construção, portuários e da riqueza pecuária.

A fuga de técnicos foi outro factor de agravamento da economia. O comércio, a indústria extractiva, a pesca, a construção, os transportes ou estavam completamente paralisados ou tinham diminuído catastroficamente os níveis de actividade.

Os esforços do MPLA e do governo logo após a proclamação da independência tenderam a melhorar a situação económico-social do país e a caminhar progressivamente para a independência económica. Foram decretadas leis sobre: a gratuidade do ensino e da assistência médica; os confiscos e nacionalizações de empresas. Foram criados órgãos de planificação nacional, criou-se o Banco Nacional de Angola e a moeda nacional (kwanza), fez-se um esforço de formação de técnicos, receberam-se técnicos de países amigos, reconstruíram-se parcialmente o parque automóvel e a frota pesqueira, encetou-se a reconstrução das obras rodoviárias perdidas na guerra. À data da realização do Congresso, o Estado tinha significativa participação na produção de ramos industriais. Em muitos casos essa participação era total.

Todo o esforço de recuperação e remodelação da economia tornou possível o estabelecimento de linhas de acção para o biénio 1978-1980.

Quatro princípios básicos foram então adoptados: 1 – reforço da direcção centralizada e planificada do desenvolvimento económico e social, através da criação e dinamização de estruturas e mecanismos de gestão e controlo com vista ao alargamento das relações de produção socialistas. Para tal, decidiu-se impulsionar o sector socialista da economia, prosseguindo a política de nacionalizações, confiscos e criação de empresas estatais e cooperativas; 2 – a recuperação da produção de modo a atingir os níveis de 1973, pelo que se decidiu o aproveitamento pleno das capacidades produtivas existentes, considerando-se que a agricultura é a base e a indústria o factor decisivo do desenvolvimento económico e social; 3 – a melhoria das condições de vida do povo e a elevação gradual do seu bem-estar; 4 – a formação de quadros políticos, técnica e cientificamente capazes, e a participação activa e abnegada de todos os trabalhadores na reconstrução nacional.

Neste capítulo, a primeira tarefa será a eliminação do analfabetismo. Paralelamente deverá dar-se grande atenção à elevação do nível técnico dos trabalhadores.

Diário de Lisboa, 12 de setembro de 1979, p. 11

A POESIA AO SERVIÇO DO COMBATE

Muito marcado pela ideologia reformista-humanista dos primeiros movimentos de emancipação africanos, Agostinho Neto entrou em contacto com os membros do Partido Comunista Português clandestino. Foi nesse contacto que aprofundou a sua visão política do mundo, sem nada negar todavia da aproximação poética do homem.

Colocou simplesmente a poesia ao serviço do seu combate, que o levará mais tarde às masmorras da Pide.

De aspecto taciturno, envergando habitualmente um fato completo “sariano”, de gola aberta, o presidente Agostinho Neto aliava, nas suas aparições públicas, um porte presidencial e uma modéstia que lhe valia uma grande admiração entre o povo angolano.

Utilizando palavras simples, os seus discursos eram sempre recheados de gracejos que provocavam a alegria dos seus auditórios.

Todos os que puderam estar próximo dele conservam uma lembrança que não hesitam em classificar como “inesquecível”. Invariavelmente impressionados pela sua personalidade, todos respeitavam a sua profunda honestidade no prosseguimento, apesar de longos anos de prisão, do caminho que havia escolhido na sua adolescência. Marxista-leninista, queria ver Angola tornar-se independente. Quando o foi, quis que fosse em África a ponta de lança do anti-imperialismo, do anti-colonialismo, do anti-racismo.

O presidente Agostinho Neto gozava entre a população dum grande ascendente. O que os angolanos sentiam por ele era quase ternura. Davam-lhe nomes familiares, como “netinho”. A sua última aparição no interior do país havia demonstrado que mantinha todo o apoio popular: os seus discursos provocaram um verdadeiro delírio de entusiasmo.

Em reconhecimento pelo lugar “proeminente” ocupado pela poesia de Agostinho Neto “na literatura revolucionária mundial”, a quarta Conferência dos Escritores Afro-Asiáticos concedeu-lhe em 1970 o prémio “Lotus”, o seu mais alto galardão.

Era a consagração intelectual do “notável poeta representativo do despertar do nacionalismo na África (ex) portuguesa” como escreveu no jornal londrino *The Times* um grupo de escritores ingleses, entre os quais John Osborne, quando em 1961 se clamava pela sua libertação, preso [sic] no Aljube, em Lisboa.

Nesse apelo, os intelectuais ingleses, de que também faziam parte o poeta John Wain e o mais importante crítico de teatro inglês, Kenneth Tynan, escreviam que “não será de mais afirmar que a importância de Agostinho Neto na África de expressão portuguesa é comparável à de Leopold Senghor na África de expressão francesa”.

Sagrada Esperança, única colectânea de poemas de Agostinho Neto, foi pela primeira vez publicada em Itália com o título *Com os olhos secos (Con Occhi Asciutti)*.

Mais tarde, surgiu na Jugoslávia uma edição bilingue e outras foram publicadas em Russo e em Chinês.

Em Vietnamita, Francês, Espanhol e Inglês grande número de poemas de Agostinho Neto correu mundo, conforme refere Marga Holness na introdução que fez para a edição angolana, datada de 1976, do livro *Sagrada Esperança*.

Intelectuais portugueses e estrangeiros como Ferreira de Castro, Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, François Mauriac, Aragon e Nicolás Guillén escreveram também a elogiar o poeta Agostinho Neto, quando de campanhas internacionais pela sua libertação.

Os mais antigos poemas do falecido primeiro presidente da República Popular de Angola foram escritos em 1945, embora a maior parte date da década de cinquenta e outros de 1960.

O primeiro opúsculo com poemas seus data de 1955, por altura da sua segunda prisão, efectuada em Fevereiro desse ano.

Agostinho Neto, juntamente com Francisco José Tenreiro, Amílcar Cabral e Mário de Andrade, fundou em Lisboa, no decorrer dos anos cinquenta, o “Centro de Estudos Africanos”, que tinha por objectivo “racionalizar os sentimentos de se pertencer a um mundo de opressão e despertar a consciência nacional através de uma análise dos fundamentos culturais do continente”.

A morte do ‘heroico lutador pela libertação dos povos’ nos jornais portugueses

Fechado pelas autoridades fascistas, os objectivos culturais do centro não acabaram. Prosseguiram na “Casa dos Estudantes do Império”, que publicou um opúsculo dos melhores poetas angolanos, entre os quais Agostinho Neto.

Jornal de Notícias, 12 de setembro de 1979, p. 26

UMA MORTE QUE PESA MUITO

Santos Ribeiro

Sim: a morte de Agostinho Neto é uma perda enorme para o povo angolano. Dirigente africano prestigiado, também a África vai sentir bastante a sua falta. E o seu desaparecimento não poderá deixar de ser considerado como um profundo golpe para todos aqueles que, em Angola e em Portugal, se esforçam por melhorar as relações entre os dois países, numa base de igualdade. Porque Agostinho Neto, que em Portugal despertou para a luta anticolonialista, manteve-se fiel à amizade que desde cedo o ligou ao povo português. Depois de Amílcar Cabral, esse grande patriota morto pelos sicários da opressão colonial, nenhum outro líder africano esteve tão próximo de nós, portugueses, que tão profundas raízes temos em África.

Uma perda enorme para o povo angolano – Sem dúvida. Angola conquistou a independência através da luta armada, da guerra popular prolongada, mas a edificação de um país novo não é tarefa fácil. Ao angolano poderia o sábio da História ter avisado: olha o despertar, a cor verde, a glória do capim à sanzala, a independência. Olha o Lifune, os jacarés nas margens, Balacende no deserto quase, o café, a impala enchendo a fazenda. Olha essa laranja de sol, o sinal na rocha, esta palavra nova: liberdade. Olha o grito rasgado hoje ao crepúsculo: uma palavra, uma promessa, cautela, não é ainda a paz. A história da República Popular de Angola com todas as peripécias que conhecemos, mostrou que o arco-íris da liberdade tem as suas manchas. Será preciso lembrar o que o MPLA chama a segunda guerra de libertação? Recordar o golpe de Nito Alves? Falar da presença de soldados estrangeiros? Inútil: tudo isto faz ainda parte da memória viva. Mas, em boa verdade, o que importa salientar é o papel preponderante desempenhado por Agostinho Neto em todo este processo. Só o seu prestígio terá impedido que os solavancos fossem maiores. Neto soube identificar-se com o seu povo, independentemente da opção ideológica do MPLA. Foi um líder com profundas raízes populares, um chefe

preocupado com a unidade do povo. Poderá discordar-se do sentido de alguns dos seus gestos; mas quem, de entre nós, tem o direito de substituir o próprio povo angolano nos juízos sobre os seus dirigentes, sobre o seu governo?

A morte de Agostinho Neto levanta muitos e graves problemas. A sua substituição não é fácil. Nenhum outro dirigente do MPLA poderá de imediato ser sentido pelos angolanos como o **libertador**, o **pai da independência**. Neto simbolizava uma certa forma de unidade popular. Nenhum dos seus possíveis sucessores (um Lúcio Lara, um Iko Carreira) está à altura de desfraldar essa bandeira de unidade sem recorrer ao prestígio do presidente desaparecido. E, neste momento, para o MPLA o essencial é mesmo isso: evitar a ruptura. O exemplo de Agostinho Neto é ainda o grande triunfo para o êxito dessa tarefa vital.

Também a África vai sentir a sua falta – O papel de Angola na vida do continente africano tende a ser cada vez maior. São conhecidas as ligações do MPLA à Frente Patriótica do Zimbabwe e à SWAPO (da Namíbia). Além disso, países vizinhos de Angola, como o Congo e o Zaire, podem ser grandemente influenciados pela evolução política em Luanda. No Congo, onde se instalou um regime com afinidades evidentes com a RPA, uma mudança na Direcção do MPLA causará menos preocupações do que no Zaire de Mobutu, mas será sempre um factor de insegurança. É que o presidente Neto agia como elemento moderador de tendências, tendo, inclusivamente, dado provas de pragmatismo ao normalizar as relações com Kinshasa. Após a morte de Neto – o que virá? Eis uma pergunta que se repetirá em várias capitais africanas (e em capitais de outros continentes, pois claro) nem sempre tranquilamente.

Uma morte sentida em Portugal como um profundo golpe – Sim, para todos aqueles que não duvidam de que Agostinho Neto era um homem interessado em estreitar os laços do seu país com Portugal. Não deve ser sentida a morte de um dirigente que apostava, apesar de tudo, no diálogo connosco? Só pensará de outro modo quem estiver cego pela paixão e pela propaganda, sem ter em conta os verdadeiros interesses do povo português.

Agostinho Neto, líder político e símbolo da pátria, juntou à persistência na luta pela independência de Angola, o talento do poeta cantando a liberdade, esse longo caminho das estrelas... Ele falou, nos seus versos tranquilos, “das mãos ávidas sobre a pele do tambor”, da “harmonia espiritual de vozes tantã num ritmo claro de África”. Falou

[d]o caminho das estrelas
pela curva ágil do pescoço da gazela
para a harmonia do mundo.

Mesmo discordando da opção ideológica, não se pode negar autenticidade ao seu grito de liberdade. Também por isso, a morte de Agostinho Neto é uma morte que pesa.

A morte do 'heroico lutador pela libertação dos povos' nos jornais portugueses

Jornal de Notícias, 12 de setembro de 1979, p. 26

O MELHOR INTERLOCUTOR COM ANGOLA

Fernando Lima

A morte do dr. Agostinho Neto, presidente da República Popular de Angola, poderá vir atrasar o processo de cooperação entre Portugal e a antiga colónia, segundo pensam alguns elementos ligados a esse sector.

Até onde se farão sentir as consequências do desaparecimento do dirigente angolano no processo político do país é a interrogação que se formula nos meios diplomáticos de Lisboa, em que a nossa aproximação com África é seguida de muito perto.

Agostinho Neto tornara-se o nosso melhor interlocutor no entendimento com Angola e, desde que o presidente Eanes se encontrou com ele em Bissau, assistiu-se a um desanuiamento no clima de relações entre Lisboa e Luanda.

Em Bissau, o presidente angolano disse, nomeadamente, que o factor ideológico não teria qualquer influência na aproximação entre os dois países, pondo assim termo a um mito que se criara relativamente às diferenças de sistema político.

A partir da cimeira da capital guineense criou-se um ambiente de esperança quanto ao nosso entendimento com Angola, depois de se ter passado por fases difíceis, em que não deixaram de pesar questões relacionadas com o contencioso económico.

O Ocidente e, em especial, os Estados Unidos, viu, nesse encontro entre Ramalho Eanes e Agostinho Neto, o início de uma certa viragem da política angolana, até então dominada pela influência do bloco de Leste com o apoio das tropas cubanas.

Aliás, nas declarações que pronunciou na Guiné-Bissau, o dr. Agostinho Neto deu claramente a entender que a cooperação com o Ocidente seria bem aceite pelos angolanos, desde que fossem respeitados determinados valores.

Coincidindo com o encontro de Bissau entre os dois presidentes, deslocou-se a Luanda um enviado especial norte-americano, Donald McHenry,

indicado agora para substituir Andrew Young como embaixador dos Estados Unidos na ONU.

O equilíbrio de influências em Angola estava a constituir, nas últimas semanas, um ponto de interesse na normalização de relações de Luanda com o Ocidente. Neste contexto, foi assinalado, recentemente, o estabelecimento de relações com a Alemanha Federal.

Em diferentes ocasiões, responsáveis do governo declararam estar interessados na cooperação com Portugal, aproveitando a nossa tecnologia e o conhecimento que temos daquela ex-colónia, o que foi bem recebido pelas autoridades portuguesas.

Tinha-se como provável, no âmbito da aproximação com Luanda, um novo encontro de Eanes com Agostinho Neto, a decorrer na capital angolana, aproveitando uma deslocação oficial a dois países africanos. Desse encontro esperava-se um novo impulso na cooperação entre os dois países.

Agora, põe-se a questão da sucessão de Agostinho Neto e, até que se defina um novo poder em Angola, círculos diplomáticos de Lisboa não crêem que se avance nas relações bilaterais, em que há várias questões a resolver.

A presença de tropas cubanas continua a ser, por outro lado, um problema delicado que teve, inclusivamente, repercussões nas relações Este-Oeste e admitia-se em recente data que se pudesse assistir à sua progressiva retirada.

Internamente Agostinho Neto não teve uma acção facilitada, pois viu-se na necessidade de fazer frente a várias tentativas de conquista de poder por diferentes facções. A todas conseguiu resistir, aparecendo como o homem da estabilidade.

Lúcio Lara, o segundo homem mais influente desde que Lopo do Nascimento foi afastado, em Dezembro último, controla todos os organismos do MPLA, mas tem contra si o facto de ser mestiço muito claro. Muito próximo de Neto, nunca se mostrou abertamente pró-soviético e teve um lugar de relevo na denúncia dos acontecimentos de 27 de Maio de 1977 com o golpe de Nito Alves.

Lara chegou a ser enviado a Pequim pelo presidente Neto para sossegar os chineses quanto à tendência da Revolução Angolana. Conseguirá sobreviver a eventuais lutas pelo poder que se poderão travar com o vazio deixado por Agostinho Neto?

É de ter ainda em conta a pequena burguesia negra, de influência nitista, que, apesar de vencida em 27 de maio, não desapareceu e foi, recentemente, denunciada pelo dr. Agostinho Neto, devido à acção perniciosa que estaria a desenvolver.

A Portugal cabe, pois, aguardar a evolução do processo de consolidação de um novo poder em Luanda, mas, até agora, tudo indica que a abertura ao Ocidente conhecerá um período de estagnação.

Quanto a José Eduardo dos Santos, é uma figura conhecida nalguns meios internacionais, mercê da circunstância de ter sido ministro dos Negócios Estrangeiros. Estudou na União Soviética e poderá servir como pedra de equilíbrio nesta sucessão de poder.

O prestígio nacional e internacional de Agostinho Neto poderá, com efeito, dificultar uma rápida substituição.

O Comércio do Porto, 12 de setembro de 1979, p. 10

NA MORTE DE NETO

José Rui Cunha

Agostinho Neto morreu ontem, vitimado por uma doença que já tinha sido objecto de algumas especulações. Confirmou-se, assim, que os rumores que por diversas vezes foram ventilados pela imprensa ocidental assentavam sobre dados sólidos. Mas Agostinho Neto morreu e o facto em si levanta uma série de dúvidas em relação ao que se desenrolará agora no quadrante político angolano. E todas essas dúvidas terão, necessariamente, reflexos a nível de toda a África e, até, nas futuras relações entre Portugal e a sua ex-colónia.

Agostinho Neto diz muito a Portugal. Para além da sua envergadura de estadista africano, de lutador pela independência do seu povo, de poeta de inegáveis méritos, de abnegado combatente por uma Angola indivisível, Neto ultrapassa todas essas fronteiras e inscreve-se como figura de destaque no contexto histórico português, sabendo-se que este não pode ser dissociado de toda uma perspectiva colonial e do seu significado intrínseco. Com a morte de Neto, poderão sentir-se com maior acuidade as divergências ideológicas que grassam no seio do MPLA. Efectivamente, se até agora o MPLA tem mantido uma certa fachada de coesão, mercê da carga carismática do líder junto dos angolanos, graças ainda ao seu dirigismo inatingível, com o seu desaparecimento a luta pelo poder poderá reacender-se e, neste capítulo, não se poderá esquecer a projecção e a importância que poderão ter, a partir de agora, os seguidores de Nito Alves.

Com a morte de Neto, um nome sobressai, desde já, na ribalta política angolana: Lúcio Lara, um lutador pela independência desde a primeira hora, será, muito provavelmente, o líder incontestado da jovem República. Até que esta posição se defina em termos concretos, poderão ocorrer convulsões, sabendo-se que a UNITA, de Jonas Savimbi, está atenta. Figura proeminente dos países da linha da frente – onde é apontado como moderado –, Agostinho Neto não fará perigar com a sua morte a unidade que tem caracterizado a acção

daquele grupo de países. No entanto, esse facto novo introduzido no seio da África Austral não será encarado da mesma forma por parte da África do Sul, país que sistematicamente ataca a RPA e serve de esteio à UNITA. Mas não acreditamos que o potencial bélico e a influência da UNITA junto de parte da população angolana possa pôr em causa a posição do Movimento Popular de Libertação de Angola. No entanto, o aproveitamento de uma situação instável, pelo menos temporariamente, estará hoje de certo nos planos de Savimbi.

No que concerne a Portugal, as relações com Angola conhecem um momento de certa tranquilidade e o incremento da cooperação é visível. Para o desbloqueamento da chamada política de contenciosos, apanágio da diplomacia portuguesa, muito contribuíram os encontros de Eanes e Neto. Neste momento, a expectativa renasce: quem será o próximo interlocutor de Eanes? E esta questão merece-nos tanto mais atenção pelo facto de não termos do MPLA uma opinião de partido coeso, como se verifica, por exemplo, em relação à FRELIMO. A política do partido que detém o poder em Angola sempre teve muito, para não dizermos quase tudo, do pensar de Agostinho Neto. Com a sua morte, fica-nos de imediato o comodismo da resposta.

Para já, e quanto o futuro ainda é incerto, resta afirmar sem quaisquer dúvidas que África está mais pobre. Que Portugal perdeu também uma figura que lhe estava intimamente ligada. Nos cárceres de Portugal, o nome de Agostinho Neto está perpetuado. E de entre os estadistas de envergadura que escasseiam em África desapareceu mais um: o Presidente da República Popular de Angola.

O Comércio do Porto, 12 de setembro de 1979, p. 10

Cal Brandão ao nosso jornal:

“ELE ERA UM GRANDE AMIGO DO POVO PORTUGUÊS”

“Eu receio que haja uma nova e difícil fase nas relações entre Portugal e Angola. Estou convencido que elas serão bastante prejudicadas com o desaparecimento do presidente Agostinho Neto, dado que ele era uma figura de grande envergadura política, um homem que sabia compreender os problemas, não era dado a violências e punha sempre o coração nos seus actos” – declarou à reportagem do nosso jornal, ontem à noite, em Vila Nova de Gaia, onde se encontra a repousar, o dr. Cal Brandão, governador civil do distrito do Porto, que foi um dos amigos íntimos do falecido chefe de Estado angolano.

Prosseguindo no seu depoimento, o dr. Cal Brandão disse-nos:

“Essas relações penso que não serão de futuro aquelas que seriam se o dr. Agostinho Neto fosse vivo. Ele era um grande amigo do povo português e seria sempre uma pessoa que resolveria os problemas com ponderação, sem extremismos de qualquer natureza.”

Em certo passo das suas afirmações, o governador civil do Porto salientou:

“Soube do falecimento de Agostinho Neto através de uma informação telefónica de *O Comércio do Porto*, que dizia desejar contactar-me a este propósito. Eu fiquei muito chocado, bastante emocionado, porque tinha uma grande estima pelo chefe de Estado angolano.”

E adiantou:

“Conheci-o no ano em que ele foi julgado no tribunal da Relação do Porto, juntamente com mais 52 réus acusados de actividades contra a segurança do Estado português, tendo sido defendido pelo dr. António Macedo. Como esse julgamento foi muito demorado, eu tive a oportunidade de conviver com Agostinho Neto, nas diversas sessões então realizadas.”

O dr. Cal Brandão acrescentaria:

“Depois desse julgamento na Relação do Porto, só voltei a contactar com ele por ocasião da cimeira do Alvor, durante o processo de descolonização. Nessa altura, o presidente Neto foi recebido pelo dr. António Macedo e manifestara-lhe a vontade de estar comigo. Isso aconteceu no Porto, em vésperas

da cimeira, num hotel da cidade, onde convivemos durante uma longa noite. Aproveitamos a estada dele no norte do país para irmos visitar as instalações da PIDE onde havia ficado preso. Depois, despedimo-nos. Foi a última vez que estive com o presidente Agostinho Neto.”



O Comércio do Porto, 12 de setembro de 1979, p. 10 – Agostinho Neto, em 1975, quando visitou a cidade do Porto. A seu lado, os dois grandes amigos: Mário Cal Brandão e António de Macedo

Diria ainda:

“Eu tinha por ele uma grande simpatia, era uma pessoa na verdade muito afectiva, era um bom homem, era um bom coração. Isto contribui muito para que eu sinta a sua morte. Agora que ele morreu (e sempre crescem problemas difíceis quando morre o presidente de um Estado que ainda não está consolidado) receio que possa haver complicações políticas, o que não é bom, especialmente para nós que desejamos manter sempre as melhores relações com os países das nossas antigas colónias.”

Já a terminar as suas declarações, o dr. Cal Brandão afirmaria ainda:

“Sob o ponto de vista político, o perfil do dr. Agostinho Neto – e estou convencido disso – era o de um homem que estava desejoso de fazer a reconstrução do seu país, até porque teve um passado de sacrifício, foi bastante perseguido pelas autoridades portuguesas de então, mas ele sabia distinguir bem entre o povo português e os colonialistas que dominaram o seu país até à independência. E tanto assim era que continuou a estimar todos aqueles que com ele conviveram nos tempos da resistência. Como poeta, a sua poesia revela generosidade e beleza. Um homem assim, como Agostinho Neto, nunca poderia ser um homem mau. Assim o recordo.”

Diário de Notícias, 13 de setembro de 1979, pp. 1 e 3

AGOSTINHO NETO E AS RELAÇÕES LUSO-ANGOLANAS

M. M.

A nenhum português terá sido alheia a notícia da morte de Agostinho Neto. Todos, seus amigos ou inimigos, haverão de reconhecer no fundador da República Popular de Angola uma dessas figuras que deixam marca profunda nos acontecimentos do seu tempo, porque souberam entender o passado e prever o futuro, tantas vezes à custa da incompreensão e do afrontamento dos contemporâneos.

Aos que com ele privaram ou partilhavam da solidariedade política ou ideológica cumprirá o elogio. Aos que nele viam o símbolo de um regime que não aceitavam ou da destruição das comunidades a que pertenciam caberá guardarem, nesta ocasião, um silêncio discreto. Pelo nosso lado não se trata do panegírico, nem da crítica, ou sequer da biografia, mas de levantar algumas interrogações acerca das consequências políticas e das repercussões nas relações luso-angolanas do falecimento de Agostinho Neto.

A fragilidade das construções baseadas na personalidade do poder foi um dos temas focados após a morte do dirigente angolano. E merece, sem dúvida, a meditação de quantos se interessam pelo fenómeno político a circunstância de ser, precisamente, em países onde as doutrinas oficiais convidam à máxima subalternização do papel de consciência individual na acção política que se verifica uma forte dose de confusão entre o poder estatal e a vontade de um homem. Sendo que, aliás, o caso de Neto não era único, nem isolado, antes se insere numa tradição, recente embora, de nacionalistas do Terceiro Mundo, na qual se englobam personagens tão diversas – pela dimensão cultural, diferença doutrinária e estilo pessoal – como um Senghor, um Sekou Toré ou um Ho Chi Min.

Nesses como noutros exemplos, a osmose entre a figura do chefe e a imagem nacional é quase perfeita e decorre das exigências inerentes à tarefa de construir o Estado em países cuja configuração territorial – desenhada nos

mapas conforme os interesses das potências coloniais – não corresponde a uma realidade nacional preexistente, mas antes a profundas divisões étnicas e tribais. A autoridade e o prestígio de um líder carismático surgiram como necessidades vitais para cimentar a unidade nacional nas jovens nações africanas ou asiáticas. E vale mais tentar interpretar, modestamente, as complexas realidades da África actual do que recomendar, paternalisticamente, aos novos países, o modelo europeu da democracia política. Conforme dizia, pouco antes da morte, outro dirigente africano de expressão portuguesa, Amílcar Cabral, “quem viu a Europa no tempo de César, ou no tempo de Marco António ou mesmo de Carlos Magno, ou muito mais tarde noutros tempos, não podia imaginar a Europa de hoje; quantas lutas, quantas sangrias, quantos conflitos! Somente o que me parece é que muita gente na Europa se esqueceu da sua própria história e vê os acontecimentos africanos como uma coisa extraordinária”.

Compreende-se, deste modo, as dúvidas formuladas por especialistas de assuntos africanos acerca do futuro político de Angola sem Agostinho Neto, assim como não se afigura necessário aspirar à categoria emérita do futurólogo para dar conta das preocupações latentes no Palácio de Belém a propósito da continuidade dos esforços desenvolvidos pelo Presidente Eanes com vista à aproximação entre Lisboa e Luanda. Poeta de idioma português, homem aberto aos valores da cultura lusítada, Agostinho Neto era um interlocutor particularmente sensível ao tema das relações luso-angolanas. Sensível a tal ponto que, sendo aparentemente Angola dos grandes países africanos de expressão portuguesa o mais ligado à URSS (até pelo muito glosado apoio cubano no plano militar), foi em Luanda – e não, por exemplo, no Maputo – que se registaram maiores progressos nos contactos diplomáticos com o nosso país (sobretudo após os acordos de Bissau). Serão os sucessores de Neto tão receptivos às vantagens mútuas do intercâmbio entre Angola e Portugal? Eis, afinal, outra vulnerabilidade do poder demasiado personalizado – esta com tradução no campo da política internacional...

Duas mortes prematuras, as de Amílcar Cabral e Agostinho Neto. Ambas prejudiciais ao diálogo de Portugal com África, talvez por se tratar de dirigentes nacionalistas permeáveis aos valores da cultura portuguesa. Alguns acentuarão, é certo, que Neto faleceu numa clínica de Moscovo. Mas aí – sem complexos na defesa dos nossos legítimos interesses – teremos de queixar-nos também de nós próprios, ou seja, do regime obscurantista que tivemos, da

descolonização que não soubemos preparar, das celas do Aljube ou de Caxias que foram sendo oferecidas aos que seriam dirigentes emancipalistas africanos quando outros países até o Parlamento franqueavam aos futuros líderes independentistas das suas (então) colónias. As portas que nós lhes fechámos, outros as abriram...

Com a morte de Agostinho Neto desvaneceram-se algumas certezas, ainda ténues, do diálogo luso-africano. Muitas esperanças ficam dependentes de evoluções dificilmente previsíveis. Certezas e esperanças – importa sublinhá-lo – de muito valor para um pequeno país europeu como é Portugal, sem pretensões nem meios de exercer hegemonias neocoloniais, mas detentor de uma vasta e rica experiência africana.

Tempo, 13 de setembro de 1979, pp. 1 e 23

A MORTE DE AGOSTINHO NETO

Em jogo o futuro de Angola

Silva Ramalho

JOANESBURGO (TEMPO) – Morreu um grande amigo da União Soviética e um dos mais eminentes líderes do movimento revolucionário mundial: nestes traços magistrais o Kremlin definiu, em elogio fúnebre, a vida e a obra do dr. Agostinho Neto, finado na sua pátria espiritual enquanto ainda presidente de um partido e um governo postos e mantidos no poder pelas armas soviéticas e pelos soldados cubanos.

No que a morte de Agostinho Neto representa para o presente e o futuro do martirizado povo angolano pouco se fala. Tanto os chefes soviéticos como a maioria dos comentadores internacionais vêm concentrando as suas atenções nos reflexos que poderá ter no contexto global africano e na chamada revolução mundial o desaparecimento do destacado líder marxista.

A União Soviética não mostra quaisquer dúvidas quanto à evolução da situação. Não só lembra que Neto tinha a noção que o uniam ao Kremlin ‘laços indestrutíveis’ como exprime a certeza que os nobres ideais do falecido serão mantidos pelos seus sucessores. Tanto na questão da política que o MPLA seguirá de futuro, interna e externamente, e no problema da sucessão há muito quem baseie as suas previsões na premissa falsa que o Governo de Luanda representa uma nação independente e soberana dirigida por chefes eleitos livremente pelo povo. Ignora-se convenientemente que grande parte do País está ocupada por forças expedicionárias estrangeiras e que ‘conselheiros’ russos e da Internacional Comunista detêm o poder real em Luanda.

Assim, Lúcio Lara, vice-presidente do comité central do MPLA e substituto nato de Neto, geralmente apontado como presumível sucessor na presidência, poderá, de facto, assumir o poder se isso convier ao ‘movimento revolucionário mundial’ de que o Kremlin diz que Neto era um dos pilares.

Credenciais impecáveis de linha dura marxista não faltam ao ‘número dois’ do MPLA, há muito reconhecido como eminência parda do regime. Poderá, porém, não convir à imagem africana que se pretende dar da revolução que a um mulato suceda outro mulato. Se o poder real resolver que o próximo presidente deverá ser um negro, Lara nem por isso deixará de continuar a ser fiel procurador dos interesses soviéticos.

Ultimamente, um ocidente crédulo e ansioso por acreditar em soluções fáceis vinha promovendo Neto como um moderado aceitando como genuínas apregoadas atitudes de ‘abertura ao Ocidente’, convites aliantes ao investimento europeu e americano, uma solução negociada do problema do Sudoeste Africano/Namíbia e outras ideias aparentemente conciliatórias.

Tudo isto tinha um sabor a ‘canto da sereia’ soprado de longe. Dizia-se (contra toda a evidência) que Neto procurava quebrar a sua dependência absoluta de Moscovo e Havana. Uma análise desapassionada de todas as iniciativas em curso à sua morte leva à conclusão que nenhuma delas era contrária aos reais interesses do bloco comunista.

Se o Ocidente fosse levado a fornecer ao Governo de Luanda capitais e tecnologia, dentro da capciosa fraseologia da celebrada lei dos investimentos estrangeiros, certamente Moscovo exultaria de gozo. Alguém definiu a lei como pedindo muito e dando pouco em troca. Moscovo e Havana cobrariam preciosas divisas pela ‘protecção’ que dispensam ao MPLA. Quanto aos eventuais capitalistas e técnicos, que voz poderiam ter em face de um poder apoiado por perto de 30 000 militares russos, cubanos, alemães-orientais, búlgaros e quejandos?

A caminho de Monróvia, para assistir à recente cimeira da Organização de Unidade Africana, o Secretário-Geral da ONU, Kurt Waldheim, fez um longo desvio para ouvir, em Luanda, as propostas de Agostinho Neto quanto a uma zona desmilitarizada, controlada por forças da ONU, entre Angola e Namíbia, que permitisse chegar a uma solução negociada para a independência do território administrado pela África do Sul.

Waldheim ficou entusiasmado com a ideia. As potências ocidentais pron-tificaram-se a ‘vender’ o projecto à África do Sul. De facto, era uma solução genial. Com a cumplicidade da ONU e do Mundo Ocidental, imobilizavam-se as forças sul-africanas na fronteira da Namíbia, liquidava-se a UNITA e dava-se liberdade de movimentos aos terroristas namibianos (SWAPO).

Obviamente o passo seguinte seria a ocupação da Namíbia pelas forças da SWAPO enquadradas por cubanos e alemães-orientais e municados pelos soviéticos. Estaria assim criado mais um bastião marxista para o assalto final à África do Sul.

O mal é menosprezar o virtuosismo tático e estratégico dos especialistas do Kremlin. Neto era um peão num xadrez em que há abundantes pedras na gaveta. Para a ‘paz soviética’ que inexoravelmente alastra pelo mundo, o falecido líder angolano deu a contribuição que lhe foi exigida.

Teve razão o representante da UNITA, Jeremias Chitunda, quando reagiu à morte de Neto dizendo: “A UNITA não lutava contra um homem. Lutava, sim, contra um regime, uma situação e a presença de forças estrangeiras em Angola”. Se mais alguma coisa há a dizer será que dentro do esquema soviético o MPLA continuará a ser – como não se cansa de apregoar a rádio Luanda – ‘a trincheira firme da revolução’.

Diário de Notícias, 14 de setembro de 1979, p. 3

À MEMÓRIA DE AGOSTINHO NETO

Raul Rêgo

A vida de Agostinho Neto foi um combate em prol da emancipação do seu povo contra o colonialismo, que é a forma sugadora da colonização. Angolano de cultura portuguesa, toma lugar de destaque ao lado de tantos outros espíritos que, continuando presos à sua terra e traduzindo as aspirações dos seus, comungaram da cultura portuguesa, cultivaram a nossa língua, ainda quando em determinada altura tiveram de encarar frontalmente o autoritarismo que busca sobrepor-se ao direito de os homens e os povos disporem de si mesmos. Como José Bonifácio de Andrada e Silva, como Amílcar Cabral, como tantos e tantos outros brasileiros, indianos, angolanos, moçambicanos e guineenses, Agostinho Neto formara-se, estudante entre estudantes portugueses, com todos os elementos de entendimento entre nós, pelas afinidades culturais que a nós os prendem. Humanista, a sua cultura mais lhe libertou o espírito e lhe fez sentir a necessidade de combater pela libertação de todos os oprimidos, e em especial pelos seus irmãos de raça e de nação. Nesse combate encontrou também a fraternidade de todos os portugueses respeitadores dos direitos do homem e com alguns deles conheceu o cárcere. O combate era o mesmo, o mesmo o tratamento a que eram sujeitos pelo totalitarismo (e o colonialismo o que é senão uma face do totalitarismo?).

Agostinho Neto nasceu em 1922, a ditadura instalava-se em Portugal e nas colónias em 1926. O regime discricionário requintava a partir de 1930, em que tomava a sua forma jurídica ultramarina, sob a letra do Acto Colonial, publicado pelo ministro das Colónias, Oliveira Salazar. Só um sector era livre, só um pensamento era permitido, só aos seguidores dessa doutrina era consentido alimentar aspirações, exprimir-se à vontade e associarem-se para a realização dos seus sonhos. Todos os mais portugueses, guinéus, angolanos, indianos, passavam à fieira censória, eram metidos nas cadeias, viam fixar-lhes residência: aos portugueses em Cabo Verde, em Angola ou em Timor, aos angolanos,

em Cabo Verde ou em Portugal. Agostinho Neto conheceu as cadeias e teve residência fixada em Cabo Verde e em Portugal, como Helder Ribeiro a teve em Timor, como Cunha Leal a teve nos Açores, como Sousa Dias a teve em Cabo Verde, como Mário Soares a teve em S. Tomé. Aos portugueses era defeso o território português; aos angolanos era defeso o território angolano. Era o culto oficial do divisionismo, uma das facetas do regime totalitário.

A comunicação não era livre; nem os homens podiam dizer uns aos outros o seu pensamento, o seu querer, a quanto aspiravam. Não se podia criar uma comunhão de pensamento, de vontades, inclinações, não se podia aferir a maneira de ser de uns pela maneira de ser dos outros, porque uma só doutrina era permitida. Todas as mais eram reduzidas ao silêncio. Entravam portanto na clandestinidade, na conspiração. Não interessava em que terra tinham nascido nem aquilo que buscavam. Era um só país, um só dono, uma só doutrina, todos os mais tinham de se enfronhar sobre si mesmos, calar-se; e os recalcitrantes eram tratados como animais perigosos, gafos, que se recolhiam em campos de concentração ou em prisões de grades bem seguras. A perseguição não era só aos angolanos, apesar de Agostinho Neto, os irmãos Pinto de Andrade e tantos mais terem sido perseguidos; a perseguição era aos indianos, havendo tantos deles conhecido Peniche e o Aljube; como não era só aos guinéus nem aos moçambicanos e também não era aos portugueses, embora tenham sido milhares os detidos e os torturados ou os que foram por esse mundo de Cristo comendo o pão amargo do exílio. A perseguição era a quantos se não submetessem à tirania, a quantos ousassem defender os direitos do homem e dos povos, àqueles que se dissessem simplesmente democratas. O problema da perseguição, durante quarenta e oito anos, desde a meninice de Agostinho Neto até ele fazer o meio século, mais do que uma segregação de raças era uma imposição de ideias, era o crê ou morres de todas as ditaduras. Por isso ele foi irmanado connosco na perseguição. O colonialismo existiu em Portugal, como existiu em Angola e Moçambique. Em toda a parte os democratas foram perseguidos e silenciados pelos totalitários. Não por serem negros ou brancos, angolanos ou metropolitanos; mas porque queriam a libertação do homem, a igualdade de direitos entre todos os cidadãos da Comunidade Portuguesa. Portanto, a igualdade de se autodeterminar e tornar independente esta nação ou aquela. A colonização leva os núcleos populacionais primitivos até à maioridade; formamos, de maneira que eles tenham a capacidade de se decidir livremente pelo

destino que desejam. O colonialismo explora os homens, primitivos ou civilizados, de qualquer raça que sejam e sem limite de tempo. Verdadeiramente os suga, no que têm de inteligência, de energia, de riqueza.

Agostinho Neto esteve preso. Não por ser negro ou angolano, mas por querer ser homem livre. Como ele estiveram presos milhares de portugueses e muitos mais foram silenciados. Por quererem ser homens livres e repelirem a tirania. Foi preso quando fazia parte do MUD Juvenil em 1945. Como tantos e tantos outros dos quadros do MUD. Até antigos ministros da República, como Mário de Azevedo Gomes. No MUD Juvenil também, por exemplo, Mário Soares. Depois de uns meses, seria solto. Voltou a ser preso, julgado e condenado, em tribunal plenário, como milhares de portugueses o foram. Agostinho Neto pedia a autodeterminação para Angola, como milhares de outros. Mas Angola, como Portugal, eram colónias de um grupo económico-militar-clerical que não dava direitos nenhuns, nem sequer o de expressão. Solto, segunda vez, voltaria a Angola a exercer a Medicina. Seria preso, de novo, no seu consultório de Luanda, em 1961. Por ser negro ou angolano? Não. Por reclamar os direitos do homem e dos povos. Como na mesma altura foram presos dezenas de portugueses, entre os quais me conto.

Foi em 11 de Maio de 1961 que um grupo de sessenta cidadãos apresentou ao país um documento intitulado “Programa para a Democratização da República”. A apresentação fez-se no escritório do dr. Acácio de Gouveia. A censura cortou tudo e na manhã de 12 de Maio eram presos Acácio de Gouveia, Mário Soares e Gustavo Soromenho. Que eram portugueses, mas não tinham mais direitos de exigir os direitos cívicos do que os que tinha Agostinho Neto. Nesse ponto o totalitarismo igualava-nos a todos. As prisões multiplicaram-se ao longo do resto do ano de 1961. Desde Mário de Azevedo Gomes a Helder Ribeiro, Mendes Cabeçadas, Carlos de Sá Cardoso, António Macedo, Fernando Piteira Santos, Joaquim Bastos, Olívio França, Urbano Tavares Rodrigues, José Ribeiro dos Santos, Vasco da Gama Fernandes, tantos mais. Reclamavam os direitos do homem para a sua pátria, para todos os povos, para todos os cidadãos. Por isso foram presos, como o fora, em Luanda, Agostinho Neto.

Nesse “Programa para a Democratização da República”, tão esquecido a menos de vinte anos, se lê quanto à política ultramarina, como ponto-base: “Parte-se da afirmação de princípio de que o esquema das relações Metrópole-Ultramar, repudiando qualquer manifestação de imperialismo-colonialista,

subordinar-se-á ao objectivo de assegurar os direitos fundamentais dos povos no plano político, social e cultural. Por consequência, um tal esquema visará a imediata institucionalização da vida democrática, sem discriminação racial ou política, para todos os territórios e todos os povos, tirando da autenticidade do funcionamento das instituições democráticas todas as consequências morais, económicas e políticas.”

O que é isto? Não estariam aqui, nesta declaração de democratas portugueses, todos os objetivos dos democratas angolanos ou moçambicanos? Por isso fomos presos. Por reclamar os direitos dos cidadãos e dos povos a disporem de si mesmos. Agostinho Neto, que havia sido preso em Luanda, foi depois trazido para Lisboa. Em Novembro, estava no Aljube, numa cela do quarto andar, virada às traseiras do edifício. Eu fui preso em 18 de Novembro e metido na cela ao lado. Foi o barbeiro, sr. Gonçalves, que no dia seguinte me segredava que ao lado de mim estava o dr. Neto, um médico de Angola. Nunca nos vimos então; mas batíamos na parede, como a dizer que não estávamos sós e que havia uma solidariedade. Dias depois, após um interrogatório tempestuoso, na Rua António Maria Cardoso, eu era esbofeteado e metiam-me nos curros do segundo andar. No dia 3 de Dezembro, à noite, houve uma grande manifestação político-religiosa, à Sé, encerrando-se cinemas, teatros, cafés, para que o povo de Lisboa fosse pedir a S. Francisco Xavier a salvação de Goa. Eu, que continuava encafuado no curro n.º 12, virado à parte lateral da Sé, acompanhei os rumores da multidão, ouvi a voz de trovão do rev. Domingos Maurício dos Santos, que muito bem conhecia desde os meus tempos de jovem seminarista até os mais recentes de varejo dos alfarrabistas em que nos encontrávamos amiúde. Como se sabe, S. Francisco Xavier não ouviu a deprecada da multidão, em Lisboa; e Goa seria invadida no dia 18 de Dezembro desse ano.

O episódio dá-nos realmente o regime português. Atenta-se contra os direitos mais elementares dos homens, sejam eles portugueses, como eu, ou angolanos, como Agostinho Neto. Proíbe-se-lhes a comunicação e tira-se-lhes a liberdade. Mas blasona-se de católico, sem respeitar o Evangelho, e de patriota, sem respeitar os cidadãos da mesma pátria. Não se quer a fraternidade dos homens mas a sua obediência cega e o silêncio diante das maiores prepotências. Isto nas colónias, como na metrópole. Agostinho Neto estava preso, não por ser angolano, mas por defender os direitos humanos. Como todos os

signatários do “Programa para a Democratização da República”. O que estava em causa não era Portugal, Angola, Moçambique. Era sim o totalitarismo ou a democracia. Naturalmente quem defendia os direitos dos oprimidos tornava-se ele mesmo oprimido. Essa foi a luta de Agostinho Neto, como foi a nossa própria luta. Meses depois seria libertado, sendo-lhe fixada residência em Portugal; mas, em breve, sairia clandestinamente do país. Não é sem emoção que lembro o meu companheiro de cárcere de 1961 e à sua memória aqui fica esta mensagem. Para ele se quebraram todas as barreiras e não me é possível transmitir-lha, matraqueando com os nós dos dedos a parede. Nem é já preciso porque também as paredes censórias foram aluídas.

O Diário, 15 de setembro de 1979, p. 1

UM HERÓI ETERNO

A notícia da morte de Agostinho Neto atingiu brutalmente o povo português. Seria preciso ir muito longe no tempo para encontrar uma personalidade cujo desaparecimento tivesse provocado uma emoção comparável. Por isso mesmo é difícil dizer da saudade que o herói angolano deixa. Gastas pelo uso, as palavras não podem expressar o que se sente perante o fim de alguém como Agostinho Neto.

Ele foi um patriota que, fundido com o seu povo, ajudou poderosamente a fazer a história profunda que muda os caminhos do homem. Dele se pode dizer que não é apenas um herói de Angola e da África. Em vida era já um herói da Humanidade.

Ao içar pela primeira vez a bandeira na sua sede nova e determinar que ela seja colocada a meia haste em todos os seus centros de trabalho, o PCP traduziu o sentir dos comunistas mas também o de todas as forças progressistas portuguesas.

Morto, Agostinho Neto está ainda mais vivo no nosso coração. A sua lembrança torna-se eterna. O Portugal democrático e revolucionário, o Portugal de Abril, compartilha uma dor que, sendo em primeiro lugar do povo angolano, é de toda a Humanidade que acredita na liberdade, na paz, no progresso.

Expresso, 15 de setembro de 1979, p. 1 e 16

A figura da semana

AGOSTINHO NETO

Marcelo Rebelo de Sousa

Os jornais que noticiavam, em primeira mão, a sua morte esgotaram-se em Lisboa e também noutros pontos do país.

As várias forças políticas, directamente ou através dos seus dirigentes nacionais falando a título pessoal, comentaram o acontecimento.

A notícia ganhou dimensão nos mais diversos órgãos de Comunicação Social, e sucederam-se as análises políticas e pessoais sobre a vida e a obra do governante desaparecido, bem como comentários prospectivos sobre os cenários previsíveis na República Popular de Angola.

A opinião pública portuguesa, já de si própria polarizada em dois grandes sectores políticos que se tendem a extremar, mostrou-se muito atenta ao evento.

Para bem ou para mal, ele andou na boca de toda a gente durante a semana que acabou. Portugal continua ainda muito sensível a todo o processo africano, com certos cambiantes que vão da nostalgia política de uns à solidariedade ideológica ou fraternidade militante de outros, passando por um mundo de experiências, de recordações, de testemunhos pessoais familiares ou de amigos e conhecidos.

Apesar de a Primeiro-Ministro ter ido à televisão explicar temas dos quais falámos há oito dias. Apesar de o Presidente da República ter ido também à televisão tentar explicar o seu comportamento, no momento em que era anunciada a dissolução da Assembleia da República. Apesar de tudo isto e de novos preços de bens essenciais, de conversações com o Fundo Monetário Internacional e de um certo frenesim partidário em tempo pré-eleitoral – o grande

acontecimento da semana ocorreu em Moscovo, e teve por protagonista o Presidente da República Popular de Angola, Agostinho Neto.

Louvam alguns, que com ele militaram politicamente no passado ou que com ele se identificam ainda no presente, o perfil do revolucionário, e depois a envergadura do governante.

Atacam outros, que se lhe opuseram politicamente no passado ou dele discordam em absoluto no presente, o comportamento do guerrilheiro, e depois a responsabilidade política e pessoal do Chefe de um Estado cujo contencioso com Portugal tem permanecido no tempo.

À admiração apaixonada de muitos portugueses corresponde o ódio sem limites de outros portugueses.

Para os primeiros a sua morte empobreceu o mundo político africano e até mesmo as causas universais por que ele se batera, intrepidamente e sem quartel, durante várias décadas.

Para os segundos a sua morte é quase celebrada com o alívio com que se encara um inimigo desaparecido, com a sensação de vingança contra alguém que liderou o movimento contrário a certos valores políticos que defendem, e que depois chefiou um poder político considerado responsável por atropelos a pessoas e a interesses por que se bateram e batem.

Quer para uns quer para outros, foi patente que a morte de Agostinho Neto constituía um marco político extremamente relevante na vida de um dos maiores Estados africanos do presente e do futuro. O que constitui um dos índices de que – amado ou odiado, defendido ou atacado – Agostinho Neto passou à História de um continente onde se defrontam ideais e estratégias de que dependerão aspectos fundamentais do futuro de todos nós. De todos nós cidadãos deste mundo. De todos nós cidadãos de uma Europa que vai procurando a sua unidade, mas não pode nomeadamente ignorar o que acontece num dos continentes vizinhos, a que permanece ligada por laços de natureza cultural, social e económica. Para além do que fica dito, houve quem se recordasse ainda, já não de Agostinho Neto-revolucionário ou guerrilheiro, já não de Agostinho Neto-governante, mas também de Agostinho Neto-poeta.

Compreende-se, no entanto, como é cedo para se aquilatar da efectiva dimensão literária de um político que para muitos foi elevado até à idolatria e para outros odiado até à cegueira. Só a História despe de afectividade os juízos estéticos (e éticos) e permite o reconhecimento do mérito dos grandes literatos,

tenham eles sido, na sua época, defensores de monarquias absolutas, de liberais políticos, sociais e económicos, dos vários socialismos nascentes, de democracias ou de ditaduras, ou tenham pura e simplesmente querido (e podido?) apostar numa arte que se pretendia autónoma dos reptos e das opções da sociedade em que viveram.

Só a História permitirá confirmar ou desmentir a relevância efectiva de Agostinho Neto-escritor, tal como só ela permitirá definir os contornos mais exactos da sua imagem política, da sua projecção numa corrente de gerações que se sucedem de modo incessante e renovado.

Talvez suceda que a História, tal como aconteceu em muitas das outras vezes, não dê razão a nenhuma das visões extremadas de Agostinho Neto. Não dê razão àqueles que dele têm uma imagem que quase atinge o panegírico fácil e de conveniência ideológica. Nem dê razão àqueles que dele têm uma imagem que quase atinge o ódio vesgo, por conveniência ideológica.

Os políticos não fogem à regra do homem comum, misto de positivo e de negativo, de contributos criadores, de arranques corajosos, mas também de gestos injustos, de condutas indignas.

Só um maniqueísmo doentio pode ver num político, como de resto em qualquer homem, ou um santo ou um pecador.

Importa, por conseguinte, que se tenha do julgamento de um político, no momento da sua morte, um sentido apurado de relatividade, evitando dogmatismos, que podem decorrer de ortodoxias fechadas, mas que não correspondem à riqueza multifacetada do universo humano que integramos.

E importa também, em relação ao correligionário mais querido, como em relação ao inimigo mais temível, manter em todos os instantes, e sobretudo nos grandes instantes, aquela elevação de espírito que não deve significar subserviência ou demissão, mas força moral e dignidade.

Não foi por acaso que, no momento da sua morte, Maurice Thorez – líder do Partido Comunista Francês, activista da Frente Popular do pós-guerra – recebeu, sobre a sua urna, um ramo de flores, acompanhado de uma mensagem de um dos seus mais frontais inimigos políticos. A mensagem não representava qualquer cedência política ou conversão pessoal. Traduzia a consideração devida objectivamente ao homem e ao político que morrera. Assinava-a o general Charles De Gaulle.

O Diário, 15 de setembro de 1979, p. 15

A SAGRADA ESPERANÇA DE UM HOMEM*

Óscar Lopes

Apenas três ou quatro *flashes* de um homem, do seu Partido e do seu povo, acompanhados por alguma reflexão.

Primeiro instantâneo. Maio de 1955, no claustro interior da cadeia da PIDE, junto à mais que justificadamente dita do “Heroísmo”. Por acaso, ou descuido de vigilância, cruzo com um homem ladeado, como eu, de dois agentes. Não o conheço. De resto estávamos ambos há vários meses isolados de cerca de uma centena de detidos, numa manobra geral destinada a, por sua vez, ilegalizar o MUD Juvenil, o movimento dos partidários da paz e várias organizações culturais ainda judicialmente não interditas por alegada subversão. O homem parece-me então muito alto e muito forte, parece-me uma estátua de bronze, porque marcha com uma firmeza, uma serenidade, irradia uma tal sorridente e superior convicção, uma tão grande segurança moral que, à sua ilharga, os guardas se sentem visivelmente ridículos.

Muitos meses depois. É o julgamento que dura seis meses de 1956-57. Nas poucas oportunidades de contacto, conheço esse homem sempre sereno, de poucas palavras e sorridente modéstia, entre os co-arguidos da primeira fila (somos, ao todo, 53), os não abrangidos por liberdade caucionada, a cumprir três anos de prisão mesmo antes de julgados. Esse homem chama-se Agostinho Neto. Acontece que no início de uma das sessões do plenário se sabe que um preso de outra leva, um operário de Viana, tinha sido morto. Segundo alegação policial, ter-se-ia suicidado com tiras feitas de uma toalha, no cabide da porta, num tão grande desespero que (continua a PIDE a alegar) segurara as pernas dobradas com as mãos para poder enforcar-se a pouca altura do soalho. Os acusados da primeira fila propõem, muito rapidamente, um acto de protesto.

* Publicado mais tarde em plaquete (*A sagrada esperança de um homem*. Com um poema de Luís Veiga Leitão e um desenho de José Rodrigues. Porto: o ouro do dia, 1981) e em AA.VV. – *Um postal para Luanda*. Lisboa: Vega, s/d, pp. 45-50.

Todos os 53 incriminados (excepto dois traidores) ignorarão a ordem de sentar-se, até que um dos advogados explique essa manifestação de indignado protesto. O júri do plenário enfurece-se e ameaça. Mas a primeira fila marca, para todas as outras, a duração do protesto. E aguenta, aguenta-nos a todos, até ficar bem claro que nos sentaremos, sim, mas de moto próprio, quando o acto simbólico de protesto não puder ser ignorado. Ao dar sinal de cessação, Agostinho Neto percorre-nos com o seu olhar sempre sereno e sempre firme.

20 anos depois

Passam mais vinte anos. Em Março de 1977 funcionam seminários para formação de professores de português em Luanda, no Huambo e no Lubango; está já em curso uma campanha de alfabetização em português para mais de cem mil angolanos. Nunca, em cinco séculos de colonização, se fizera tanto para unir Angola por meio único e comum de comunicação, que também a unirá a outros povos agora livres, e além disso ao Brasil. Mas a nível do ensino secundário não existem, ao todo, mais do que uns 200 docentes para todo o vasto território, quase todos pedagogicamente imaturos, e os melhores exaustos, porque se voluntarizavam para 60 ou mais horas de leccionação semanal. Eu era o único auxiliar português, a convite e apenas do Governo angolano. Os dirigentes de Portugal não queriam, então, nada com Angola. Os instrutores disponíveis para o ensino do português tinham sido facultados pela UNESCO e eram sobretudo brasileiros ou franceses, com o tirocínio da alfabetização de emigrantes portugueses em Paris.

Falei então, pela primeira vez em liberdade, com Agostinho Neto. Estava nessa altura de visita a Angola Fidel Castro. Os textos preferidos para o exercício pedagógico eram mesmo artigos sobre o grande acontecimento e sobre as tarefas mais prementes de Angola, perspectivadas em comparação com a experiência socialista cubana (e outras). Era de resto o que teria de fazer-se na própria actividade escolar directa, porque os livros escasseavam, Angola não conseguira levar alguns editores portugueses a um consórcio capaz de satisfazer as dimensões editoriais requeridas, e aguardava-se que técnicos suecos dotassem o país com o necessário parque gráfico, que o colonialismo lhe não legara. Estive no comício (improvisado) de boas vindas, e no comício de despedida de Fidel; e apesar de toda a movimentação dessa visita, apesar de alguns problemas gravíssimos de sabotagem comercial e de divisão política (a

atmosfera estava já carregada do golpe pouco posterior, e então em incubação, de Nito Alves) – apesar de tudo isto, Agostinho Neto deu-me a oportunidade de um diálogo.

Voltarei adiante a esse diálogo, porque não posso perder o ensejo imediato de mais alguns *flashes*. Acontece que, além dos dois comícios e da recepção oficial em Luanda, assisti, em reportagens televisionadas ou radiodifundidas, a várias intervenções de Fidel e Neto. Fidel é um extraordinário didacta oral para as massas. Os angolanos não tiveram a menor dificuldade em seguir o seu espanhol, porque o orador sabia encontrar os meios verbais mais transparentes e sobretudo articular, escandir e cadenciar as frases de modo a evidenciar tanto os pequenos recortes como toda a larga construção arquitectónica do seu pensamento, sempre muito objectivo e sempre muito concretamente (até mesmo localmente) bem informado. A Agostinho Neto ouvi-o corresponder às alocações de Fidel, e ouvi-o a encerrar um debate público entre médicos, seus colegas de profissão. Neto não discursava nunca, mesmo perante uma multidão: falava, muito calmamente, de um modo conversado, interlocutório, que cada ouvinte tinha a sensação de lhe ser individualmente dirigido. E todavia não poupava as verdades mais duras, era mesmo sobre elas que mais se demorava; e a sua impressionante modéstia tornava ainda mais persuasiva uma intransigência de ferro em questões de fundo. Aos médicos, por exemplo, lembrou o dever de acudir ao interior, às zonas sanitariamente mais carenciadas, segundo o exemplo dos camaradas cubanos, que iam sempre para onde era mais duro e perigoso trabalhar, por vezes com armas sempre à vista para uma emergência, e arranjando ainda forças para qualquer trabalho braçal necessário. E a seguir às magistras intervenções de Fidel, o que Neto dizia era, em breve improviso, tudo o que era indispensável acrescentar, tudo o que só um revolucionário em perfeita e longa sintonização com o seu povo sabe ser necessário dizer-se, numa hospitaleira camaradagem que se sentia decorrer em casa sua. E essas poucas palavras tinham sempre o condão de ajudar os ouvintes a pensar, a ajuizar para si, e a extrair consequências práticas e imediatas.

Um exemplar humanista

É agora a altura de resumir impressões do diálogo pessoal com Neto. De resto, falar com Neto era (para além de relações pessoais que não fazem ao caso) falar, impessoalmente, com qualquer responsável do MPLA. Cingir-me-

-ei ao que aqui mais interessa, que é a atitude de Angola em relação a Portugal. Agostinho Neto, como Amílcar Cabral, como vários dos outros dirigentes do actual Partido do Trabalho, participou na resistência portuguesa ao fascismo antes da sua luta directamente anticolonial. E isso era um motivo de sobra para (como qualquer responsável pelo MPLA) reagir sempre, cumulativamente, como patriota angolano e como um exemplar humanista, ou internacionalista. Ouvi-o a ele (mas ouvi também não menos rigorosamente nos debates políticos do seminário pedagógico) fazer distinções características de uma plena maturidade angolana que a tantos de nós, portugueses, nos falta. Neto distinguia entre os laços culturais luso-angolanos de objectiva raiz histórica – e a barbárie do colonial-fascismo português, e digo colonial-fascismo porque o fascismo português conteve, entre outras especificidades, a de uma determinante colonialista, que marcou sempre de contradições insanáveis o nosso liberalismo burguês, desde 1820 à propaganda Republicana. (O liberalismo pela primeira vez vitorioso em 1820 fez-se, em grande parte, contra a liberdade brasileira, e a República vingou, em grande parte, pelos clamores contra o ultimatum inglês, e sob o *slogan* de que “o futuro de Portugal está nas colónias”). Neto (como também, repito, os instrutores políticos dos seminários pedagógicos em que tomei parte) distinguia claramente entre a mera instrumentalidade militar e administrativa portuguesa do colonialismo e as forças realmente dirigentes, as do imperialismo sem pátria, que tanto sugara o povo angolano, como sugara, e tentaria continuar a sugar, os portugueses. Distinguia entre a brutalidade escravagista de cinco séculos e os aspectos positivos de um processo histórico contraditório que, através dos navegadores de quatrocentos-quinhetos, através dos reconhecimentos sertanejos de oitocentos conduziram à própria formação complexa e ainda em curso, da Nação e da República Popular de Angola.

A alfabetização em português passou por uma difícil batalha política, de que afinal dependia a própria unidade por agora possível para Angola. Agostinho Neto impôs sempre uma linha essencialmente suasória, política e não repressiva, para a resolução dos problemas básicos, incluindo o das cisões étnicas incentivadas pelo imperialismo-racismo. E por isso as discussões do seminário eram francas, por vezes duras: houve quem, sem receio, advogasse ali mesmo outras alternativas de língua comum veicular para Angola, como o francês (falado por uma considerável população emigrante ou flutuante de

zaienses); havia quem propusesse o português quase acrioulado dos musseques suburbanos de Luanda, ou qualquer das línguas nacionais mais faladas, ou uma futura síntese voluntarista de várias línguas ou dialectos bantos. Entretanto, os governantes portugueses protelavam acordos de cooperação mutuamente vantajosos, a qualquer nível, incluindo este nível de política cultural.

Os anos decisivos

Agostinho Neto sabia, os membros do MPLA (hoje, também Partido do Trabalho) sabiam, e sabem que Angola lançara, aí até meados dos anos 80, as bases, para um grande arranque nacional em todos os campos. Para além dos países socialistas, cujo auxílio é determinante e inteiramente condicional, já em 1977 vários estados capitalistas compreendiam onde está o futuro possível de Angola. O Brasil fora logo o segundo Estado a reconhecer o único governo unitário possível. Os próprios EUA elevaram facilmente as “royalties” do petróleo e resolveram a sua parte de contencioso na Diamang e noutras multinacionais. Portugal perdia, entretanto, oportunidades sobre oportunidades de acordos preciosos para ambas as partes, comprometendo as suas “chances” para os anos próximos, os anos mais decisivos. Agostinho Neto, e depois outros dirigentes angolanos, explicaram-me tudo isso, com números, com dados económicos e culturais concretos, em que não me deterei por agora. Em dois colóquios na União dos Escritores angolanos, em que o Presidente se fez representar por Maria Eugénia Neto, também escritora, ouvi-a a ela intervir, para sustentar que (independentemente da promoção cultural e escolar das línguas nacionais, em planeamento para os mais breves prazos possíveis), o português escrito, inclusivamente o português literário, deveria obedecer a normas de perfeita inteligibilidade mútua entre todas as etnias angolanas, o que implica um português igualmente funcional do Zaire ao Cunene, do Maputo a Lisboa, a Bissau, a S. Tomé e ao Rio de Janeiro, para não falar na emigração.

E Agostinho Neto, que escreveu originalmente algumas poesias em Quimundo, é hoje um poeta apenas publicado em português, para que nenhum compatriota o sinta como especialmente ligado a uma só das etnias da sua pátria.

Neto, como todos os grandes políticos, como todos os grandes mestres, soube dentro do humanamente possível, criar as condições necessárias para se não tornar insubstituível. Insubstituível, em Angola, só o próprio Partido do

Trabalho, onde vibra o seu espírito. A própria poesia de Neto não diz um “eu” que se não entenda imediatamente como “nós”. Mesmo aqueles que podiam ser os seus poemas mais pessoais, são a voz consciente do seu povo, do calvário colonial do seu povo, das esperanças agora exequíveis do seu povo, tudo colhido em imagens flagrantes desse mesmo povo a que o poeta se identifica. Escreveu na prisão “Um bouquet de rosas para ti”, e as forças germinais de Angola; e o próprio célebre poema de despedida da sua mãe (inicialmente escrito na língua materna) transmuda-se imediatamente em profusão patriótica e popular. Começa, comovidamente, por dizer “minha mãe”, mas acrescenta logo entre parêntesis: “todas as mães negras/ cujos filhos partiram”. E a sua “sagrada esperança” é sempre colectiva e activa: “Eu já não espero/ sou aquele por quem se espera/ sou eu minha mãe/ a esperança somos nós”.

A sagrada esperança somos carnalmente nós, a vanguarda unida e inumerável de todos aqueles que se educaram na mesma escola internacionalista onde se educou Agostinho Neto. É a grande esperança militante de hoje, e a mais poderosa força social e moral do mundo. É a esperança que, hoje, faz realmente a história, a história de cada pátria livre, e a história da grande pátria comum humana, que desde Gagarine até já transborda da própria Terra.

O Dia de Amanhã, 18 de setembro de 1979, p. 1

AGOSTINHO NETO

Agostinho Neto foi português. E foi como português e adentro de uma determinada concepção de espaço pátrio que Agostinho Neto foi perseguido.

Parece indubitável que o seu perfil é de um homem com dimensão humana e capacidade de estadista.

Mas não é razoável dar-lhe dimensão de herói, e muito menos, de “herói nacional”. Combateu portugueses e camaradas seus mataram portugueses. Negociou uma independência que escapou a todos os cânones e que não acautelou os mais elementares direitos internacionais.

Se é certo que no “negócio” não foi a parte mais culpada, também é certo que negociou negócio pouco limpo, aliás ainda não esclarecido; embora lusófilo e poeta, acedeu ser agente de uma manobra de envolvimento, desenvolvida há dezenas de anos pelo comunismo internacional.

O português é impiedoso na crítica, frouxo na acção, incoerente perante a morte. Faz a análise das figuras e dos factos mais pelo sentimento do que pela razão.

É a altura de pensarmos em mudar; sem que com isto se preconize insensibilidade ou intolerância. Mas a falta de uma linha clara de pensamento confunde as pessoas e não conduz a parte alguma.

Têm estas considerações a ver com a nossa experiência democrática. A democracia só é autêntica quando a análise é segura, o voto é consciente, o respeito pela História é objectivo e, enfim, quando soubermos também conhecer os nossos amigos.



O Diabo, 18 de setembro de 1979, p. 1

O Diabo, 18 de setembro de 1979, p. 4

UMA SEMANA EM REVISTA

[...]

Terça-feira (11/9)

Notícia, verdadeira notícia, foi a morte de Agostinho Neto.

Se dos mortos, o costume é não dizer mal, nada de bom se pode escrever na lápide fúnebre deste “patrão” do MPLA.

O que foi o trágico reinado deste “libertador” do povo angolano é coisa que, hoje, todo o mundo sabe... e os portugueses melhor que ninguém. O que Angola era em 1974 e o que é à data da morte de Neto, eis o que só não é visto pelos que têm da verdade a visão distorcida a que é uso chamar-se “visão dialéctica da história”, ou qualquer outra semelhante baboseira para consumo dos papalvos.

Morreu Neto. Que a terra lhe seja mais leve do que o monte de cadáveres que a sua política originou.

[...]

O Diabo, 18 de setembro de 1979, p. 7

Neto enterrado, afiam-se as catanas

A LUTA PELO PODER JÁ COMEÇOU EM ANGOLA

Nada como a morte para suavizar biografias. Estendidos num caixão não há rapazes maus e o que se sublinha é a qualidade das pessoas. Tirava as asas às moscas mas não era por crueldade, era por curiosidade científica. Dentro do caixão ficam apenas os lados bons de cada um. Os maus são anulados pela morte.

No caso de Agostinho Neto a questão parece que nem se pôs. É um tal desfiar de qualidades ímpares que mesmo os adversários mais acérrimos se chegam a envergonhar da alegriazita que lhes vai no íntimo...

Manda a verdade que se diga que o esforço do elogio virou aqui e além o feitiço contra o feiticeiro. Quando Manuel Alegre classifica Neto como um dos melhores poetas de sempre da língua portuguesa, provoca trejeitos a muita gente. Um dos melhores, quer dizer o quê? Um dos melhores cinco? Um dos melhores dez? Aceitemos que Alegre quer dizer um dos melhores cinco e a coisa passa...



O Diabo, 18 de setembro de 1979, p. 7 – Imagem que, agora, por cá, não se quis recordar. É de Julho de 1974 e foi publicada na revista *Notícia* (de que era director o nosso colaborador João Fernandes), da qual reproduzimos com a devida vénia. Enquanto os brancos corriam para os barcos, os negros corriam para os comboios. Os primeiros de regresso a Portugal; os segundos de retorno à terra, onde, apesar das dificuldades sempre havia mais segurança. Nessa ocasião, nos bairros populares de Luanda, reinava tremenda confusão. Lançada por quem?

Pior foi o resultado conseguido pela Televisão, ao passar pedaços dos filmes de que dispunha. A inépcia (ou a louvável habilidade?) levou o Lumiar a transmitir a visita de Neto à prisão de que foi hóspede, no Porto, deixando ir para o ar as suas declarações pacifistas da necessidade de acabar com tão horríveis lugares. Os muitos que têm familiares seus nas prisões que Neto proficientemente mandou encher terão o sangue a ferver...

Não valia a pena, portanto, tentar fazer de Neto uma lenda. Ele foi o que foi. Pior do que muitos e melhor do que alguns que continuam vivos. Na sua vida de revolucionário, mostrou indiscutíveis qualidades de líder. Com açúcar numa mão e um pau no outro, dominou o MPLA a seu bel-prazer, numa trajectória que atropelou muita gente. Pinto de Andrade afastou-se, Viriato Cruz foi afastado e o caminho ficou aberto. Alguns aceitaram obedientemente o torrão de açúcar e foram ficando. Muitos outros conheceram a dureza do pau e, destes, Chipenda e Gentil Viana são apenas dois nomes dos que se rebelaram e ficaram vivos, sorte que muitos outros não tiveram.



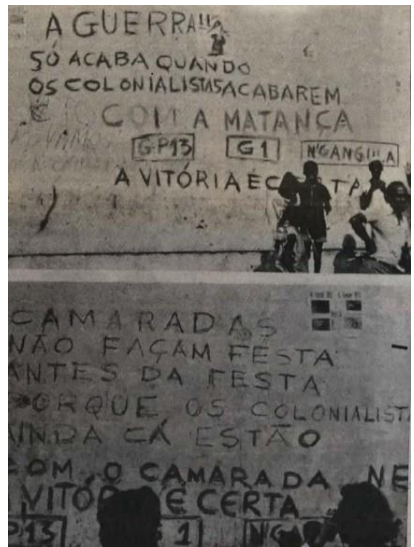
O Diabo, 18 de setembro de 1979, p. 7 – Fantochada para recordar, ainda. Nova reprodução de *Notícia*, desta feita da sua edição de 21 de Dezembro de 1974. Savimbi e Neto assinam acordo. Pouco depois, Neto rasgava-o

O 25 de Abril veio complicar tudo. Ninguém estava preparado, mas Neto, ao menos, estava pronto para jogar tudo. E jogou e ganhou. Do tristinho escritório de Brazaville (que aziagamente servira de sede aos biafrenses), Neto

passa a primeiro presidente de Angola. Era a vitória total. Uma vitória conseguida, contudo, quando a cirrose que o haveria de vitimar (cirrose que não foi conseguida por abusar de manteiga ou por beber muitas coca-colas...) já avançara de mais. Tinha Neto consciência disso? Se sim, o facto não lhe encheu a alma de benignidade. As prisões a que se afirmou tão avesso na visita a Lisboa, encheram-se rapidamente à ordem. Lá foram parar todos os antigos opositores ou críticos, entre eles o próprio Liceu, cantado no poema que tão desastrosamente Manuel Alegre escolheu para ler na Televisão. E por lá ainda estão alguns, entre os quais Rui Castro Lopo que até ajudou alguma coisa para que Neto fosse presidente...

Açúcar e pau

E agora? – perguntam-se os interessados em coisas de Angola. Sem se aperceberem, a própria pergunta é já a mais dura crítica a Agostinho Neto. Nada está previsto para o pós-Neto. Deliberadamente porque o presidente, agora como dantes, nunca quis que ninguém crescesse muito dentro do movimento. Procurem à sua volta e vejam o vazio deliberadamente criado. Das grandes figuras da tomada de posse o que resta? Nito Alves (a bandeira do Poder Popular que Neto impôs) fuzilado; Onimango, afastado; Lopo do Nascimento, o seu primeiro-ministro, desterrado na Etiópia; Ludi, o super-poderoso chefe da DISA, marginalizado há pouco mais de um mês...



O Diabo, 18 de setembro de 1979, p. 7 – Duas pichagens significativas do ódio do MPLA ao branco. Outra imagem que reproduzimos de *Notícia*, da sua edição de 24 de Agosto de 1974 (atente-se na diferença de datas entre esta imagem e a maior inserida nesta mesma página). Neto era um anjo, de facto...

Restam alguns nomes antigos, claro, mas aí revela-se bem o maquiavelismo do velho. Iko Carreira, ministro da Defesa, teoricamente o chefe das Faplas, é controlado pela cor. Mulato claro, quase branco, Iko tem obrigação de saber que as suas hipóteses de poder efectivo são nenhuma. Não fosse ele ter dúvidas e Neto deu-se ao cuidado de lhe pôr à volta cinco assessores muito atentos. Do outro lado, azedo, ciumento, fiel a Neto e a mais nada, está Lúcio Lara, o homem que dirige o partido. Também ele, afinal, condicionado pela cor, já que, por mais que Lúcio se veja preto ao espelho, é desesperadamente claro, embora mais escurito do que a mulher excessivamente branca...

À cautela

Mas será realmente importante esta questão da cor? A triste verdade é que no momento presente é fundamental. Na sua doentia preocupação de controlo total, Agostinho Neto jogou sempre e muito habilmente com os preconceitos de cor existentes à sua volta. Mil exemplos nos tempos da guerrilha o provaram. E provaram tão bem que Agostinho Neto não resistiu a continuar com o mesmo jogo quando o movimento se tornou dono do país. Os mulatos, melhor preparados, mais aptos, sabiam perfeitamente que são uma minoria olhada com desconfiança e inveja pela maioria negra. Avalizados por Neto, eles eram de alguma forma o seu seguro contra traições. Quem os segurava podia deixá-los cair de um momento para o outro...

Morto Neto, a luta pelo poder vai ser sem quartel. São inúmeras as invejas, os ódios pessoais, entre os “herdeiros”. Internamente todos têm algum poder, mas todos estão conscientes de que ele é mais teórico do que real. À partida todos têm algumas hipóteses, mas só algumas. E ninguém confia em ninguém. Todos sabem que a vitória de um é a eliminação dos outros. E ninguém vai querer desistir, apesar de todos – à cautela – terem assegurado na Suíça, e não só, um opulento pé-de-meia para uma eventualidade...

Os involuntários aliados

Neste jogo, claro, é bom não ignorar os exploradores do casino. Os soviéticos tiveram muito tempo para conhecer os candidatos e terão já feito as suas opções. Para garantir a ordem, e talvez a escolha, lá estão as espingardas cubanas. Mas o problema nunca será simples. O candidato que conseguir o apoio da força cubana terá contra si o poder relativo de todos os outros e isso não

simplificará de forma nenhuma a situação, já popularmente difícil, dos cubanos. Na quietude abafada das savanas do Leste, Savimbi não deixará de esfregar as mãos com satisfação. O cadáver que veio do frio e que tantas delegações presidenciais foram ver enterrar, trouxe-lhe um número avantajado de involuntários aliados: todos os que a escolha soviética preterir.

O problema está em saber se a luta pelo poder se poderá agora limitar a golpes de palácio ou se descera até à rua. Todos estarão inicialmente de acordo em que isso seria demasiado perigoso. Nesta Angola finalmente libertada e senhora dos seus destinos, o povo não pode ter a mais pequena palavra a dizer sobre o seu destino. Eleições são coisas que toda a gente exige para a Namíbia. Constituições claras, perfeitas, ocidentalizadas, são questões fundamentais para a Rodésia. Para Angola, é evidente, ninguém pensa nisso. O povo que assista ao enterro em boa ordem e depois vá para casa esperar. O Kremlin lhe mandará dizer quem é o chefe que eles terão de amar cegamente...

Um tinir já se ouviu

Muito provavelmente, contudo, as coisas não se passarão com tanta facilidade. Quem estiver ameaçado de perder não hesitará em servir-se das armas que tiver à mão. Servir-se do pé descalço, do descontente que há quatro anos se acotovela nas bichas para arranjar um punhado de arroz ou de pirão, apelar para o ódio ao cubano que se passeia como conquistador, é tentação a que se não saberá resistir. Neto ensinou a muitos dos que o rodeavam que, para conseguir os objectivos, não se deveriam temer alianças com o diabo. Fez aliás algumas e morreu no poder. Porque não aproveitaria a lição?

São portanto muitos os motivos de preocupação no que respeita aos próximos tempos em Angola. Alguma da angústia que os enviados especiais portugueses dizem ver nos rostos dos luandenses, resulta já daí. Passados os dias obrigatórios de luto, a procura de bilhetes de avião para Lisboa vai ser grande. Muitos dos especialistas em negociatas sentirão uma necessidade urgente de férias prolongadas. As conversas do fim da tarde serão mais inócuas do que nunca e haverá o máximo cuidado em ninguém ser visto com ninguém. O importante nesta fase é não criar qualquer compromisso público com alguém que possa entrar na luta pelo poder... e perder. Com Neto vivo, ninguém sabia o dia de amanhã. Mas com Neto morto tudo pode acontecer em Angola. Se Eanes aguçar o ouvido, lá pela madrugada, para os lados do muceque, talvez oiça

A morte do 'heroico lutador pela libertação dos povos' nos jornais portugueses

um ruído metálico persistente. Como ele vem logo embora nem vale a pena inquirir-se sobre o que é. As catanas que se afiam podem demorar algum tempo até brilhar ao sol.

Mas estão lá à espera...

Diário de Notícias, 19 de setembro de 1979, pp. 15-16

A HERANÇA DE NETO

António de Figueiredo

É natural deduzir que o MPLA se encontre agora sob o fogo cruzado de interesses e influências díspares, nomeadamente os que advêm da presença cubana, dos interesses da URSS no Sul de África e, claro, dos EUA e dos países ocidentais, que se mostram apreensivos quanto ao futuro político do continente

O dr. Agostinho Neto pertence àquela notável galeria de africanos cujas vidas ficaram indissolúvelmente ligadas à história da luta contra o colonialismo e à fundação das suas nações. A sua ascensão da massa anónima dos angolanos colonizados, durante as décadas de 1920 e 1930, quando a hegemonia europeia parecia um facto natural da história, até à Presidência da República Popular de Angola em 1975, através de anos de prisão, desterro, exílio, guerrilhas de libertação e guerra civil, revelaram a visão da história e a tenacidade inabalável, que são as marcas dos grandes homens. A sua vida, no entanto, não pode admirar-se só pelo triunfo de anos recentes e de uma história mais conhecida, mas tem de se apreciar ao longo de uma carreira de lutador que se prolongou por décadas e que acompanhou a decisiva evolução histórica que se verificou no Mundo e, principalmente, no continente africano em meados deste século.

Nascido numa pequena aldeia rural relativamente perto de Luanda, Icolo e Bengo, em Setembro de 1922, Agostinho Neto era filho de um pastor evangélico angolano que, graças ao missionarismo protestante, se elevava acima da massa dos africanos que se encontrava submetida aos rigores do colonialismo português, que ao tempo incluíam o trabalho compulsório em regime de “contrato”, castigos corporais e possível deportação com trabalho forçado. Por si só o facto de que Agostinho Neto, tal como outros pioneiros da luta anticolonialista, incluindo Holden Roberto, Jonas Savimbi e, em Moçambique,

Eduardo Mondlane, deveram o início da sua educação à ajuda de missões protestantes, é bem significativo do entendimento entre o antigo sistema e o catolicismo, entendimento que, aliás, estava consagrado numa concordata.

Tendo conseguido obter instrução secundária nos anos de 1930 e 1940, quando a taxa de 96 por cento de analfabetismo entre “indígenas” era considerada como a melhor salvaguarda para a sobrevivência da ocupação colonial, Agostinho Neto parecia destinado a integrar-se na minoria de funcionários urbanos de origem angolana que viviam na periferia da sociedade colonial portuguesa. Mas, em 1947, com 25 anos de idade, e quando se encontrava a trabalhar nos Serviços de Saúde e se envolvia na fundação de um grupo cultural em Luanda, Agostinho Neto conseguiu obter assistência financeira para estudar Medicina em Portugal, inicialmente na Universidade de Coimbra. Dentro de pouco tempo integrava-se, porém, nas organizações de estudantes, especialmente nos núcleos anticoloniais, distinguindo-se com a publicação de poemas em que expressava o sofrimento dos africanos e as esperanças de libertação da “Mãe-África”, a Pátria imensa dos seus ideais de emancipação e dignificação racial e independência política.

Preso em 1952 por ter participado em manifestações estudantis, a sua vida passou a alternar entre períodos de detenção e de luta clandestina, uns e outros contribuindo para fazer evoluir ainda mais o seu pensamento e fortalecer, se possível, a sua determinação. As suas ligações com o Partido Comunista Português e o Movimento Comunista Internacional forjaram-se, é um facto histórico, na solidariedade da luta e da prisão.

Tendo prosseguido com os seus estudos mesmo quando em detenção, como nos anos de 1955 a 1957, Agostinho Neto veio a formar-se em Medicina em 1958, tendo trabalhado inicialmente como ginecologista no Hospital de Santa Marta em Lisboa. A sua experiência como médico-parteiro fê-lo reconhecer ainda mais profundamente que os indivíduos não se dividem tanto pela cor da pele, pela raça, pela nacionalidade, ou até pelo sexo, a que pertencem, mas segundo o rendimento ou o clã em que nasceram e que lhes confere ou nega privilégios de natureza social.

Ansioso por se juntar ao seu povo, Agostinho Neto teve autorização para regressar a Luanda em 1959 para exercer medicina, profissão liberal que, no contexto de Angola, automaticamente lhe daria uma situação económica e social muito acima da massa dos Angolanos. Mas, incapaz de se deixar seduzir

pelas vantagens pessoais ou de se conformar com a condição colonial do seu povo, Agostinho Neto de novo se envolveu em actividades clandestinas contra o regime.

Preso, uma vez mais, em 1960, foi então deportado para a ilha de Santo Antão, em Cabo Verde. A pressão dos protestos internacionais, nomeadamente a publicidade feita à volta do seu caso pela então recém-formada Amnistia Internacional, com sede em Londres, resultou na sua transferência para Portugal, de onde viria a evadir-se com a ajuda do aparelho clandestino do Partido Comunista Português.

Depois da sua libertação, Agostinho Neto foi imediatamente para Leopoldville (mais tarde Kinshasa) para se juntar ao MPLA até então dirigido por Mário de Andrade, sob a presidência honorária de um irmão deste, o rev. Joaquim Pinto de Andrade, que ao tempo também se encontrava preso. E, em Agosto de 1962, Agostinho Neto emergiu como presidente do MPLA, passando a sua vida a alternar, desde então, entre períodos de direcção da luta armada, principalmente depois da transferência do quartel-general do MPLA para Brazzaville, e viagens de contacto político por todo o Mundo.

Encontro pessoal com Neto

Devido às vicissitudes e ironias do exílio, o meu primeiro encontro com Agostinho Neto viria a dar-se em Londres, no discreto Hotel Rubens, nesse ano [*sic*]. O dr. Agostinho Neto, que sabia do meu passado de acção política e anticolonial e da minha ligação com o general Delgado, teve uma longa conversa comigo, tendo a confirmação de algumas das suas análises, a comprovar o seu instinto de precisão e a sua compenetração das realidades. Falando na comparação com os outros movimentos anticoloniais, Agostinho Neto reconheceu que, dadas as condições de repressão interna que então existiam nas colónias portuguesas, a luta armada tinha que ser projectada a partir do exterior. Ora, neste caso, só Moçambique reunia condições para um movimento unitário, porquanto a ajuda só poderia vir de um país – a Tanzânia –, pois que o resto da fronteira com o Malawi, a Rodésia e África do Sul não era, por razões óbvias, propício à formação de grupos rivais.

O Governo português não seria suficientemente inteligente para criar a liberalização e condições para a criação de movimentos internos. Mas a Guiné-Bissau, com o Senegal e a Guiné-Conakry em lados opostos da situação

geográfica e da linha de opção ideológica, e sobretudo Angola, com fronteiras com o Zaire, Zâmbia e a Namíbia, prestavam-se a uma maior dispersão e diversidade que estariam na raiz de antagonismos fratricidas, entre os movimentos nacionalistas africanos, movimentos que, de forma remota e indirecta, se ligavam às diferentes correntes de interesses em jogo.

Esta análise viria a confirmar-se de maneira dramática com a evolução dos acontecimentos em África. Mas o colonialismo português não era o único alvo da luta do dr. Agostinho Neto e do MPLA. Durante os 13 anos de luta armada que desenvolveu em Angola contra os Exércitos de Salazar e Caetano, o MPLA teve muitos recontros, por vezes sangrentos, com os dois grupos rivais: a FNLA, baseada em Kinshasa, e a UNITA, que agia nas áreas do Sul, ao longo da fronteira com a Namíbia e a Zâmbia.

Significativamente, como se tem provado em anos recentes e por vários documentos publicados nos Estados Unidos, na Grã-Bretanha e noutros países (todos inimigos do dr. Neto), de uma forma ou de outra ou em diferentes alturas, foram ajudados pela CIA. As circunstâncias históricas, no entanto, haveriam de criar uma situação pela qual o Governo colonial português em Angola seria derrubado em 1974, não tanto por uma derrota militar em Angola, mas pelo efeito conjunto de natureza militar, económica e psicológica de 13 anos de lutas nacionalistas no império disperso.

Depois de Abril

Depois de Abril de 1974 e da Revolução em Lisboa, durante a transição do colonialismo para a independência e já depois do acordo de Alvor, transferindo o Governo para os três movimentos africanos em disputa, o MPLA teria, como se sabe, uma invasão da FNLA e de mercenários apoiados pela CIA, vindos do Norte, e, mais tarde, uma tentativa de invasão apoiada na África do Sul, vinda das regiões do Sul. Isto levou a um apelo à intervenção de tropas cubanas no que se considera uma das medidas mais controversas da história recente de África. É, no entanto, pertinente lembrar aqui que, quando da análise a que me referi e que me foi feita pelo presidente Neto nos anos pioneiros do princípio da década de 60, a ideia do dr. Agostinho Neto (que me foi repetida já depois de Abril de 1974) seria de procurar um entendimento com o Governo em Portugal de forma a que, apoiado o Governo do MPLA, houvesse uma frente unida contra a intervenção da FNLA e da UNITA que, no entender do dr. Agostinho

Neto, não representavam tão autenticamente os interesses do povo de Angola e contra as quais se podia comprovadamente mostrar o apoio da CIA e da África do Sul.

Portanto, a decisão do dr. Agostinho Neto em recorrer a Cuba aparece como uma alternativa à falta de visão, de cooperação ou de critério de sucessivos Governos em Portugal. Mais recentemente, como se sabe, o presidente Neto sobreviveu a um golpe de Estado, perpetrado por alguns dos seus antigos companheiros de luta, chefes militares e ministros, golpe que foi, como é do conhecimento público, debelado.

No entanto, a despeito deste início compreensivelmente convulsivo de uma nação em formação, a República Popular de Angola, com apenas quatro anos, estava em vias de atingir um grau de viabilidade política, económica e administrativa bastante apreciável. Isto era demonstrado pelo contínuo aumento de exportações de petróleo, ainda controladas pela companhia americana Gulf Oil, a recuperação na agricultura, na indústria e no comércio, incluindo o café, pelo aumento dos padrões de vida dos africanos. Em tempos mais recentes, principalmente durante este ano, as medidas que se estavam a tomar para reabrir as portas aos técnicos portugueses, que estão agora a chegar a Angola a um ritmo comparável à da deserção dos colonos brancos que abandonam a Rodésia-Zimbabwe, era também uma confirmação de que o presidente Agostinho Neto reconhecia que a formação de um país não se baseava apenas na determinação da luta armada ou da luta ideológica, mas na administração e na consolidação da estabilidade económica.

A biografia do presidente Neto, de uma situação de servidão colonial nos anos 20 a uma posição como estadista nos anos 70, pertence à história de Angola e ao processo de emancipação africana. É talvez significativo do seu espírito independente e do seu sentido de realidade que, embora Agostinho Neto tenha morrido em Moscovo, muitos políticos e diplomatas no Ocidente, incluindo Portugal, se mostrem apreensivos quanto ao facto de que, com a perda de Agostinho Neto, a causa da paz e entendimento internacional perdeu um grande amigo e forte defensor.

Adivinhar o futuro

Infelizmente, dada a condição de contingência em que Angola tem vivido desde a independência, o Governo de Angola demonstrava encontrar-se,

também, numa situação clássica de autoridade que se revelava, por exemplo, no controlo da Imprensa e dos meios de comunicação e noutros rigores que, de momento, representavam o sacrifício de direitos cívicos e de liberdades democráticas. Por esta razão, a Imprensa internacional e a diplomacia de vários países interessados não estão em situação de fazer, neste momento, mais do que especulação, melhor ou pior informada acerca dos problemas imediatos da sucessão do presidente Neto e da resolução do problema da ascensão de uma figura ou de um núcleo de políticos que possa continuar a obra de fundação nacional por si encetada.

Por enquanto, quem quer que pretenda ver ultrapassados os segredos de um aparelho de governo que se mostrava impenetrável não estará a fazer mais do que adivinhar. Esta situação faz do futuro um enigma e uma inquietação, embora seja, principalmente porque é lógico e natural deduzir que o MPLA se encontra agora no fogo cruzado de interesses e influências díspares e antagónicas, nomeadamente as que advêm da presença de forças cubanas num total de 20 mil homens, dos interesses da União Soviética e de outros países da Europa Oriental, e da remota influência, mas grande ansiedade de sobrevivência da África do Sul e das potências directamente interessadas no futuro da Rodésia-Zimbabue, do Sul da África de um modo geral e, claro, dos Estados Unidos e da comunidade de países ocidentais que se mostram apreensivos quanto ao que eles consideram ser a expansão da influência soviética no continente africano.

Será que o dr. Agostinho Neto vai para a história como um político que deixou uma obra inacabada, destino que, aliás, foi o de outros grandes dirigentes de movimentos de libertação, como, nomeadamente, N'Krumah, Lumumba e tantos outros heróis e mártires da causa da emancipação africana?

Será, portanto, natural que, na semana em que se realizaram os seus funerais, eu, como português e como amigo pessoal, prefira, sensatamente, lembrar-me de Agostinho Neto como lutador e o fundador da República angolana, o jovem poeta que sonhou com a libertação e que se esqueceu da poesia na sua dedicação pelo seu povo, e do companheiro de luta que não pertencia nem ao Oriente nem ao Ocidente, nem aos brancos nem aos pretos, mas à Humanidade.

Agostinho Neto suplantou o racismo quando como ginecologista esteve em contacto e assistência aos partos de tantas mulheres brancas pobres, manteve-

se casado com uma mulher discreta, mas dedicada de origem portuguesa e, através das suas experiências de prisão, de fuga, de exílio, luta, traição e governo, Agostinho Neto soube compreender que os homens não estavam divididos senão pela condição de classe, pelos vícios da cobiça e da ambição, e não pela sua condição natural que os faz partilhar da mesma vida, sofrimentos, dores e esperança.

Angola, a África e o Mundo perderam um grande homem, que não apenas escreveu poesia, mas que a vida foi ela própria um poema de humanidade, de dedicação e determinação. Agostinho Neto pertence à História, não pertence aos políticos.

Tempo, 20 de setembro de 1979, p. 3

A crónica de Manuel de Portugal*

A MORTE DE UM HOMEM

Não é pela porta da morte que se anulam as responsabilidades assumidas na vida. O desaparecimento de um homem, por doença natural ou maquiavelicamente assassinado por conveniência política de alguém, faz realçar as acções cometidas durante uma existência em que, com vontade própria e determinação consciente, se viveu entre o Bem e o Mal, elevando-se num ou degradando-se noutra. Não é pela porta da morte que esqueceremos as dores sofridas pelos Portugueses de Angola. Nessa terra distante, aviltada por um Neo-Colonialismo opressor, dizimada selvaticamente pelos insaciáveis apetites dos interesseiros e vorazes exploradores russo-cubanos, jazem no pó do esquecimento milhares de mortos que esta Pátria esqueceu, para se exaltar, agora, com farisaicas parangonas e hipócritas discursos, a figura de quem, na vida que viveu, os condenou à morte pelos caminhos da fome, da tortura e da desgraça de, num Continente Negro, se ter a pele branca e alma lusíada. Não é pela porta da morte que absolveremos Agostinho Neto. Recusamo-nos a aceitar, para os homens, o adágio simplista de “morto o bicho, acabada a peçonha...” Porque aos homens, como criaturas de Deus, se exige a Dignidade dum comportamento que muitas vezes não têm. Se deseja a solidariedade que muitas vezes não mostram. Se esmola uma compreensão que, muitas vezes, também, a seus iguais não concedem, por superiores se julgarem. Perdoar a Agostinho Neto as mortes que o MPLA cometeu contra os nossos irmãos angolanos seria o mesmo que absolver Hitler pelos bons sentimentos que nutria por Eva Braun, pelo seu cão Blondie ou pela música de Wagner.

Não o faremos, mesmo não sendo nada, nem ninguém, para o julgar na inteira plenitude das suas culpas. Deus o fará. Com justiça. E Amor. A mim, finito mortal vivendo na certeza de dúvidas, só dúvidas me ocorrem nas perguntas que nascem. Deu Agostinho Neto, ao povo de Angola, a faculdade de

* Pseudónimo de Henrique Maria Cordeiro de Penha Coutinho.

o eleger como chefe? Ou impôs-se pela injusta autoridade das armas, estrangeiras para mais? Transformou o indígena num homem verdadeiramente livre ou agrilhoou-o à castrada civilidade do cidadão submetido, obediente, medroso e controlado? Criou um Estado independente e forte ou deixou-se arrastar para um aventureirismo impensado que reduziu Angola à mísera condição de colónia da Rússia, ocupada militarmente pelos legionários cubanos, para submeter os seus próprios irmãos de raça, reduzindo-os às mais rastejantes formas da servidão humana e da opressão militar? Repartiu a riqueza duma terra rica, aumentou o bem-estar, incrementou o nível de vida, ou reduziu etnias inteiras à sobrevivência pela fome, ao dia sem esperança, ao amanhã sem futuro? Pacificou a nação, cumpriu acordos, respeitou vontades, ou rene-gou compromissos, atraçou amigos, ensanguentou uma guerra civil? Respeitou-nos a nós, Portugueses, homens do trabalho esforçado que lhe construímos o país ou considerou-nos, apenas, moeda de troca para chantagens sem honra, pagando-nos em ingratidão e escárnio as estradas que lhe rasgámos na selva, os minérios que escavámos no solo, os sertões que tornámos saudáveis por sacrifícios que soubemos sofrer, de avós a netos, para deixarmos obra que, se não foi de gigantes, foi, indubitavelmente, de homens de boa vontade e de poucos recursos? Aceitou-nos, a nós, Portugueses, latinos e brancos, numa sociedade nova e de direitos iguais, ou marginalizou-nos numa fúria racista, tornando-nos a vida impossível, nacionalizando-nos as empresas, roubando-nos os bens, em nome duma supremacia autóctone e apoiada, *manu militari*, pela mestiçagem cubana às ordens do Kremlin?

Que valores, que acções irá agradecer o Presidente da República no funeral de quem chefiou a morte de camaradas seus, assassinados à traição nas emboscadas terroristas que ceifavam vidas na angústia da noite? Que lutos, que dores irá Ramalho Eanes agradecer ante o cadáver dum homem que, pela sua vontade, pelo seu querer, mandou juncar de outros cadáveres uma Província outrora pacífica e onde angolanos brancos e negros haviam nascido de ventres por igual Portugueses indistintamente da cor? Ou irá Eanes, reverenciando-se em preto e gratidão, agradecer os estropiados que se arrastam nas nossas cidades e vilas, esfacelados pela mina que cobardemente deflagrou na picada, fornecida pelos russos e armada pelos guerrilheiros que Agostinho Neto com poder comandava? A morte de um homem dá-nos a dimensão da sua ausência. Do vazio deixado pela sua partida. Da excelência e da projecção da sua obra.

De Agostinho Neto, para os Portugueses, ficará uma recordação de sangue, de suor e de lágrimas, de traições e de mortes, de indignidades, de torturas, de sofrimentos sem fim. Na morte da figura negra de quem nos repudiou, relembro a imagem branca de Dom Francisco Maria da Silva, Arcebispo Primaz da Católica Diocese de Braga. Homem com agá grande e que, até morrer, lutou com o seu semelhante para que fôssemos livres e nunca viéssemos a ter, no sagrado espaço da Pátria, a afronta de suportar os legionários cubanos que, no Alentejo, os comunistas pensaram desembarcar para nos dominar de vez. Francisco Maria da Silva foi, para além dum Homem de PORTUGAL, um filho do Norte. Ninguém como ele compreendeu a alma do minhoto. Simples e séria. Submissa e sublime. Ninguém como ele, Pastor dum rebanho de Irmãos que eram livres, pregou a Liberdade para nos levantarmos como filhos de Deus, pregou a independência para continuarmos Portugueses com Pátria e não apátridas servis dum Comunismo que nos quer escravizar a uma Pátria alheia e diferente. Pela palavra e pelo exemplo, pela coragem e pela luta, pelo esforço e pela acção, irradiou no Norte a certeza de que não seríamos vencidos quando a onda da traição nos varreu, a cobardia nos paralisou e o oportunismo nos fez corar de vergonha.

Por bem andou o Povo do Norte, lágrima a lágrima, tostão a tostão, quando decidiu perpetuar no bronze a imagem dum Arcebispo que foi um combatente, Homem que no momento oportuno nos lembrou as viris atitudes dos primeiros bispos que empunharam o gládio contra os infiéis que nos pretendiam dominar nos alvares da nacionalidade. Mas, Portugueses, se uma estátua é a forma material de simbolizarmos uma recordação, julgo que, na grandeza de Deus, se não perdeu a semente que Francisco Maria da Silva tão generosamente lançou à Terra de Santa Maria. Morre o corpo. Cansado da batalha. Gasto no desgosto. Roído na doença. Persiste o Espírito. Perenizado no exemplo. Frutificando na palavra. A recordação da ausência dum Homem, com mágoa desaparecido na fria porta da morte, nos é mitigada pela continuação da Coragem, pela afirmação da Honra, pela ininterrupta sequência temporal duma Dignidade por que lutamos há séculos.

Contra a besta se ergue, novamente o gládio da Fé. Contra a tirania clamam e reclamam as novas vozes da Liberdade. Cimenta-se, na obra de Deus, renascem na eternidade do Espírito. Sobre as cinzas da transitoriedade duma fénix que é o nosso corpo limitado e fugaz. Com os olhos no Céu – e os pés bem

assentes na terra –, nos avisa a Igreja. Para, na Verdade serena, sentirmos que a Liberdade é um bem por que muito é preciso lutar. E se Francisco Maria da Silva foi o Homem de Deus no trágico momento da revolução, novas vozes se erguem para nos alertar, agora, contra os perigos do Totalitarismo, no ponto grave e apático duma evolução adormecida e cansada e em que, por desalento ou desleixo, espreita o inimigo o aniquilamento da Liberdade, aprisionando o corpo, encarcerando a alma. As corajosas declarações do actual Arcebispo de Braga, a lúcida homilia do seu Bispo-Auxiliar, as palavras sensatas e fortes do Arcebispo Resignatário de Lourenço Marques, as constantes e correctas tomadas de posição do Bispo do Porto, dão-nos a certeza de que a Igreja, a Hierarquia e a Luz, se não conformam na cómoda quietação de observadores indefesos, mas atentas estão, como intervenientes, numa luta que é de todos nós, e de que não podemos ter descanso até garantirmos que, de PORTUGAL, não faremos (como Agostinho Neto fez de Angola...) uma colónia dos russos.

Ao recordar Francisco Maria da Silva, ao registar a nobreza dos seus continuadores na Hierarquia Católica, exaltamos a indubitável certeza de que a Igreja se continuará a bater pela Dignidade do Homem, pela sua ascensão à Liberdade, pela reafirmação que não poderá ser escravo quem, dum acto de Amor, nasceu neste Vale de Lágrimas como um filho de Deus. A morte de um Homem, quando a sua obra persiste, a sua acção continua, a sua palavra ressoa, é a certeza da continuidade dessa dádiva maravilhosa que é a vida que temos. A morte de um homem, tirano ou libertador, desumano ou caritativo, é sempre uma semente de Esperança num Amanhã melhor, mais justo e mais digno. Ninguém nos vencerá. Nem russos, nem cubanos. Nem traidores, nem cobardes. Em cada Português, em cada coração, há um Norte que nos aponta o caminho. Da salvação. E da glória. Seremos Portugueses. Seremos livres. Seremos Homens. Ou não seremos nada. Morrendo vazios. De nós mesmos. Como Agostinho Neto...

Tempo, 20 de setembro de 1979, p. 3

ÓDIO EM VEZ DE AMOR

Händel de Oliveira

No regresso de uma viagem de oito dias pela Bretanha, a convite amável da AIR FRANCE e do departamento de Turismo do Governo de Paris, vimos encontrar Portugal cada vez mais radicalizado, em termos políticos. E não podemos deixar de lamentar que tal aconteça, na medida em que este fenómeno não significa que se tenha clarificado posições, mas antes que cada um ataque desbragadamente quem não pensa como ele e o critique em termos exclusivamente destrutivos.

Dois exemplos concretos: a resposta de um motorista de táxi, a quem perguntámos se tinha ocorrido algum facto de relevo no País nestes últimos dias; e a reacção que certos comentaristas tiveram (reconheça-se que em reduzido número) perante a morte de Agostinho Neto, presidente de Angola.

O motorista de táxi foi concreto e objectivo: “Não se passou nada a que não estejamos infelizmente já habituados. Os preços voltaram a subir, muito embora os responsáveis tenham logo reconhecido que este novo sacrificio pedido ao povo não vai resolver nada, os partidos continuam a insultar-se uns aos outros e Portugal continua a afundar-se cada vez mais. Isto só se salva com uma ditadura militar rigorosa, que acabe com os partidos e volte a pôr os portugueses a trabalhar, castigando severamente todos os que só pensam em ganhar mais, em ter mais férias e em fazer greves e em participar em plenários e comícios. E podem dizer que sou fascista por pensar assim que não me importo nada. O que toda a gente reconhece é que todos os partidos, desde o dos comunistas ao dos centristas, só têm é procurado defender o «tacho» sem se importarem com os problemas do povo.”

A morte de Agostinho Neto, por sua vez, chegou a ser recebida com regozijo declarado por certos cronistas, em contraste flagrante com a forma como, por exemplo, o jornal francês de extrema-direita *L’Aurore* tratou o acontecimento – limitou-se a dar a notícia objectivamente, sem comentários e referindo

que pela primeira vez um Presidente da República de Portugal visita Angola depois da independência. Isto não significa que esqueçamos os crimes cometidos sob a responsabilidade de Agostinho Neto ou que nos solidarizemos de qualquer forma com a sua actuação, ou que compartilhemos da opinião de que “depois de mortos todos são bons e devemos esquecer os erros que cometeram”. Como nos ensinou Óscar Pacheco – “lá por ter morrido não deixou de ser um grande malandro...”. Ou seja: não é por ter deixado de pertencer ao número dos vivos que ganha o privilégio de não ser criticado.

O que estes dois exemplos demonstram é que esta radicalização não resolve nenhum problema nacional e que só está a servir para implantar o ódio na sociedade portuguesa. Ódio em vez de Amor.

Tempo, 20 de setembro de 1979, p. XII

AGOSTINHO NETO

Vítor Pereira

Poeta, médico e Presidente da República, Agostinho Neto deixou Angola e o mundo num momento em que importantes transformações se preparavam, quer a nível de política interna, quer a nível de relações externas. Pressionado pela força soviética em consequência de uma guerra civil que só pôde vencer mercê da ajuda recebida do chamado bloco Leste, Agostinho Neto assistiu, com o coração magoado – estamos crentes –, à ocupação da Pátria, que tanto amou, por estranhos que prolongaram e acentuaram a exploração e tortura sobre o seu povo.

Impotente para travar a escalada da referida ocupação, Agostinho Neto terá tentado, como agora nos informa o *Washington Post*, encontrar apoios externos, havendo, inclusivamente, solicitado ao Presidente da República portuguesa o seu apoio para a substituição das tropas cubanas por tropas portuguesas e, ainda, admitindo a hipótese, levantada por Giscard d’Estaing, de substituir tão nefandos ocupadores por forças militares constituídas por soldados de países verdadeiramente empenhados na manutenção da paz e do progresso de Angola.

Outras fontes diziam, também, que, muito recentemente, Agostinho Neto havia manifestado a vontade de se encontrar com Jonas Savimbi, para com este tentar chegar a um acordo que poupasse os angolanos à continuação da guerra.

Assim, com a morte de Agostinho Neto, fica posta em causa a continuidade dos planos por ele traçados, assumindo-se agora como preocupação primeira de todos os que prezam a democracia, conhecer a personalidade daquele que foi o Primeiro Presidente do MPLA e, ainda, juntamente com Eduardo Mondlane e Amílcar Cabral, o defensor de relações privilegiadas entre as ex-colónias e Portugal.

Nascido em Kaxicane, aldeia próxima de Luanda, a 17 de Setembro de 1922, filho de professores, pai de dois filhos e casado com uma portuguesa, Agostinho Neto experimentaria as prisões do ex-regime até que, em 1962, assume, em Kinshasa, a presidência do MPLA.

Enquanto prisioneiro político, Agostinho Neto foi alvo de campanhas internacionais a favor da sua libertação, as quais foram conduzidas, em 1957, por intelectuais de grande projecção, como são os casos de Jean-Paul Sartre, André Mauriac, Aragon, Simone de Beauvoir, Nicolás Guillén e Diego Rivera.

Diário de Notícias, 21 de setembro de 1979, pp. 13-14

O ESPÍRITO DE BISSAU APÓS A MORTE DE AGOSTINHO NETO

Diogo Pires Aurélio

Por mais problemática que seja, pelo menos para o exterior, a sucessão do Presidente angolano, será pouco provável que as circunstâncias permitam um retrocesso na via da aproximação com Portugal

Mais do que em qualquer outro país do Ocidente, a notícia da morte do presidente angolano Agostinho Neto encontrou em Portugal um eco dificilmente explicável se tivéssemos apenas em linha de conta a morte de um chefe de Estado estrangeiro. Razões de vária ordem contribuíram e explicam que assim fosse e que o general Ramalho Eanes, traduzindo esses e talvez outros motivos, se tenha deslocado pessoalmente a Luanda para assistir às cerimónias fúnebres em honra do fundador do MPLA e da República Popular de Angola.

Por diferentes modos e com diversos objectivos, tem sido sublinhado, ao longo da última semana, a dimensão humanista, cultural e política do falecido presidente. Amigos e inimigos têm-lhe prestado essa homenagem, uns porque rendidos ao alcance da obra a que metera ombros, outros, talvez, para daí deduzirem o tamanho nas responsabilidades que lhe atribuem. É natural que também isso tenha a ver com a decisão de Eanes se ter deslocado a África e decretado três dias de luto nacional. Mais do que natural, seria compreensível e justo. Não se pode, todavia, aferir deste gesto do Presidente da República, decidido num momento em que a sua imagem política se vê ameaçada de vários lados, apenas pelo culto, particular ou público, que ele demonstra em relação a uma figura a quem, porventura, se criticam algumas atitudes. Pelo contrário, é a própria cena política interna, onde o Presidente da República se vê confrontado com os ataques da maior parte dos partidos que o elegeram e que são, precisamente, os que menos simpatias terão por essa figura carismática do extinto “leader” africano, que nos obriga a situar a questão muito mais em termos de Estados do que de simpatias pessoais.

Acontece que as relações entre os Estados de Portugal e de Angola têm sido vítimas de uma certa ambiguidade sobre o limite onde acabam os interesses pessoais ou as circunstâncias políticas e começam os interesses de Estado. Da parte portuguesa, houve, primeiro, o “complexo de colonizador” que levou ao pressuposto de que a normalização das relações estaria dependente de uma convergência política, senão mesmo ideológica; logo a seguir, caiu-se no extremo oposto de classificar um tal “complexo” como uma continuação dos reflexos antieuropeus do antigo regime. Ao que parece, tanto uma como outra acabaram por servir muito mais os interesses partidários ou pessoais que propriamente o País. Mas da parte de Angola, a política seguida em relação a Portugal não teve melhores resultados nem talvez se guiasse por objetivos politicamente mais claros.



O Comércio do Porto, 12 de setembro de 1979, p. 10 – Ramalho Eanes e Agostinho Neto em Bissau, em 1978

Fosse por que razões fosse (e não será difícil adivinhá-las), o certo é que também da parte da antiga colónia houve, durante largo tempo, uma preocupação muito maior em cultivar aqui amizades fáceis, porque ideologicamente secundadas, do que em desbloquear os difíceis caminhos que se abriam nos contactos entre duas nações com um passado recente de guerra aberta e com um presente em que não seria difícil prever as profundas diferenças de natureza geoestratégica e política.

Uma tal situação só começou a alterar-se quando os presidentes dos dois estados se encontraram há pouco mais de um ano, em Bissau. Com os acordos então assinados, não se encerrou totalmente o contencioso que existia e, em parte, continua a existir. Mas criaram-se os quadros legais e o clima propício à sua resolução. Agostinho Neto e Ramalho Eanes comprometeram-se nessa tarefa em que o Presidente português se fazia acompanhar pelo então ministro dos Negócios Estrangeiros que, significativamente, era o centrista Sá Machado. Pela primeira vez, procurou-se, nessa data, estruturar as boas relações assumindo as inultrapassáveis diferenças. E os resultados, talvez ainda modestos para aquilo que conviria ao interesse de ambos os países, não se fizeram esperar.

Chegou-se, agora, com o desaparecimento do presidente angolano, ao momento de testar o alcance dos documentos então assinados e a vontade política então afirmada. E essa é a verdadeira interrogação que, do ponto de vista das relações luso-angolanas, a morte de Agostinho Neto deixa no ar, não obstante o general Eanes se ter apressado, no regresso de Luanda, a garantir que, pelos contactos que acabara de ter, “podemos convictamente esperar que o futuro venha a intensificar essas relações”.

Convictos ou não nesse futuro, temos de admitir como uma verdade dificilmente questionável, dentro da lógica política, que só uma mudança radical na evolução angolana poderia, neste momento, aconselhar os sucessores de Neto a um retrocesso na via da aproximação com Portugal. Com efeito, seja qual for a “interpretação” que venha a ser feita da doutrina do falecido presidente, só por irrealismo se poderiam recusar passos que, sem implicarem um preço político de qualquer espécie, poderão, a curto prazo, ter reflexos bastante positivos na recuperação do país e da sua imagem no estrangeiro.

O Dia de Amanhã, 22 de setembro de 1979, p. 11

Angola depois de Neto

A URSS EM VIAS DE PERDER PARTE DA SUA INFLUÊNCIA

• “Eles assassinaram Netinho” – ouvia-se nas ruas de Luanda

A União Soviética, que fez de Angola um dos pontos fortes da sua penetração em África, parece aos observadores diplomáticos em Luanda estar em perigo de perder uma parte da sua influência.

Contudo, em Moscovo devem regozijar-se com a escolha do sucessor de Agostinho Neto, feita pelo comité central do MPLA (Movimento Popular para a Libertação de Angola). José Eduardo dos Santos (37 anos), novo Presidente da República, chefe do Governo e presidente do partido único, é casado com uma soviética e passa por ser um dos principais defensores da amizade entre Moscovo e Luanda.

Mas existe um mal-estar entre a URSS e Angola, a que não são estranhas as condições da morte do antigo presidente, na sequência duma operação em Moscovo. “Eles assassinaram Netinho, o nosso presidente”, ouvia-se dizer na multidão, durante a passagem do cortejo fúnebre de Agostinho Neto, na segunda-feira em Luanda. E embora tal impressão não seja partilha pelos altos dirigentes do regime angolano, lamenta-se publicamente a “precipitação” com que os soviéticos decidiram operar o antigo presidente angolano.

Posição provável a favor de Tito

O corpo de Agostinho Neto foi reexpedido para Moscovo, para a realização do embalsamamento, diz-se em Luanda. Mas não foi dada qualquer informação oficialmente, para não encorajar reacções populares previsíveis, acrescenta-se.

A fraqueza da representação soviética nas exéquias – um dos 16 vice-presidentes da URSS – traduz, além disso, um certo descontentamento da URSS

relativamente ao seu aliado africano. Agostinho Neto não era um aliado fácil, e várias das suas últimas decisões tomadas antes da sua morte não foram, segundo parece, apreciadas em Moscovo.

Lopo do Nascimento, o mais pró-soviético dos dirigentes angolanos, perdeu o seu lugar de primeiro-ministro. Os três principais dirigentes dos “serviços especiais” (a “DISA”), pró-soviéticos, foram igualmente substituídos. Numerosos comissários municipais (ao nível de superministros) perderam o seu lugar.

Por outro lado, Agostinho Neto não cessava de denunciar “a pequena burguesia” apoiada pelo “fraccionismo”, cuja última manifestação foi uma tentativa de golpe de Estado pró-soviético malograda, em 1977. Por último, Agostinho Neto, que não pôde deslocar-se a Havana para a conferência dos não-alinhados devido ao seu estado de saúde, devia tomar partido publicamente em Havana, afirma-se em certos meios angolanos, a favor da tese do marechal Tito, contra a de Fidel Castro.

A presença cubana

Porém, os limites do desmarcamento de Angola relativamente à URSS estão claramente patentes. Os novos dirigentes angolanos reafirmaram que serão fiéis aos princípios do marxismo-leninismo e que prosseguiriam a tarefa do presidente Agostinho Neto, para o socialismo e a instauração dum verdadeiro poder popular.

“Não se pode ser marxista-leninista contra a URSS”, declarava em particular, após as exéquias de Agostinho Neto, um responsável angolano. Além disso, Luanda deve ter em conta a presença de 15 000 conselheiros e militares cubanos, cuja presença é ainda necessária para manter a segurança de Angola no Sul, contra a UNITA e a África do Sul.

Ao perder Agostinho Neto, Angola perdeu um dirigente pragmático capaz de resistir às pressões dos seus aliados. O próximo congresso do MPLA, em 1980, ao confirmar ou corrigir a nomeação de Eduardo dos Santos para presidir aos destinos do país, dará uma indicação essencial quanto à possibilidade, para os soviéticos, de continuarem a contar ou não com Angola.

N.R. – Não se poderia de certo esperar que aquilo que se tornou evidente para os observadores diplomáticos e para os jornalistas da France Press

presentes em Luanda, e a quem se deve o artigo que por esta agência nos foi enviado e que transcrevemos, fosse também ouvido, visto e relatado pelos jornalistas portugueses enviados às exéquias de Agostinho Neto, pela Imprensa, Rádio e Televisão, alguns dos quais, que não embarcaram sem o consentimento da embaixada angolana em Lisboa ou mesmo por ela designados, se preocuparam mais em encontrar uma justificação para o regime a que Neto presidia do que dar uma imagem daquilo que sob os seus olhos decorria.

Recordamos uma frase ouvida na TV: “As centenas de milhares de angolanos que aguardavam o corpo de Agostinho Neto constituíram como que o referendo que por alguns tinha sido desejado”.

Editorial

ANGOLA SEM AGOSTINHO NETO

Orlando Romano

Eis que Angola tem agora o seu segundo chefe de Estado na pessoa de José Eduardo dos Santos, proclamado sucessor imediato de Agostinho Neto até ao próximo Congresso do partido no poder. Assim vai Angola, internacionalmente conduzida por timoneiros bem treinados, rumo ao socialismo do tipo soviético se, como se presume, os dirigentes do partido continuarem a aplicar as directrizes traçadas pelo primeiro presidente que foi a sepultar, como solenemente juraram em momento fortemente emocional. Contudo, um mundo de interrogações se nos levanta, como sempre que desaparece da cena política um chefe que uma parte significativa do povo considerava carismático, porque sabemos da história que os carismas, quando existem, são meramente pessoais e que, como todas as restantes características das pessoas concretas, não se transmitem por meio de simples eleição.

Grandes nações, com efeito, conheceram ao longo da sua vida histórica líderes carismáticos que levaram consigo para o túmulo tudo o que eram e, por vezes mesmo, tudo o que representaram, e por isso é lícito interrogarmo-nos se Angola irá continuar a ser o mesmo Estado que vinha sendo sob a orientação do homem que os factos da história (que são mesmo factos) transformaram em fundador da nacionalidade angolana.

Esta nossa interrogação só terá resposta no futuro, bem o sabemos e ao fim de um tempo cuja extensão ignoramos. Contudo, entristece-nos verificar que aquilo que nos vem de Angola contém indícios de que o seu rumo está a ser, relativamente a nós, talvez corrigido para pior num aspecto que nos é caro: a interpretação da história da nossa presença colonizadora de um modo desapassionado, agora que definitivamente deixámos os europeus de senhores de meio mundo.

Com efeito, na semana que terminou, um diário da capital publicou um extenso documento preparatório do próximo Congresso do MPLA – Partido do Trabalho que apenas contém referências negativas quanto à nossa acção histórica e de onde não consta nenhuma alusão a qualquer aspecto positivo que, inevitavelmente, também deveria ter existido. E lamentamos não só porque a história lida assim é deturpada, mas ainda porque o falecido primeiro Chefe do Estado de Angola encontrava sempre maneira de atribuir algum valor a muitos aspectos da colonização portuguesa.

Entendemos que o anticolonialismo possa ter sido útil enquanto foi necessário lutar pela independência, mas consideramos que ele será um grande entrave ao incremento de uma cooperação que é constantemente solicitada. E, por mim, que vivi em Angola alguns dos meus melhores anos, confesso que gostaria de ver imitado Agostinho Neto neste ponto.

O Primeiro de Janeiro, 28 de setembro de 1979, p. 1 e última

A MEMÓRIA DE ALVOR

Adriano Moreira

É absolutamente respeitável que cada um venere os seus mortos, assim como nada há que opor a que cada facção queira ter os seus mártires privativos e os povos decidam quem são os seus heróis. Mas não se encontra fundamento para que este respeito pelas opções alheias implique a obrigação para cada outro homem, facção, ou povo, esquecerem os seus mortos, esquecerem os seus mártires e silenciarem os seus heróis.

Todos os Portugueses poderão facilmente desejar que Angola venha a ser um grande país de expressão portuguesa, com a certeza de que nunca será o Brasil, mas não poderão esquecer, nem sequer nesse dia incerto de futuro júbilo, que ali está um cemitério de portugueses, de sonhos portugueses, de esforços tenazes portugueses, e também de alguma da dignidade portuguesa.

Até os que acreditam que os Portugueses desenvolveram durante séculos uma actividade colonizadora injusta, e alguns anos de guerra que não consideram ter sido imposta, esses mesmos com mais razão não poderão deixar de concluir que ali está nesse caso um cemitério de mártires portugueses.

O facto de morrer o presidente da República Popular de Angola, e de os costumes internacionais e as conveniências dos negócios do Estado poderem até impor as homenagens de estilo para tais circunstâncias, não justifica que o cumprimento desses frios deveres internacionais seja feito em termos de parecer esquecer que a glória que os angolanos reivindicam é deles, tem a medida que lhes pareça, e não se confunde com os nossos sacrifícios, com os nossos erros, com os nossos acertos. Acontece que a terra que lhes pertence é um cemitério nosso de há muito tempo, com a novidade recente de haver razão para chorar os nossos mortos, e de estarem vivos centenas de milhares de portugueses para os quais esses mortos ainda estão na dor presente, na lembrança constante, na falta permanente.

É por isso que as homenagens prestadas pelas variadas facções junto do esquife do presidente desaparecido, nos termos que decorreram, longe de servirem a reconstituição de um consenso nacional que anda esfrangalhado, apenas serviram para evidenciar que o interesse nacional continua frequentemente sem uma voz tribuniária que, ao falar por ele, cale todas as vozes facciosas.

As homenagens exprimiram sobretudo as inquietações das forças que na reunião do Alvor, de onde saíram os acordos da descolonização que ninguém cumpriu, desencadearam as graves consequências de que, até hoje, apenas um interveniente sem legitimidade admitiu assumir responsabilidades. Esta inquietação das facções, cada uma procurando o respaldo de uma organização internacional e não do consenso português, tem fundamento que apenas a elas toca.

A tomada do poder em Angola pela fraca organização revolucionária que o defunto presidente liderava foi uma imposição em total desacordo com os proclamados princípios da ONU, com os princípios do Programa do MFA, com a representatividade de outras tendências, e sim em total acordo com o plano estratégico mundial soviético, que ali jogou e ganhou um dos seus lances mais afortunados.

Por muito que desagrade a tais facções, é facto certo que nessas regiões a personalização do poder é estrutural, que o enquadramento possível tem recursos humanos limitados, que a produção de lideranças é escassa, que a perda de um homem público é um duro prejuízo, que a reposição de uma chefia de total confiança é um problema de solução difícil e vital. Em redor da urna presidencial, aquilo que mais se viu foi a reconstituição da reunião dos vencedores de Alvor, com as suas preocupações privadas, apenas com a novidade de um dos participantes ter morrido.

A comunhão patente foi na recordação de soluções em que nessa data colaboraram, e as palavras sublinharam o êxito da execução levada a cabo. Por isso não estavam lá os excluídos do real projecto cuja implementação sofreu agora o percalço que a vida reserva a todos os homens.

Que a luta pelo poder é inseparável desta mistura de escondidos enganos e proclamadas boas intenções, parece um facto com o qual será sempre necessário conviver. Que as facções cuidem da sua defesa, corresponde a um instinto de conservação que decorre da natureza das coisas. Mas para quem admite que existe um interesse diferente e acima dos interesses dos grupos, que

é o interesse nacional, os dois planos não devem misturar-se, e o segundo não pode ser contaminado pelo primeiro.

Em Angola existe um interesse nacional português de aproximação, de colaboração, de entendimento para o futuro. Mas isso não justifica que se esqueça ou minimize o passado que é nosso, como não exige que se peça aos Angolanos que o façam para o passado que é deles. O que se espera de ambas as partes, e dos seus representantes, é que meçam, com a frieza dos estadistas, a conveniência e a possibilidade de um futuro comum. Para esse efeito não são as vozes das facções de Alvor que podem tomar a palavra. A palavra pertence a quem exercer legitimamente a função tribuniária em nome de Portugal, com a segurança e lucidez suficientes para em nenhum momento esquecer que está no exercício dessa função. Se as exéquias de Luanda foram um exercício nesse sentido, o exercício não foi satisfatório. Diz-se assim porque as coisas não melhoraram com palavras duras. Também é certo que as palavras suaves não lhe retiraram a gravidade.

O Dia de Amanhã, 29 de setembro de 1979, p. 3

ALVOR EM LUANDA

Adriano Moreira

As cerimónias fúnebres de Luanda, causadas por uma morte de homem que afecta mais as forças internacionais em competição do que o povo de Angola, proporcionaram uma imagem viva da inquietante situação em que se encontra o consenso nacional português.

Que as forças internacionais se preocupem é explicável, porque a chegada do primeiro Presidente de Angola ao poder foi uma resultante ocasional no perigoso jogo que aquelas desenvolvem, não foi a consequência da proeminência da capacidade guerreira da pequena organização partidária que chefiou nem de uma demonstrada representatividade.

Por muito que isso desagrade aos terceiro-mundistas, o fenómeno político tropical anda ainda extremamente ligado a chefias ocasionais, à transitoriedade dos líderes disponíveis, à escassa possibilidade de recrutamento. A morte de um homem ligado ao aparelho político instalado representa sempre uma perda considerável, porque a produção de dirigentes não é avultada.

A frágil implantação de uma moral de responsabilidade, correctora das paixões ideológicas e dos impulsos individuais, torna frequentemente imprevisíveis as reacções de estruturas onde a luta pelo poder é o valor dominante.

As forças internacionais que conseguiram ganhar aquela batalha de uma guerra que continua e entregou o poder à pequena formação que o defunto Presidente dirigia, sabem que a continuidade do esquema depende em muito da substituição que consigam, e que a gama da escolha é limitada.

Que os representantes dessas forças tenham corrido apreensivos para Luanda, é um movimento instintivo de segurança, e também não se deve minimizar, do ponto de vista da imagem pública desejada, que essa inquietação política possa dar, aos gestos dos presentes às cerimónias fúnebres, uma expressão que se distingue mal da consternação causada pelo desaparecimento dum amigo e companheiro. Os dois sentimentos podem coexistir e ter expressão num só

comportamento, com o mesmo gesto ritual a prestar dois serviços, o da vigiância dos interesses das facções e o da manifestação de pesar.

Não é realista imaginar que o segundo é o mais importante para responsáveis de movimentos políticos em luta, e que a comunhão perante o mistério da morte é que faz correr o pessoal político, de várias tendências interessadas, para a beira da mesma urna.

O morto continua a ser um valor político no tabuleiro dos interesses contraditórios que permanecem em luta, e a imagem dele que cada uma das facções tenta exprimir em discursos de circunstância é função dos objetivos que procuram atingir, não é um ensaio biográfico assente na realidade.

É por isso que os políticos, cuja imagem pesou no processo social, morrem muitas vezes e ressuscitam de tempos a tempos, conforme as conveniências ocasionais da competição. Os retratos andam numa corrida de tira e põe, e os nomes pelas esquinas das ruas giram num rodopio de escreve e apaga. Este facto, que é de sempre, tornou-se rotina na estratégia conduzida com critério leninista-estalinista, e tem expressão editorial nas versões das enciclopédias oficiais de serviço. Os verbetes crescem e mingam ao sabor das necessidades dos ocasionais detentores do poder, aparecem e desaparecem conforme as exigências ocasionais de quem manda, e talvez uma preocupação de economia leve a manter arquivados os originais de cada uma das versões, porque nunca se adivinha quando é que voltarão a ser necessários e úteis. O morto presta o último serviço de ficar ao dispor, e transforma-se numa coisa de ninguém à espera do ocupante mais ágil e afortunado.

Que o Ocidente mostre um acelerado pendor no sentido de também adoptar este pragmatismo e que os seus representantes corram como os outros para cada enterro, com a pressa de implantar um discurso como quem consegue a posse de um baluarte, não é dos sinais menos inquietantes de uma degradação do legado dos valores da nossa cultura.

Pelo que a Portugal respeita, as cerimónias fúnebres de Luanda foram mais uma revelação da desagregação em que se encontra o consenso nacional. O que domina não é um projecto nacional, representado por autoridades institucionalizadas, e que friamente devem cumprir os rituais internacionais para salvaguarda dos interesses do Estado. O facto, que não deve ser omitido, é que as nossas relações internacionais andam dissolvidas em projectos sectoriais e

ideológicos, sempre que possível a cavalo de internacionais que apoiam a sua hoste local.

Estamos a fornecer matéria de facto no sentido de apoiar os que sempre doutrinarão que as relações internacionais não decorrem entre países, desenvolvem-se entre pessoas que conseguiram ocupar o aparelho do poder ou que lutam para expulsar os captivos felizes.

Nas exéquias angolanas estavam atentos e interessados, mas de costas voltadas uns para os outros, vários projectos que se propõem capturar o poder no rectângulo europeu, cada um procurando o direito exclusivo da legitimidade revolucionária. Numa perspectiva a curto prazo, porque de interesses maiores pouco se falou, o que ali esteve representado foi sobretudo o próximo debate eleitoral, com cada uma das formações a reclamar para si o peso revolucionário internacional que a recordação do Presidente morto possa ter. Por isso é que nem os discursos dos investidos em funções oficiais referiram nada que tenha a ver com a História de Portugal naquelas terras em geral, e com a sua relação com a vida do desaparecido em particular, antes, pelo contrário, organizaram uns dizeres que não guardam conexão com os factos, porque todos estão vinculados às conveniências da luta em curso e dos projectos declarados ou reservados que a orientam.

O cumprimento dos deveres de cortesia internacional não comporta tanto esforço. Os interesses nacionais recomendariam a sobriedade que pode silenciar os erros e a derrota, mas que não os substitui pelo entusiasmo. O respeito pela verdade histórica, impediria tudo. A convergência de projectos, em Luanda, cada um com a sua diplomacia, foi uma espécie de reconstituição da reunião dos vencedores de Alvor, à volta do esquife de um dos participantes. Uma ocasião de fazer o balanço do caminho andado e de meditação sobre a quem de facto pertencem as responsabilidades pelo que depois se passou à margem de tudo o anunciado. Os interesses dos protagonistas não variaram sensivelmente. Só aconteceu, de novo, que um deles morreu. Porque não tem qualquer novidade verificar que a vida continua, que a luta permanece, que as facções se mantêm, e que o consenso nacional não renasce.

Ora, parece de primeira evidência que sem um consenso reconstruído nada de verdadeiramente português poderá crescer, e continuaremos num debate de projectos que, em vez de serem complementares, são incompatíveis e exclusivos. Um tal estilo de anunciar o futuro não faz qualquer apelo ao

consentimento, ameaça com a imposição na primeira oportunidade. A ostensiva celebração de um golpe bem sucedido não faz acreditar na mudança de método nem chama pela confiança em que assenta o serviço de todos a favor do interesse geral.

A primeira contagem que provoca é a do grupo dos excluídos, que passaram por Alvor mas estão nas matas, e que ninguém estranha que se considerem ameaçados.

Há momentos no processo político em que, por amor ao bem comum, apenas pode falar a voz que exerça legitimamente a função tribuniária do povo como unidade real em marcha na aventura da História. O serviço das facções é, nessas ocasiões, omitirem-se, calarem-se, tornarem-se humildes, e desse modo colaborar. Fazer exactamente o contrário é comprometer o entendimento das gerações vivas e impedir que a paz real faça parte da herança das gerações futuras. Quanto maior for a crença na dialéctica, menos necessário parece querer alargar o legado dos conflitos, porque faz parte do dogma aceitar que a natureza das coisas trata disso sem ajuda. Os que acreditam que a vontade dos homens tem um papel a desempenhar na construção do mundo, não podem aprovar os esforços que se dirigem sistematicamente no sentido de reabrir as feridas, apelar para o ressentimento, quando é o interesse de todos que está em causa, especialmente o das gerações futuras obrigadas a assumir um passivo, sem facilmente poderem imaginar que tudo só não é diferente porque muito poucos não quiseram.

O Diabo, 2 de outubro de 1979, p. 11

AS LÁGRIMAS DO PRESIDENTE

A imprensa portuguesa de diversos quadrantes publicou ou comentou de foma variada uma curiosa fotografia do Exm.º Sr. Presidente da República frente ao cadáver de Agostinho Neto. Parte dessa imprensa legendou a foto de modo a insinuar que Sua Excelência abafava com um lenço lágrimas de comção. Até à data não nos foi dado observar desmentido algum por parte dos serviços da Presidência, pelo que nos parece legítimo analisar a aludida interpretação da atitude do nosso primeiro magistrado.

Confesso que a minha primeira impressão ao ver a coisa foi totalmente favorável a Ramalho Eanes. O homem constipou-se, coitado, pensei cá na minha boa-fé. Eu por mim sou alérgico a determinadas coisas, como, por exemplo, o pólen de certas flores e quando vejo um cravo desato logo a espirrar que nem gente grande. Podia ser o caso. Dizem-me também que militares houve que regressaram de África com rinites por catinga de preto morto, sobretudo aqueles “rapazes” encarregados dos interrogatórios aos prisioneiros turras. Gente amável e sensível contrai moléstias por dá cá aquela palha. Por outro lado, S. Ex.^a podia muito bem ter entalado no dente algum naco de bife da refeição anterior e nada mais natural que cobrir a face com um lenço a fim de proceder em recato a uma operação de limpeza bucal com a unha, dado o bem conhecido incómodo que representa um corpo estranho entre molares. Obriga, em geral, a uma série de manobras infrutíferas com a língua, que em regra provocam uma abundante produção de caretas, convenhamos que pouco desejável, dadas as características do local e da missão. E por que não estaria S. Ex.^a disfarçando o melhor possível um pouco diplomático mas humaníssimo bocejo? Sabemos bem que nada mais chato que os velatórios, sobretudo quando nenhuma afinidade ou amizade nos ligam ao defunto ou à família. É de deslocar os queixos. Até podia ter acontecido, caso frequente como todos sabemos, que devido ao natural nervosismo característico das câmaras-ardentes, algum jocoso de mau gosto tivesse produzido comentário hilar e soez, capaz de desencadear uma reacção de riso nervoso que prontamente haveria que abafar com um lenço, quem sabe se com um pseudo-ataque de tosse com lágrimas e tudo. “Très

chic”, diríamos mesmo, e próprio de quem tenha *esperto na cabeça*. Mas há mais. A descompressão sofrida pelos recém-chegados das viagens de avião causa muitas vezes a súbita saída de gases pela boca, gases gástricos desagradáveis ao olfacto e largamente perceptíveis na forma do vulgar arrote, sendo um lenço, delicadamente perfumado, uma forma de lhes amortecer o estrondo e o cheirete, muito em voga nos salões. Por outro lado, o lenço na boca e no nariz também nos defende do mau cheiro. Ora, quem sabe a que fede um tipo daqueles depois de mortinho da costa? Talvez o célebre lenço fosse ainda a única forma de não vomitar no esquite.

Seja como for, lágrimas das puras, das autênticas, das que se choram de comoção pela morte de um ente querido, é que não podiam ser com certeza. Primeiro, porque Ramalho Eanes não era amigo pessoal de Agostinho Neto ou se o fosse era-o de curta data e escassíssimo contacto. O contrário está fora de hipótese, pois não podia haver ligação entre os dois homens durante a guerra e, se a tivesse havido, tal seria gravíssimo. Segundo, porque um presidente da república competente não chora publicamente por conta própria, porque tudo quanto faz publicamente é por conta do País. Terceiro, porque se ainda se pode aceitar, embora com relutância, que Portugal, representado por Ramalho Eanes, fosse ver enterrar Agostinho Neto, é perfeitamente inconcebível que a esta velha Pátria viesse a caber o insólito papel de carpideira do ex-terrorista, a quem se deve a morte ou a tragédia de tanto português, quem sabe se do próprio Portugal.

Francamente, francamente, não será preferível alinharmos por qualquer das hipóteses que acima enunciei? Vamos pelo arrote, senhores, e ponto final no assunto.

V. Homenagens

E PEDI-LHE PERDÃO*

Só uma vez falei com Agostinho Neto, quando a Associação Portuguesa de Escritores recebeu no Loreto esse heróico poeta-combatente sem dúvida um dos homens mais singulares da metade do século XX.

Como nessa altura, por honra minha, presidia à Direcção da APE, não tive outro remédio senão saudá-lo com um daqueles meus discursos que tanto temo e em que me enrolo e desenrolo, dispersando-me e esquecendo exactamente o que devia dizer, resolvi falar de poeta para poeta, embora naquela sala ele fosse o maior de nós todos, porque os seus versos de combate não se tornaram névoa, mas afiavam lanças nas palavras com que acordou um povo.

E de poeta para poeta, disse-lhe (e ele entendeu). Primeiro de que me orgulhava da glória de ser português, esse estranho Homem que depois de ter descoberto mares, terras e gentes novas, não receou (ah! e como outras palavras terríveis choravam então ocultas nas palavras!) de exportar escravos, sobretudo arrancados às paisagens da sua pátria. Uma coisa horrível e sórdida (continuava eu de poeta para poeta), mas que teve este condão que sucede sempre onde há negros com auroras a nascerem na pele: o de levarem para toda a parte onde vão trabalhar e sofrer, canções, ritmos e danças de que descendem agora os novos ritmos, as novas danças e canções que hoje dominam o mundo.

E, de poeta para poeta, pedi-lhe perdão.

Mas embora me entendesse Agostinho Neto naquele momento não queria ser poeta, mas político apenas. E (todos o notámos) triste e levemente abatido, já talvez ciente da 2.^a guerra civil angolana que se aproximava, a sua voz vibrava:

“Amigos, temos de travar uma luta sem tréguas com o Imperialismo!”

E travou. E venceu.

Oxalá os que herdarem o tremendo peso histórico de virem a ser os futuros Camaradas-Presidentes de Angola, estejam à altura de Agostinho Neto e, sobretudo, que façam versos! Porque ai do político que não faça versos, não pinte

* Publicado também em *África: Literatura, Arte e Cultura*, Vol. II, n.º 7, janeiro-março de 1980, pp. 224-225 e em AA.VV. – *Um postal para Luanda*. Lisboa: Vega, s/d, pp. 62-63.

Homenagens

um quadro ou não ame a Música acima de todas as coisas! Como há-de esse homem governar um povo?

José Gomes Ferreira

África: Literatura, Arte e Cultura, Vol. II, n.º 7, janeiro-março de 1980, pp. 218-219

Agostinho Neto: no dia seguinte ao da tua morte*

Eles vieram logo no dia seguinte ao da tua morte
Suas pequenas asas abriam poços negros nas dunas de escarlate
nesse manto de seda aberto ate à boca do Cunene
Delas emergiam dentes ávidos de rasgar de vermelho

todos os mantos da terra lá em baixo e os pescoços
lisos da inocência sucos de redondas crateras
Vinham erguidas da Namíbia essas asas dos Bothas
distribuindo do alto generosas cachecóis de sangue

incendiando ainda de mais rubro as dunas semoventes
do deserto de Moçâmedes os próprios imbondeiros
atarracados em milhões de pedras idosas de
milhões de anos Voaram sobre a boca impávida

do Bimbe a goela impotente da Tundavala
No voo carótidas cortadas a modestas casas
a empresas a nascer até as cordas vocais
ficaram mudas do fogo: sortilégio das penas

de chumbo dos Bothas Animais fugiram para onde
nunca houvera que beber Homens correram
salamandras a salvar o que pudessem: uma mesa

* Incluído depois em AA.VV. – *Um postal para Luanda*. Lisboa: Vega, s/d, pp. 52-53.

Homenagens

uma criança E lembravam as datas que das cinzas

se renasce as tuas datas o 4 de fevereiro o 11
de novembro Então de carvões à superfície mortos
também nasceram grandes asas: era a vez de salvarem
seu reservatório alado Lá em cima surdos

à punição que as salamandras lhes prometem
os carrascos do Soweto os assassinos da Swapo
saudados pelo braço erguido de Savimbi o pide
negro imperador da coragem de te saber

no catre da morte “agora (pensou) de vez vencido”
As flores mal tinham sido postas no teu caixão
E as multidões para sempre vivas na tua alma
aguardavam o teu corpo seu motor paralisado

Mas os Savimbis do mundo capangas de capangas
gurus de todas as cáfilas e choldras dos monturos
aprendizes de vampiros suas pequenas asas
despontando para o voo que só fere de poços negros

os mantos que há de seda sobre a terra bicos
emergindo sequiosos de semearem crateras
Ah! eles arderão em fogo altíssimo ao sopro
da tua Voz que ressoará para sempre de Sacratíssima Esperança

e inabalável Certeza por todos os recantos de Angola
e das Angolas do mundo Certo: eles virão mais algumas
vezes abrir poços negros nas dunas de escarlata
e distribuir magnânimos mais cachecóis de sangue

A morte do 'heroico lutador pela libertação dos povos' nos jornais portugueses

Porém da boca já pávida do Bimbe rugirá a tua Voz
sairá gritando da garganta já não impotente da Tundavala
A salvo ficarão os pescoços lisos da inocência
Bothas e Savimbis serão no fim seu próprio Poço Negro

Alexandre Pinheiro Torres

Cardiff, 27 de setembro de 1979

Último olhar sobre Agostinho Neto*

De vez em quando olhava-o,
tinha o rosto sério,
meditava vendo a multidão no sol
que banhava o cortejo. Passavam
sindicatos, associações cívicas, corpos
de exército. Meio-dia
de chumbo com slogans
vibrantes. Émepêlá
Partido do Trabalho. Era
o Primeiro de Maio. Era
um momento de luta, de liberdade
tão esperada. Ergueu-se
provocando clamores. Falou
com a dignidade habitual, a verdade
franca e dura. Não escondeu
as dificuldades, não prometeu
a lua. Era uma voz
para *o amanhecer vital*, para sentir
os acontecimentos extraordinários. Fluíam
as palavras. Atarefavam-se
as máquinas fotográficas. Não haveria
muitas mais reportagens, muitos
discursos mais. Quem o sabia? Quem
poderia dizer que os seus meses de vida
se contavam

* Incluído depois em AA.VV. – *Um postal para Luanda*. Lisboa: Vega, s/d, pp. 58-59.

pelos dedos da mão? Ao lado
eu assistia
pensando que ele chegara
ali, que mantivera a esperança, olhava
o homem que fora *um dia*
na noite escura. Exultava
por me ter sido dado esse momento
de viver com um país
a mesma linguagem, integrar-me
numa realidade
longamente esperada. Saudei-o
porque haverá sempre homens
como ele
que abrem clareiras, que encarnam
a luz
que nos anima. Saudei-o
sem saber que já saudava a sua estátua

Egito Gonçalves

África: Literatura, Arte e Cultura, Vol. II, n.º 7, janeiro-março de 1980, p. 226

Na morte de Agostinho Neto*

Na língua em que cantaste
as Áfricas da terra
na língua em que sonhaste
livre de fome e guerra

de Cabinda ao Cunene
um país e um povo
e mais que um homem negro
um homem bom e novo.

Na língua de Camões
que soubeste sujeita
ao trato dos vilões
que a nossa história enjeita

e transformada em ódio
nas sanzalas do mato
em nome de um império
que só pariu um rato.

Na fala renascida
do meu país liberto
que no nome de Abril
buscou seu nome certo

* Incluído depois em AA.VV. – *Um postal para Luanda*. Lisboa: Vega, s/d, p. 65.

A morte do 'heroico lutador pela libertação dos povos' nos jornais portugueses

venho dizer-te adeus
ciente que estás vivo
pois não morrem poetas
que destemendo o perigo
entregam ao seu povo
as armas e o canto.

A tua voz é um rio
sem margens e sem fundo
onde África alicerça
os destinos do mundo.

Manuel Alberto Valente

África: Literatura, Arte e Cultura, Vol. II, n.º 7, janeiro-março de 1980, p. 228-231

Fala em voz baixa com Agostinho Neto*

An death shall have no domination
Dylan Thomas

Um punho e uma lágrima
embargam a minha voz
ensaiada pela décima
e última última vez

Uma vez encontrámo-nos no Arco do Cego, no Conde Redondo, em Gomes Freire. Mais precisamente no Arco do Cego, do Arco do Cego à Estefânia. Uma vez, não. Várias. Dáskalos, Bernardino, dois nomes próprios, apelido de uma só família. Faz um esforço e lembra-te.

Mário, António, Pequito
e Eu estamos de luto
Ontem foi dia de festa
franco indício de esperança

Faz um esforço e lembra-te. Esperança, não a sagrada na tua voz e mãos, mas aquela que na pensão de esquina estendia a toalha e os pastéis de bacalhau antes de cobrar dos comensais no princípio de cada mês. Antero comendo e protestando com razão. E Alvarinho, também, chegado mais tarde e que se sentou ao lado do Engenheiro.

* Incluído depois em AA.VV. – *Um postal para Luanda*. Lisboa: Vega, s/d, pp. 66-68.

A morte do ‘heroico lutador pela libertação dos povos’ nos jornais portugueses

Hoje é hora de lembrança
dor de memória curta
mão estendida e triste
rostos enxutos calados

Pois uma lágrima apenas, em nós, não chega para turvar a voz. Os que sofreram são mais que os mortos. Não é possível. É. Os mortos enterram-nos os vivos. Sofrem. Lúcio, houve quem me dissesse que chorou. Mas enquanto falava.

Áfricas de todo o mundo
uni-vos Falai gritai
O negro spiritual
sai do claustro para a nave

Nas escadas da frontaria da Sé de Lisboa fazem-se fotografias de casamento. E a todas as meias horas os sinos soam no Aljube. E os pombos voam fora da nossa vista. *Faz um esforço e lembra-te.*

Voo foram as muitas vozes
reescritas sem espaço
nas paredes dessas celas
falsa paz ante guerra

Espiaram-te noite e dia. Nós, subversivos, nada dizíamos. Conspirámos. Resistimos. Eram eles os nossos únicos inimigos. Repito: os únicos. Coragem e ameaça, dois gumes de uma só língua. Silêncio. “Fale, doutor, isto é um interrogatório.” “Já percebi.” “Então fale!”

Silêncio é filho de arma
armadilha ou juramento
sorriso de ardósia e giz

voz plena em tribunal

Na cadeia da PIDE do Porto, tão longe de Lisboa como de Luanda, dizem que enfrentaste a morte solitária olhando de dentro e cada vez de mais perto as lápides e jazigos do cemitério do Prado do Repouso. Tão belo nome para tão triste sítio. *Faz um esforço e lembra-te.*

Veste despe veste a bata
médico que é poeta
tem divisas de enfermeiro
e farda de guerrilheiro

Perdi-te de vista, mas não a pista. A pista pausada do teu passo, do teu gesto-palavra, palavra-acção, a revolução dos teus. A catana e a clavina, a Lírica de Camões. Atento, amante da pesca, entre areias e capim.

Coronha de carabina
voo de gaivota pousado
nesse teu ombro direito
o esquerdo reservado
para a mão do companheiro

Mão que toma o pulso e apalpa o fígado, o Arménio continuou a dar-me notícias tuas. Até que um dia foi a custo. Ele sabe melhor que eu o que é a morte. A tua. E as que hão-de vir. Ele reconhece mas não cita, comovido, a versão de Guillén: *“Los grandes muertos son inmortales: no mueren nunca. Parece que marchan etc.”* Um punho e uma lágrima embargam as nossas vozes *“... árbol cargado de plumas y de nidos.”*

Pássaros aves e cantos
prantos minuto de silêncio
uma bandeira a meia-haste
uma fala em voz baixa

A morte do ‘heroico lutador pela libertação dos povos’ nos jornais portugueses

Faz um esforço e lembra-te. Eu não me recordo nem onde nem quando, se no primeiro ou último abraço depois do Alvor, mas penso, e ainda hoje ouço, que disseste bem alto para que se ouvisse *não* às pátrias arbitrárias.

Orlando da Costa

VI. Reportagens

Angola: quatro anos independente – 1

O CHORO NÃO PÁRA O FUTURO

Rogério Vidigal

“Não haverá talvez pão com manteiga para todos, mas estamos a aprender a dividir a mandioca para todos.”

Estas são palavras proferidas por Agostinho Neto, no princípio do ano corrente, ao defini-lo como “ano da formação de quadros”. Antes, em 1978, vivera-se o “ano da agricultura” e, naturalmente, nem todas as metas foram cumpridas.

“Angola tem progredido, sim. Mas eu acho que poderia progredir mais, sobretudo do ponto de vista material.”

Eram ainda palavras do “imortal guia”, estas publicadas em 17 de Dezembro do ano passado.

Talvez assim seja possível entender melhor aquilo que se percebe quando se desembarca na capital da República Popular de Angola, para vê-la agora que se foi o período de dominação portuguesa pela via do colonialismo.

O que esperava encontrar quem ali desembarcasse, em 1979, conhecedor que foi das estruturas existentes até 1975 e particularmente até 1974?

Uma sociedade onde permanecessem todos os sinais de uma estrutura virada à satisfação das necessidades de uma sociedade artificial, por desligada da população angolana? Uma sociedade de grande abundância, onde todos os problemas estivessem automaticamente resolvidos? A permissividade para com os antigos valores e desideratos?

Hoje, como resposta sintética, encontra-se um país diferente, por isso, e não só, novo, onde as rupturas sonhadas e desejadas pelos de antanho não se efectivaram.

Rupturas totais nos abastecimentos, o tecido social destruído, uma sociedade morta por dentro, a construção parada – esse seria o desejo dos saudosistas de um passado ainda não longínquo. Mas a realidade é diferente.

O choro

Aquele choro todo nas ruas, no dia 17, acompanhando o corpo a perpetuar, de um homem que não morrerá na memória colectiva de uma nação. As manifestações de pesar comprovam-no certa e inteiramente: mais do que em Luanda – nesta cidade não só no cortejo –, em todo o lado, com feição própria.

Uma certeza, porém. A população não chorava a incerteza no futuro, que esse não corresponde às dificuldades suspeitadas pelas agências de notícias sempre tão prestes: nem o nome do sucessor demorou semanas, nem a dificuldade no seio do MPLA-Partido do Trabalho seria assim tão grande.

O povo chorou, lamentou, gritou, a morte de um “paizinho Neto”, que não era de cada um individualmente, mas sim de uma nação que hoje se levanta “de Cabinda ao Cunene”, numa demonstração de unidade, essa sim a preservar sejam quais forem as condições próximas ou distantes.

Neto morreu, assinala-se um pouco por todo o lado, quando se adivinham acontecimentos importantes e (ou) decisivos. Mas deixarão estes passos de ser dados?

O juramento de compromisso feito perante o corpo do primeiro presidente da RP de Angola é, analisado que seja e envolvendo a estrutura central do Partido, uma prova insofismável de que existe vontade para prosseguir as suas directrizes. Na sua investidura, o novo e provisório presidente – até ao congresso extraordinário, marcado para os primeiros meses do próximo ano – prometeu prosseguir os caminhos traçados pelo antecessor.

Que caminhos são esses?

“É preciso, em primeiro lugar, resolver os problemas do povo” – e a frase está escrita e bem visível em muitas “paredes” da capital e não só.

E era certamente nesse sentido que Agostinho Neto enfrentava e denunciava publicamente a existência de uma pequena burguesia que emperrava (emperra?), que sabotava (sabota?), que não está interessada no avanço dos caminhos traçados pelo MPLA.

Maturidade

Para várias pessoas que nos falaram em Luanda, dos vários ângulos assim abertos, a “crise” levantada com a morte de Agostinho Neto foi enfrentada e ultrapassada com muita “maturidade”. Temos, aí, no campo prático, a inexistência de quaisquer conflitos rácicos, para exemplificar, que chegaram a ser temidos.

Mas maturidade e senso prático terão igualmente existido no campo meramente político e a escolha e investidura do sucessor de Neto será um flagrante exemplo. Com ele, crê-se nesses meios, será certamente possível prosseguir no caminho da independência que naturalmente é o melhor serviço ao povo angolano.

Independência? – perguntar-se-á em certos círculos. Independência, havendo, como há, cubanos e soviéticos em território de Angola?

A questão foi encarada pelo próprio José Eduardo dos Santos, então vice-primeiro-ministro da nova República Popular, ao discursar na ONU, quando o seu país era admitido como novo membro.

“O auxílio cubano e soviético bem como de outros países e organizações progressistas do mundo decorre não só de uma opção ideológica da nossa revolução, como também se insere no exercício inalienável da nossa soberania” – assinalava José Eduardo dos Santos, no dia 1 de Dezembro de 1976, em Nova Iorque.

E estes princípios, que eram defendidos por Agostinho Neto, foram clarificados ao longo do tempo, como aconteceu ainda não há muito. Então, remodelações se verificaram, quando foi denunciada publicamente uma quebra de independência do Partido face a outros países estrangeiros.

Não vamos, aqui e a propósito, descer a pormenores e explicar o que se passou nessa altura. Mas parece certo, até onde apurámos, que estão perfeitamente definidos os campos de acção e de cooperação – dentro dos princípios enunciados por José Eduardo dos Santos e atrás citados – tanto de soviéticos como de cubanos, à semelhança, aliás, do que aconteceu com todos os cooperantes, seja qual for o sector e a origem do cooperante.

Por exemplo, no próprio aparelho de Estado, a importância de quadros estrangeiros foi diminuindo progressivamente, a par da renovação e formação de quadros.

Por outro lado, é voz corrente hoje a necessidade de alargar a cooperação a sectores mais interessantes de vários pontos de vista. Seria, certamente, o caso dos portugueses no ensino e não só.

Mas, aí, a responsabilidade pela situação actual poderá por certo ser fortemente assacada aos dirigentes portugueses que, desde 1975 e até desde 1974, sempre obstruíram a política de aproximação a países como Angola e Moçambique.

O resultado está hoje à vista, por exemplo, no campo comercial, em Angola. Uma rede de abastecimentos, por “supermercados”, que constitui a estrutura principal do comércio actual, especialmente nas cidades, foi “ganha” pelos “brasileiros”.

Alguém que fala conosco lamenta a situação assim criada. E alvitra que, depois de Bissau, a deslocação de Ramalho Eanes a Luanda, onde foi recebido por Eduardo dos Santos, talvez contribua para desbloquear a situação.

“Talvez” não é certo – comenta-nos alguém. É preciso fazer algo mais.

Diário de Lisboa, 25 de setembro de 1979, p. 2

Angola: quatro anos independente – 2

“JÁ HÁ MANDIOQUEIRAS À VOLTA DE LUANDA”

Rogério Vidigal

Luanda não é, hoje, a cidade que a maioria dos portugueses por lá passados guarda na memória. Desde logo, diluiu-se a cidade do asfalto nos muceques, interpenetraram-se com a descida da população negra às casas deixadas vagas pelos colonos.

A fisionomia da capital (e certamente das outras cidades) alterou-se, portanto: hoje circula nas ruas a população angolana, conduzem os automóveis, servem na banca, consertam as ruas, fazem bicha nos talhos e peixarias ao fim da tarde.

Desde logo a natural pergunta: quatro anos de independência, neste grande país, terão tornado a população mais feliz? Faça-se a pergunta e tem-se a totalidade das respostas favoráveis. De outro modo não poderia ser. Um bem principal, inestimável, foi recuperado a 11 de Novembro de 1975: a liberdade.

Mas, do ponto de vista exclusivamente material, quais terão sido os benefícios para a população?

Vejamos: pelo menos uma grande parte das pessoas pôde passar a viver em casas, onde, contrariamente ao que acontecia (e acontece) nos muceques, há água, luz, conforto.

E as bichas para comprar carne, para comprar peixe, para determinados géneros? E as lojas fechadas, aquelas antigas que serviam uma tropa ociosa e rapace? Essa é uma interrogação que paira em muitos espíritos e alguns até bem intencionados.

Mas vejamos a questão de outro ângulo: qual seria o consumo da população suburbana de Luanda, ou no interior, no que respeita principalmente a carne? E quanto a peixe fresco ou congelado?

É que, hoje, munido do seu cartão de trabalhador, o cidadão tem direito a comprar dois quilos de carne por semana e por cartão, a um preço convidativo: entre 80 e 90 quanzas, ou seja, entre 110 e 120 escudos. O peixe oscila entre os 40 e os 60 escudos, embora, verdade seja, mesmo congelado, não seja grande a variedade.

O acesso a produtos é, entretanto, maior que antigamente: nos tais “supermercados”, com o acesso condicionado pelo cartão de trabalhador e a uma vez por semana, o cidadão encontra uma certa variedade de produtos, em grande parte de origem brasileira, pois foi-lhes concedida a montagem e exploração dessa cadeia de abastecimento.

Do leite em pó ao óleo vegetal, ou, nos mercados normais, do repolho ao tomate pequenino bem característico, a população vai podendo escolher. Será menor o “campo de manobra” do que era antes da independência? Que o digam os conhecedores, que, pela nossa parte, não temos a menor dúvida...

Uma economia destruída

E, no entanto, a “herança colonial” não foi nada convidativa. Por outro lado, a guerra que ficou no terreno angolano a 11 de Novembro contribuiu de forma decisiva para a destruição da economia do país, destruídas que foram fazendas inteiras, mortas ou roubadas milhares e milhares de cabeças de gado, rebentadas pontes em grande número, cortadas estradas e até aviões desviados para um país vizinho e aí utilizados nas carreiras internas.

Daí resulta que, actual e naturalmente, a carne consumida seja em grande parte importada (do Botswana) e o peixe à venda seja congelado. É que, neste último caso, tanto quanto soubemos, alguns dos poucos barcos que ficaram em Angola estão incapazes e não existem, por enquanto, quadros quer para a reparação quer para futuras actividades piscatórias em moldes não artesanais.

É uma luta constante, esta, que travam os dirigentes e o povo angolano, uma vez que a guerra continua, com os sul-africanos e os homens por si mandados, a fazerem constantes surtos pelo interior do país, particularmente na fronteira sul.

A morte do ‘heroico lutador pela libertação dos povos’ nos jornais portugueses

“Guerra de hipocrisias e violências” – assim a classificava Agostinho Neto, em 11 de Novembro de 1978. Guerra que desgasta as “energias da nossa jovem República, guerra de usura que produz o cansaço e a rendição do continente africano”.

Mas enfrenta-se também a sabotagem interna, cuja dimensão não conseguimos apurar, mas que, a avaliar por diversos testemunhos, existe. Não esquecendo, por exemplo, o fraccionismo, que, naturalmente, provocou um intenso desgaste no país, até pela morte de quadros que daí resultou.

E, apesar disso, alguns produtos frescos já abastecem os mercados de Luanda, sendo que ainda não foi possível repor os antigos ou fazer funcionar novos circuitos de distribuição dos produtos do interior.

“Já há mandioqueiras à volta de Luanda” – considerava, alegre, o extinto presidente, em discurso feito a 10 de Dezembro do ano passado.

“Dentro de dez, vinte, trinta anos a situação será completamente diferente” – garantia na mesma altura, quando exclamava: “O mais importante é resolver os problemas do Povo”.

Para a cidade!

Um aspecto curioso mas com uma explicação fácil é que, tendo ficado vagas as casas do “asfalto” da capital e logo ocupadas pelos antigos habitantes dos muceques, estes continuam a existir (agora mais arrumados, mais limpos e com algumas casas substituindo as antigas barracas).

É que se verificou um movimento populacional rápido do campo para a cidade e, ainda, ali caíram grande parte dos refugiados angolanos em países vizinhos, como os do Zaire e da República Popular do Congo.

Isso causou e causa algumas preocupações. O próprio Agostinho Neto focaria a questão num dos seus discursos, procurando as causas para o movimento migratório e exortando à fixação no interior. Dizia então, e vale a pena recordar as palavras a propósito, que “é necessário oferecer mais possibilidade de actividade privada no nosso país. Nem é errado”.

E acrescentava: “Nem é contra-revolucionário como à primeira vista pode parecer”.

Aqui vale a pena salientar o número razoável de refugiados que voltaram a Angola e hoje habitam em Luanda. Falam, geralmente, melhor o francês do

que o português mas lá se vão esforçando para entrarem na sua (e para alguns “nova”) língua.

Um motorista de táxi, por exemplo, filho de pais angolanos (de Maquela do Zombo) que emigraram para o Zaire: ali nasceu a criança e cresceu e guiou automóveis, até voltar. Não tem agora dúvida de que Angola é o seu país, e de que é muito melhor que o Zaire onde “a vida está impossível”.

Aqui levanta-se um outro problema: “Esta fixação de refugiados em Angola não dará possibilidade à penetração de alguns inimigos tradicionais?” (pensamos, concretamente, na FNLA e não só).

Não parece ser grande preocupação para os dirigentes angolanos e também para o seu povo. E, também sobre este problema, Agostinho Neto tinha tomado uma posição:

“Por que é que eles não vão ter uma vida normal? Ter a vida que cada um de nós tem, excepto lugares de direcção, por agora? Por que não hão-de ter? – perguntava-se em 17 de Dezembro do ano passado.

E respondia: “Vamos deixar toda a gente trabalhar. Somente não podem trabalhar aqui, livremente, aqueles que fazem guerra contra nós. Aqueles que estão na Namíbia e fazem incursões armadas contra o nosso Povo. A ‘Unita’, os fantoches da ‘Unita’ aqui não têm nenhum direito”.

Os continuadores de Neto, provavelmente, terão a mesma aposta, a mesma opção, na reconstrução, ou melhor, na construção de um novo país, do homem novo, do socialismo...

A morte do ‘heroico lutador pela libertação dos povos’ nos jornais portugueses

Diário de Lisboa, 26 de setembro de 1979, pp. 2 e 18

Angola: quatro anos independente – 3

“NÓS SOMOS AS SEMENTES LANÇADA NA FLORESTA...”

Rogério Vidigal

Desde sempre, o Movimento Popular de Libertação de Angola deu uma atenção especial às suas crianças, desenvolvendo, como é já conhecido, escolas na mata, lutando contra todas as dificuldades que aí se faziam sentir. Nos seus quadros, hoje que é Partido do Trabalho, o MPLA conta com alguns homens que vieram dessas escolas e se fizeram, simultaneamente, na luta.

Agora no poder, com um país independente e cheio de dificuldades nas mãos, o partido dedica ainda mais atenção aos problemas suscitados pelas suas crianças: a saúde, a alimentação, a formação, a preparação para servir uma nação que precisa de homens bons, mais do que pão para a boca.

“Nós somos as sementes lançadas na floresta do Maiombe, nas chanas do Leste, no deserto do Namibe, de Cabinda ao Cunene que, regadas pelos teus ensinamentos de liberdade, brotarão as flores do socialismo”.

Estas palavras vêm no texto lido por um pioneiro que esteve presente nas cerimónias fúnebres de Agostinho Neto. E não foi, certamente, por acaso que esta presença se verificou quando as participações no cortejo foram extremamente seleccionadas.

No fundo temos aqui presente a preocupação com a construção do socialismo, do homem novo, de um povo unido e forte já em movimento num país diferente.

Essa luta começa na escola.

Algumas das escolas que estavam essencialmente viradas à educação e formação dos “rebentos” dos portugueses que colonizavam Angola, todas essas escolas, estão agora ao serviço das crianças africanas. Acontece isso, por exemplo, com o antigo Colégio da Madre de Deus, uma instituição ligada à Igreja. Hoje, fervilham aí as crianças negras, sobraçando os seus livros,

gritando alegres, aprendendo o futuro no alinhar das letras e na multiplicação dos números.

E não têm de descer desde os muceques para chegarem aos “colégios”. Têm hoje ali as suas casas, aquelas em cimento abandonadas pelos portugueses em fuga: com banho, com electricidade, janelas, esgotos.

Assim, de manhã, logo os temos ali, de pequeninos ainda, a maiores para o liceu, convergindo nas escolas. No caso citado, as instalações foram aproveitadas para a escola primária, preparatória e liceu. Com internato, também, à semelhança do que acontecia antigamente.

“À tua memória”

“Perante a tua memória, nós os pioneiros e crianças de Angola, juramos que seguiremos os teus ensinamentos e aprenderemos a amar a nossa querida pátria, o povo, a revolução” – dizia comovidamente o pioneiro despedindo-se de Agostinho Neto.

E depois: “Juramos resistir a todas as tentativas de desordem e anarquia e seremos também capazes de resistir às tentativas de destruição da nossa sociedade”.

Essa mensagem incluía ainda o compromisso relativo ao estudo para “sermos técnicos agrícolas, ou técnicos para apoiar as empresas industriais, para assim aumentarmos a exploração dos nossos diamantes, aumentarmos a produção do café, aumentarmos a produção de algodão, de maneira a podermos ver resolvidos os problemas do povo”.

A aposta do MPLA-Partido do Trabalho relativamente às crianças pela voz de Agostinho Neto está ligada às coisas concretas que é preciso fazer para um futuro melhor.

O “guia imortal” assinalava num seu discurso em Novembro a propósito do sector mineiro, que é preciso extrair as riquezas nacionais mas “temos de aplicar-nos na transformação”.

“E, por isso, é preciso estudar” – considerava. “É preciso que os jovens vão à escola. É preciso que os pais vão à escola, que toda a gente aprenda o suficiente para que nós possamos ter a capacidade de transformar as grandes riquezas que temos”.

A morte do ‘heroico lutador pela libertação dos povos’ nos jornais portugueses

É que também nesta matéria o legado deixado na altura da independência foi bem característico: um povo com baixíssimo nível de alfabetização, quase nenhuns quadros, condições estruturais poucas e conjunturais inexistentes.

Perguntemos concretamente: qual a alimentação a que tiveram acesso os filhos dos angolanos pobres durante o colonialismo (e sabe-se a importância da alimentação nos primeiros tempos de vida); que escolas, médias ou superiores, tiveram possibilidade de frequentar durante o mesmo período?

Cooperação

A formação, não só das crianças, assume portanto uma importância fulcral na Angola de hoje. Os quadros que vão ministrar essa formação são naturalmente recrutados na cooperação que, até agora, pouco tem contado com os portugueses. A isso não é estranho, obviamente, a política de hostilização que até agora foi adoptada pelos sucessivos Governos portugueses desde a independência até ao momento.

E, no entanto, em conversa com cooperantes, ficamos com a certeza de que se torna absolutamente necessário avançar nesse campo, não só para benefício português como para o dos angolanos.

“Há uma predisposição do nosso povo e uma predisposição do nosso partido e do nosso estado de cooperar com todos os países que queiram cooperar connosco” – dizia Agostinho Neto.

E reconhecia que, por largas dezenas de anos, a República Popular de Angola vai necessitar de “técnicos de fora”.

“Não teremos aqui uma técnica, uma tecnologia capaz para o desenvolvimento deste país, sem a ajuda de fora” – são, ainda, palavras de Agostinho Neto.

E, ao que soubemos em Luanda, é ponto assente, este, entre os dirigentes do MPLA e do Estado. Por que esperam, então, os portugueses, os progressistas portugueses? Por que se espera de lado a lado?

Avidez cultural

Um dos “choques” imediatos na actual realidade angolana é a quantidade de jornais que são comprados. É certo que, durante a nossa estadia na capital

angolana se vivia um período excepcional e, portanto, a corrida aos jornais seria maior.

De qualquer modo, assistir a uma bicha ordeira para comprar um jornal, ali mesmo à saída do *Jornal de Angola*, reflecte, certamente, uma vida. Para quem conhecia a realidade colonial, quando a população negra se “não fazia” aos órgãos de informação, fica necessariamente surpreendido.

Verdade seja que os jornais de então, tal como a Rádio na altura existente, não eram feitos à medida e para a maioria da população da ex-colónia. Também aí se visava o serviço para uma minoria que dominava.

O que se passa nos jornais é complementado pela verificação do elevado índice de vendas no que respeita a livros.

Por exemplo, ao falarmos com um responsável por uma livraria, assinalava-nos ele: “Nem queira saber: tudo o que aqui aparece é vendido rapidamente. Livros portugueses ou edições angolanas, livros didácticos, ou de poemas, ou de ficção, tudo desaparece!”

Uma verdade indesmentível: edições de milhares de exemplares de autores angolanos, feitas em Portugal por colaboração com uma editora portuguesa, estão em grande parte esgotadas.

Mas também neste domínio, assinalaram-nos, a cooperação entre o Portugal do pós-25 de Abril e a República Popular de Angola tem encontrado grandes e, pelos vistos, intransponíveis dificuldades.

Até quando?

Diário de Lisboa, 27 de setembro de 1979, pp. 2 e 18

Angola quatro anos independente – (conclusão)

“NÃO DEVEMOS DEIXAR LIMITAR OU DEPOR O NOSSO COMBATE”

Rogério Vidigal

Um dos problemas que têm sido levantados a propósito da morte de Agostinho Neto é o de que esta teria ocorrido numa altura em que eram previsíveis acontecimentos importantes a nível interno e externo. Outras fontes falam pura e simplesmente em “altura de um salto qualitativo”.

No campo da política externa não raramente se pensa no “não-alinhamento” que viria ser *[sic]* incrementado pelo falecido presidente e na guerra que se mantém (embora se tenha atenuado, no que respeita a agressões) a partir da África do Sul.

Para nós, e de acordo com o que ouvimos em Luanda, no campo interno o desaparecimento do grande líder da revolução angolana poderá não vir a ter o significado que muitos lhe atribuem. De resto, ainda recentemente tinham sido introduzidas alterações na estrutura do Governo, e Neto já conheceria, nessa altura, algo do mal que o consumia.

E, também, ao partir para Moscovo, ele deixou as rédeas do Poder nas mãos de dois homens que, evidentemente, conhecia muito bem e sabia do que serão capazes. Um desses homens veio a tornar-se o novo Presidente: José Eduardo dos Santos.

A guerra que é feita contra a República Popular de Angola, com constantes ataques, violações e mesmo ocupações temporárias do território não deverá ter, portanto, qualquer alteração, e o “não-alinhamento” nada terá de impeditivo no que respeita à solidariedade para com “a luta dos oprimidos”. E isso está contido no “juramento do Comité Central do Partido”.

E diz-se mais, nesse juramento: “Sempre que o nosso partido, o teu partido, assim determinar, marcharemos decididos para cumprir qualquer missão internacionalista”.

Na ordem interna também não deverão restar muitas dúvidas. Um comunicado assinado pelo ministro do Interior da RPA, Kundi Paihama, por ocasião das exéquias, diz: “Não deveremos deixar, por um minuto que seja, limitar ou depor o nosso combate contra as ideias caracteristicamente pequeno-burguesas e seus mentores, para que a classe operária em estreita aliança com a camponesa e outras que franca e fielmente se puserem ao serviço do proletariado assumam verdadeiramente a direção do nosso partido e os destinos de Angola”.

E, assinale-se ainda, não será também por acaso que o *Jornal de Angola* do dia 19, logo depois das cerimónias fúnebres, noticiava em manchete as “retumbantes vitórias das FAPLA” no Sul, contra o “exército racista sul-africano” e “grupos fantoches da Unita”.



Diário de Lisboa, 27 de setembro de 1979, p. 2

“Mais decididos a continuar”

Aliás e ainda no que respeita a esta guerra que constitui claramente um óbice ao desenvolvimento interno mais rápido, Agostinho Neto tinha sido bastante claro ainda não há muito tempo: “E, se for necessário, se for pedida alguma ajuda para a libertação da Namíbia, nós não hesitaremos em enviar alguns dos nossos destacamentos para libertar esta parte de África dominada pelos Carcamanos”.

E o “não-alinhamento” tem também muito que ver com o reconhecimento então feito pelo presidente, a propósito de um “acto bárbaro de agressão” contra um campo de refugiados em Kassinga.

“Apesar de todos os apelos urgentes feitos, não recebemos em Angola nem uma só ligadura, nem uma só ampola, para o tratamento dos feridos pelo bombardeamento, em Kassinga, dos refugiados na Namíbia”. Referia-se, expressamente, aos “ocidentais”.

Também José Eduardo dos Santos tinha definido, em 1976, ao discursar na ONU, a política externa da RPA: “É fundada nos princípios do não-alinhamento, que pretende activo e actuante, isto é, solidário com todos os povos oprimidos do mundo, em luta contra o colonialismo, neocolonialismo e o imperialismo, com vista à total autodeterminação e independência”.

No campo da política interna, o “salto qualitativo” a que ouvimos referências talvez passe pela possibilidade, num futuro muito próximo, “de organização do Poder Popular, clara e abertamente dominado pelas classes operária e camponesa, classes estas afastadas da tutela da burguesia colonial, e exercer, nessa altura, a sua função de dirigente da sociedade”.

Estas são palavras de Agostinho Neto que dizia então (1 de Janeiro deste ano): “Gostaria ainda... de ver o Congresso Extraordinário do Partido, a realizar em 1980, coincidir com a primeira Assembleia do Povo, que substituiria o actual Conselho da Revolução e que estabeleceria as bases legais de um Estado democrático e popular”.

Produzir

Mas, entretanto, e apesar (e por isso mesmo) da guerra feita pelos racistas, o grande esforço do povo angolano será certamente orientado para o aumento da produção.

Era exactamente nesse sentido que Agostinho Neto apelava ao anunciar o ano corrente como da “formação de quadros”. Dizia: “Precisamos de mais quadros, de mais equipamento e de mais organização”.

A vida em Angola é, hoje, indiscutivelmente pautada pelas dificuldades que se levantam nesses campos. São os barcos (poucos) que ficaram e para os quais não há técnicos, as máquinas que param e as que não há, são as sabotagens que inevitavelmente surgem.

Por isso, os apelos, por exemplo, à participação nas colheitas do café e do açúcar e à transformação, no país, dos produtos e riquezas e não apenas à sua extracção seguida de exportação ainda em bruto.

Hoje, dizem-nos em Luanda, só não trabalha quem não quer. A existência de “marginais” é um facto, mas a luta que contra eles é desenvolvida não pára.

Por exemplo, aqui uma experiência que nos foi relatada, no que se refere a estes cidadãos: têm sido enviados a postos de trabalho que, ao fim de algum tempo, lhes são oferecidos para trabalharem em regime cooperativo e tendo como fundo de maneio o fruto do seu trabalho até então.

Mas, concretamente, a produção anda ou não?

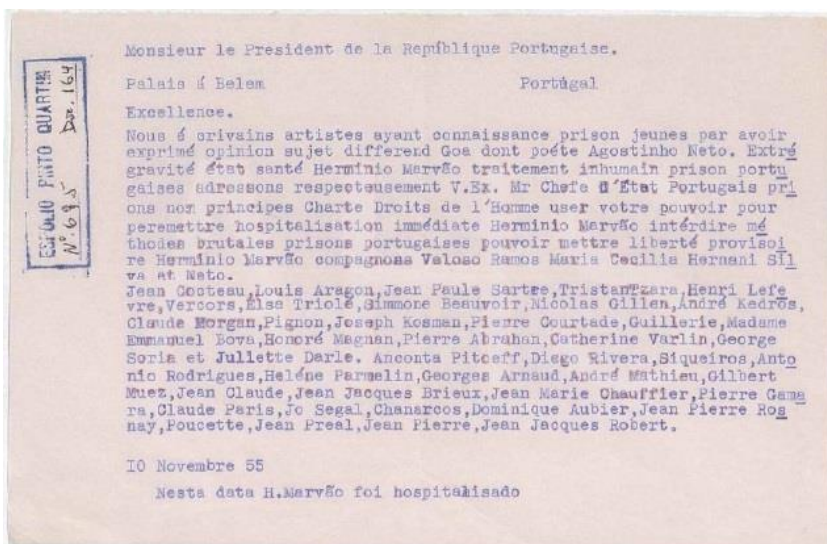
Damos, ainda aqui, a palavra a Agostinho Neto, que assinalava, quase no fim do ano passado, muitos dos êxitos então obtidos, não só ao nível de empresas estatais, como de privadas ou mistas. Por exemplo, na Huíla e em Benguela, a moagem de trigo tinha ultrapassado os planos. O mesmo acontecera na fabricação de bicicletas e motorizadas no Huambo ou com as arcas frigoríficas em Luanda.

Aliás, um desses êxitos ficou assinalado quando uma bicicleta de fabrico nacional foi oferecida ao presidente da Libéria (e agora também da OUA), em 16 de Dezembro do ano passado, por ocasião de uma sua visita à RPA.

VII. Apêndice

três documentos da solidariedade internacional pré-1975

1. Apelo de intelectuais estrangeiros ao Presidente Craveiro Lopes datado de 10 de novembro de 1955



Arquivo de História Social – Instituto de Ciências Sociais da Univ. de Lisboa
Espólio Pinto Quartín, Item 164

– Transcrição do telegrama enviado ao Presidente da República

PT-AHS-PQ-DOC-164 <<http://www.ahsocial.ics.ulisboa.pt/atom/transcricao-do-telegrama-enviado-ao-presidente-da-republica-jean-cocteau-louis-aragon-jean-paul-satre-e-outros>>

Transcrição do original

Monsieur le President de la République Portugaise.

Palais à Belem

Portugal

Excellence.

Nous écrivains artiste ayant connaissance prison jeunes par avoir exprimé opinion sujet différend Goa dont poète Agostinho Neto. Extrême gravité état santé Herminio Marvão traitement inhumain prison portugaises adressons respectueusement V. Ex. Mr Chef de l'État Portugais prions non principes Chartes Droits de l'Homme user votre pouvoir pour permettre hospitalisation immédiate Herminio Marvão interdire méthodes brutales prisons portugaises pouvoir mettre liberté provisoire Herminio Marvão compagnons Veloso Ramos Maria Cecilia Hernani Silva et Neto.

Jean Cocteau, Louis Aragon, Jean Paul Sartre, Tristan Tzara, Henri Lefevre, Vercors, Élsa Triolé, Simone Beauvoir, Nicolas Gillen, André Kedros, Claude Morgan, Pignon, Joseph Kosman, Pierre Courtade, Guillerie, Madame Emanuel Bova, Honoré Magnan, Pierre Abraham, Catherine Varlin, George Soria et Juliette Darle. Anonta Pitoeff, Diego Rivera, Siqueiros, Antonio Rodrigues, Hélène Parmelin, Georges Arnaud, André Mathieu, Gilbert Muez, Jean Claude, Jean Jacques Brieux, Jean Maria Chauffier, Pierre Gamara, Claude Paris, Jo Segal, Chanarcos, Dominique Aubier, Jean Pierre Rosnay, Poucette, Jean Preal, Jean Pierre, Jean Jacques Robert.

10 Novembre 55

Nesta data H. Marvão foi hospitalizado



Fotos de Hermínio Marvão

Arquivo Nacional da Torre do Tombo,
PIDE, Serviços Centrais, Registo Geral de Presos, liv. 110, registo n.º 21938

Tradução normalizada

Senhor Presidente da República Portuguesa

Palácio de Belém Portugal

Excelência

Nós[,] escritores [e] artistas[,] tendo conhecimento [da] prisão [de] jovens¹ por terem exprimido opinião sobre [o] diferendo [de] Goa²[,] entre os quais [o] poeta Agostinho Neto[, e da] extrema gravidade [do] estado [de] saúde [de] Hermínio Marvão³[, sujeito a] tratamento desumano [numa] prisão portuguesa

¹ Trata-se de jovens militantes (alguns deles dirigentes) ou simpatizantes do Movimento de Unidade Democrática Juvenil.

² Portugal tinha perdido no ano anterior, 1954, dois dos territórios da chamada Índia Portuguesa: Dadrá e Nagar-Aveli. Os restantes, Goa, Damão e Diu, seriam tomados pela Índia em dezembro de 1961.

³ Hermínio Maurício de Almeida Marvão (1930?-2012). Economista, era ainda estudante à época.

[,] dirigimo-nos respeitosamente a V. Ex.^a[,] Chefe de Estado português[,], solicitando [que em] nome [dos] princípios [da] Carta dos Direitos Humanos[,], use [o] seu poder para permitir [a] hospitalização imediata [de] Hermínio Marvão, proibir [os] métodos brutais [nas] prisões portuguesas [e] libertar provisoriamente Herminio Marvão [e os seus] companheiros Veloso⁴[,] Ramos⁵[,] Maria Cecília⁶[,] Hernâni Silva⁷ e Neto.

Jean Cocteau⁸, Louis Aragon⁹, Jean-Paul Sartre¹⁰, Tristan Tzara¹¹, Henri Lefebvre¹², Vercors¹³, Elsa Triolet¹⁴, Simone de Beauvoir¹⁵, Nicolás Guillén¹⁶, André Kédros¹⁷, Claude Morgan¹⁸, Pignon¹⁹, Joseph Kosma²⁰, Pierre Courtade²¹,

⁴ Ângelo Veloso (1930-1990), acusado de pertencer à Comissão Central do MUD Juvenil. Membro do Partido Comunista Português, veio a destacar-se como dirigente, deputado e candidato à presidência da República.

⁵ Pedro Ramos de Almeida (1932-2012). Para além de membro do MUD Juvenil, veio a integrar o PCP e o Movimento Democrático Português / Comissão Democrática Eleitoral. Formando em Direito, dedicou-se também ao ensaio e à investigação histórica sobre a resistência à ditadura portuguesa.

⁶ Maria Cecília Ferreira Alves Ramos de Almeida (n. 1934), membro da Comissão Central do MUD Juvenil.

⁷ Hernâni Alfredo Ramalho e Silva (1927-1999), militante do MUD Juvenil e do PCP.

⁸ Jean Cocteau (1889-1963), poeta, romancista, dramaturgo, cineasta e artista plástico francês. Foi eleito para a Académie Française em 1955.

⁹ Louis Aragon (1897-1982), poeta, romancista e ensaísta francês.

¹⁰ Jean-Paul Sartre (1905-1980), filósofo e escritor francês, a quem seria atribuído, em 1964, o Prémio Nobel de Literatura, que recusou.

¹¹ Tristan Tzara (1896-1963), pseudónimo de Samuel Rosenstock, poeta francês de origem romena e um dos fundadores do Dadaísmo.

¹² Henri Lefebvre (1901-1991), filósofo e sociólogo francês.

¹³ Vercors (1902-1991), pseudónimo do romancista francês Jean-Marcel Bruller.

¹⁴ Elsa Triolet (1896-1970), nome usado por Ella Yuryevna Kagan, escritora e tradutora russo-francesa.

¹⁵ Simone de Beauvoir (1908-1986), escritora, filósofa e ativista francesa.

¹⁶ Nicolás Guillén Batista (1902-1989), poeta cubano.

¹⁷ André Kédros (1917-1999), pseudónimo de Virgile Solomonidès, escritor grego de língua francesa, nascido em Bucareste.

¹⁸ Claude Morgan (1898-1980), pseudónimo de Claude Lecomte, escritor e jornalista francês.

¹⁹ Pignon – certamente Édouard Pignon (1905-1993), pintor francês.

²⁰ Joseph Kosma (1905-1969), compositor húngaro naturalizado francês.

²¹ Pierre Courtade (1915-1963), escritor e jornalista francês.

Guillevic²², Madame Emanuel Bova, Honoré Magnan, Pierre Abraham²³, Catherine Varlin²⁴, Georges Soria²⁵, Juliette Darle²⁶, Aniouta Pitoëff²⁷, Diego Rivera²⁸, Siqueiros²⁹, Antonio Rodrigues, Hélène Parmelin³⁰, Georges Arnaud³¹, André Mathieu³², Gilbert Muez, Jean Claude, Jean-Jacques Brieux³³, Jean-Marie Chauffier³⁴, Pierre Gamarra³⁵, Claude Paris³⁶, Jo Segal, Chanarcos, Dominique Aubier³⁷, Jean-Pierre Rosnay³⁸, Poucette, Jean Preal, Jean-Pierre³⁹, Jean-Jacques Robert⁴⁰.

10 [de] Novembro [de] 55

Nesta data H. Marvão foi hospitalizado

²² Eugéne Guillevic (1907-1997), poeta francês (que assinava apenas com o apelido, Guillevic).

²³ Pierre Abraham (1892-1974), nome adotado por Pierre Bloch, ensaísta, escritor e jornalista francês.

²⁴ Catherine Varlin Winter (1925-2004), nome adotado por Judith Hait-Hin, jornalista, poeta, cenarista e produtora cinematográfica.

²⁵ Georges Soria (1914-1991), jornalista, historiador e dramaturgo francês.

²⁶ Juliette Darle (1921-2013), poeta francesa.

²⁷ Aniouta Pitoëff (1928-1978), atriz e autora de *Ludmilla, ma mère: vie de Ludmilla et de Georges Pitoëff* (1955).

²⁸ Diego Rivera (1886-1957), pintor mexicano.

²⁹ David Alfaro Siqueiros (1896-1974), pintor mexicano.

³⁰ Hélène Parmelin (1915-1998), nome adotado por Hélène Jungelson, jornalista, romancista e crítica de arte francesa.

³¹ Georges Arnaud (1917-1987), pseudónimo de Henri Girard, escritor e jornalista francês.

³² André Mathieu (1929-1968), pianista e compositor canadiano.

³³ Jean-Jacques Brieux (1921- ?), autor, entre outros, dos livros *La Chine: du nationalisme au communisme* (1951) e *Africa* (1955).

³⁴ Jean-Marie Chauffier – provavelmente Louis Marie Jean Martin, que adotou o nome de Louis Martin-Chauffier (1894-1980), jornalista e escritor francês.

³⁵ Pierre Gamarra (1919-2009), poeta, romancista, crítico literário e dramaturgo francês.

³⁶ Claude Paris – talvez Claude Roy (1915-1997), poeta, escritor e jornalista francês.

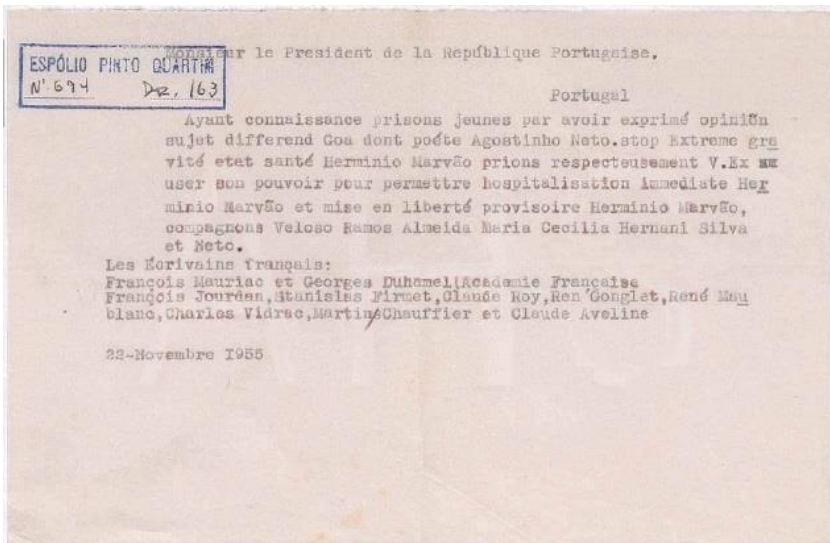
³⁷ Dominique Aubier (1922-2014), nome adotado por Marie-Louise Labiste, escritora francesa.

³⁸ Jean-Pierre Rosnay (1926-2009), poeta e escritor francês.

³⁹ Jean-Pierre – talvez Jean-Pierre Leloir (1931-2010), fotógrafo francês.

⁴⁰ Jean-Jacques Robert (1930-1986), pianista, organista, maestro e compositor francês.

2. Apelo de intelectuais franceses ao Presidente Craveiro Lopes datado de 22 de novembro de 1955



Arquivo de História Social – Instituto de Ciências Sociais da Univ. de Lisboa

Espólio Pinto Quartin, Item 163

PT-AHS-PQ-DOC-163_page-0001

– Transcrição do telegrama enviado ao Presidente da República

PT-AHS-PQ-DOC-163 < <http://www.ahsocial.ics.ulisboa.pt/atom/transcricao-do-telegrama-enviado-ao-presidente-da-republica-francois-mauriac-georges-duhamel-francois-joudain-e-outros>>

Transcrição do original

Monsieur le President de la République Portugaise.

Portugal

Ayant connaissance prisons jeunes par avoir exprimé opinion sujet differend Goa dont poète Agostinho Neto. stop Extreme gravité etat santé Herminio Marvão prions respectueusement V. Ex. user son pouvoir pour permettre hospitalisation immediate Herminio Marvão et mise en liberté provisoire Herminio Marvão, compagnons Veloso Ramos Almeida Maria Cecilia Hernani Silva et Neto.

Les Écrivains français:

François Mauriac et Georges Duhamel (Academia Française

François Jourdan, Stanislas Firmet, Claude Roy, René Gonglet, René Mau-blanc, Charles Vidrac, Martin Chauffier et Claude Aveline

22-Novembre 1955

Tradução normalizada

Senhor Presidente da República Portuguesa

Portugal

Tendo conhecimento [da] prisão [de] jovens por terem exprimido opinião sobre [o] diferendo [de] Goa, entre os quais [o] poeta Agostinho Neto [e da] extrema gravidade [do] estado [de] saúde [de] Herminio Marvão[,] pedimos

respeitosamente [a] V. Ex.^a que use [o] seu poder para permitir [a] hospitalização imediata [de] Hermínio Marvão e [a] liberdade provisória [de] Hermínio Marvão [e dos seus] companheiros Veloso[,] Ramos Almeida[,] Maria Cecília[,] Hernâni Silva e Neto.

Os escritores franceses:

François Mauriac¹ e Georges Duhamel² (Academia Francesa)

François Jourdan, Stanislas Fumet³, Claude Roy⁴, René Gonglet, René Maublanc⁵, Charles Vidrac⁶, Martin Chauffier⁷ et Claude Aveline⁸

22 [de] Novembro [de] 1955

¹ François Mauriac (1885-1970), escritor francês, galardoado com o Prémio Nobel da Literatura em 1952.

² Georges Duhamel (1884-1966), escritor e poeta francês.

³ Stanislas Fumet (1896-1983), ensaísta, poeta, editor e crítico de arte francês.

⁴ Claude Roy (1915-1997), poeta e ensaísta francês.

⁵ René Maublanc (1891-1960), filósofo francês.

⁶ Charles Vildrac (1882-1971), poeta, dramaturgo e ensaísta francês.

⁷ Louis Martin-Chauffier (1894-1980), nome adotado por Louis Martin, jornalista e escritor francês.

⁸ Claude Aveline (1901-1992), pseudônimo de Evgen Avtsine, poeta e escritor francês.

DR. AGOSTINHO NETO

Sir,—News from Angola is discouraging of any belief in a rapid and reasonable settlement there. Yet it seems likely that the status quo ante can never be restored after this year's events; and that Dr. Salazar's Government, like other imperial administrations, will have to accept African participation in the running of African affairs. Deliberate attempts to eliminate educated Africans, as reported from various sources, including some of the missionary societies in Angola, therefore seem especially short-sighted as well as deplorable on human grounds.

Whatever the general truth of these alarming reports, we wish to draw your urgent attention and that of your readers to the plight of one of Angola's outstanding men, the writer Agostinho Neto, whose life, there is reason to fear, may now be in serious danger. It is not too much to say that the importance of Agostinho Neto in Portuguese-speaking Africa is comparable with that of Léopold Senghor in French-speaking Africa. We believe that every effort must now be made to save this distinguished poet of Portuguese Africa's nationalist awakening.

Of Kimbundu origin, Neto has never concealed his nationalist sympathies. He was twice arrested while still a student in Portugal. After returning to Angola in 1959 he was again arrested in June, 1960, and transferred to indefinite residence on the Cape Verde island of Santo Antão. It would add a signal tragedy to the many that have occurred this year if Neto should now be made the victim of events which have taken place since his arrest. May we, through you, appeal to the Portuguese Government to release Neto so that he may take up his life again in some country of the west. This act of generosity could only redound to Portugal's credit in the world.

Yours faithfully,

**BASIL DAVIDSON, C. DAY LEWIS,
DORIS LESSING, IRIS MURDOCH, JOHN
OSBORNE, KENNETH TYNAN, JOHN
WAIN, ANGUS WILSON.**

London.

Visão ampliada do texto publicado em *The Times*, Londres, 2 de agosto de 1961, p. 13

Transcrição

DR. AGOSTINHO NETO

Sir, – News from Angola is discouraging of any belief in a rapid and reasonable settlement there. Yet it seems likely that the status quo ante can never be restored after this year's events; and that Dr. Salazar's Government, like other imperial administrations, will have to accept African participation in the running of African affairs. Deliberate attempts to eliminate educated Africans, as reported from various sources, including some of the missionary societies in Angola, therefore seem especially short-sighted as well as deplorable on human grounds.

Whatever the general truth of these alarming reports, we wish to draw your attention and that of your readers to the plight of one of Angola's outstanding men, the writer Agostinho Neto, whose life, there is reason to fear, may now be in serious danger. It is not too much to say that the importance of Agostinho Neto in Portuguese-speaking Africa is comparable with that of Léopold Senghor in French-speaking Africa. We believe that every effort must now be made to save this distinguished poet of Portuguese Africa's nationalist awakening.

Of Kimbundu origin, Neto has never concealed his nationalist sympathies. He was twice arrested while still a student in Portugal. After returning to Angola in 1959 he was again arrested in June, 1960, and transferred to indefinite residence on the Cape Verde island of Santo Antão. It would add a signal tragedy to the many that have occurred this year if Neto should now be made the victim of events which have taken place since his arrest. May we, through you, appeal to the Portuguese Government to release Neto so that he may take up his life again in some country of the west. This act of generosity could only redound to Portugal's credit in the world.

Yours faithfully,

BASIL DAVIDSON¹, C. DAY LEWIS², DORIS LESSING³, IRIS MURDOCH⁴, JOHN OSBORNE⁵, KENETH TYNAN⁶, JOHN WAIN⁷, ANGUS WILSON⁸.

London.

¹ Basil Davidson (1914-2010), jornalista, historiador e africanista inglês, especialista no período colonial dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa.

² Cecil Day-Lewis (1904-1972), poeta e escritor irlandês.

³ Doris Lessing (1919- 2013), nome adotado por Doris May Tayler, escritora inglesa que ganhou o Prémio Nobel da Literatura de 2007.

⁴ Iris Murdoch (1919-1999), escritora e filósofa irlandesa.

⁵ John Osborne (1929-1994), dramaturgo, argumentista e ator inglês.

⁶ Kenneth Tynan (1927-1980), crítico teatral e escritor inglês.

⁷ John Wain (1925-1994), poeta, romancista e crítico inglês.

⁸ Angus Wilson (1913-1991), romancista e contista inglês.

Agostinho Neto pertence à História, não pertence aos políticos. (DN, 19 set.)

Mas o povo eram homens e mulheres que se apinhavam de um e de outro lado do passeio, que saltavam muros e corriam ruas, para apanharem o percurso mais à frente. Mas imenso que as diversas organizações militares e políticas e policiais tentavam conter, para o cortejo poder seguir a sua marcha. Mas que também exerciam esta tarefa a chorar, procurando conter as lágrimas e que, de vez em quando, escondiam com o braço que segurava a metralhadora. (*Expresso, 15 de set.*)

Com Agostinho Neto desaparece uma memória histórica de luta comum, de fraternal itinerário. Não foi ele o único, mas foi um dos poucos que chegaram, com firmeza e numa total entrega, ao fim da jornada. Não foi só o dirigente reconhecido, o chefe político do movimento de libertação nacional com mais profundas raízes em Angola, foi o fundador de Angola-Nação. (*DL, 12 set.*)

Talvez suceda que a História, tal como aconteceu em muitas das outras vezes, não dê razão a nenhuma das visões extremadas de Agostinho Neto. Não dê razão àqueles que dele têm uma imagem que quase atinge o panegírico fácil e de conveniência ideológica. Nem dê razão àqueles que dele têm uma imagem que quase atinge o ódio vesgo, por conveniência ideológica. (*Marcelo Rebelo de Sousa*)

Neto não discursava nunca, mesmo perante uma multidão: falava, muito calmamente, de um modo conversado, interlocutório, que cada ouvinte tinha a sensação de lhe ser individualmente dirigido. E todavia não poupava as verdades mais duras, era mesmo sobre elas que mais se demorava; e a sua impressionante modéstia tornava ainda mais persuasiva uma intransigência de ferro em questões de fundo. (*Óscar Lopes*)

É absolutamente respeitável que cada um venere os seus mortos, assim como nada há que opor a que cada facção queira ter os seus mártires privativos e os povos decidam quem são os seus heróis. Mas não se encontra fundamento para que este respeito pelas opções alheias implique a obrigação para cada outro homem, facção, ou povo, esquecerem os seus mortos, esquecerem os seus mártires e silenciarem os seus heróis. (*Adriano Moreira*)

Pois uma lágrima apenas, em nós, não chega para turvar a voz. Os que sofreram são mais que os mortos. Não é possível. É. Os mortos enterram-nos os vivos. Sofrem. Lúcio, houve quem me dissesse que chorou. Mas enquanto falava. (*Orlando da Costa*)

Mão vale a pena responder